



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

ALINE DE KASSIA MALCHER LIMA

“Em auxílio dos seus”: Mutualismo espanhol numa cidade Amazônica
(Belém-Pará, 1890 – 1920).

Belém – Pará

2021

ALINE DE KASSIA MALCHER LIMA

“Em auxílio dos seus”: Mutualismo espanhol numa cidade Amazônica

(Belém-Pará, 1890 – 1920).

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia – Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em História Social da Amazônia.

Linha de Pesquisa: Etnicidade e Territorialidades: usos e representações.

Orientador: Dr. Francivaldo Alves Nunes.

Belém – Pará

2021

“Em auxílio dos seus”: Mutualismo espanhol numa cidade Amazônica

(Belém-Pará, 1890 – 1920).

ALINE DE KASSIA MALCHER LIMA

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia – Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em História Social da Amazônia.

Aprovada em: 26 de Fevereiro de 2021

Banca Examinadora:

Dr. Francivaldo Alves Nunes (Orientador – PPHIST/UFPA)

Dr.^a Franciane Gama Lacerda (Avaliador Interno – PPHIST/UFPA)

Dr.^a Edilza Joana Oliveira Fontes (Avaliador Interno– PPHIST/UFPA)

Dr.^a Maria Luiza Ugarte Pinheiro (Avaliador Externo – PPGH/UFAM)

Belém – Pará

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L732a Lima, Aline de Kassia Malcher.
"Em Auxílio dos seus" : Mutualismo espanhol numa cidade
Amazônica (Belém-Pará, 1890-1920). / Aline de Kassia Malcher
Lima. — 2021.
149 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em História, Belém, 2021.

1. Imigração. 2. Mutualismo. 3. Espanhóis. 4. Cidade. 5.
Belém. I. Título.

CDD 325.1

*Para Marcelo Lobo,
por realizar meus sonhos.*

Agradecimentos

Esta dissertação para além do esforço por mim dedicado foi construída graças ao carinho, atenção e bondade que algumas pessoas tiveram comigo ao longo de seis anos dando todo o apoio e incentivo necessário até sua conclusão.

Não existem palavras suficientes pra agradecer a Manuel Malvar Gonzalez e sua família desde a primeira visita fui recebida com entusiasmo pela pesquisa e graças aos documentos, livros, fotos entre outros objetos guardados, muitas perguntas foram sanadas e este trabalho ganhou forma e sentido. À eles sou extremamente grata.

Agradeço ao Randy Rodrigues que me cedeu o contato de Manuel Malvar no nosso primeiro contato no Museu de Arte de Belém, uma feliz surpresa do acaso.

Agradeço a prof^a Dr^a. Alexandra Lima da Silva que cedeu com generosidade à publicação de D. Leopoldo D'ozouville, obra disponível somente na Biblioteca Nacional da Espanha, esse gesto demonstra a importância das trocas entre nós historiadores e comprova que este ofício não é tão solitário.

Ao prof^o Haroldo Baleixe por contribuir com a pesquisa me enviando fontes, contatos e relatos saudosos de infância no Centro Galaico do Pará e com a comunidade espanhola de Belém, dando novo fôlego a pesquisa.

Agradeço a meu orientador Francivaldo Nunes por me dar a oportunidade de finalmente apresentar esta pesquisa tão valiosa pra mim. Durante os anos que fiz a seleção apenas na terceira e derradeira tentativa meu projeto foi acolhido pelas mãos do professor Francivaldo, espero que esta dissertação seja digna da confiança recebida.

Agradeço a prof^a Dr^a. Edilza Fontes pelas palavras de incentivo de não desistir deste trabalho e principalmente por suas contribuições dadas no exame de qualificação.

Agradeço igualmente a prof^a Dr^a. Franciane Gama Lacerda pela forma atenciosa que me orientou ao longo da disciplina de Linha de pesquisa e apontamentos no exame de qualificação, mudou minha percepção em relação à pesquisa.

À minha mãe Júlia, minha irmã Bianca por não me deixar pelo caminho em momentos muito difíceis, são a prova de que ainda existe amor na família Malcher.

À minha sogra querida e a família do Marcelo, que me receberam com tanto carinho, me abrigaram e deram apoio sempre que necessário, são hoje minha família.

Aos meus amigos e colegas que contribuíram à realização deste estudo com diálogos fundamentais, apoio e carinho em momentos difíceis.

A realização deste trabalho foi possível graças ao apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que financiou o desenvolvimento da pesquisa, assim como a minha participação em eventos nacionais proporcionando o contato e debates importantes com outros pesquisadores sobre imigração por dois anos, sou grata e luto pra preservar suas políticas de incentivo a pesquisas tão importantes para o desenvolvimento do Brasil.

Agradeço a Universidade Federal do Pará e ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia e seus docentes por terem contribuído com a minha formação e crescimento nesses anos de mestrado.

Por fim, agradeço meu querido e amado Marcelo que esteve ao meu lado em toda jornada até nas piores crises de ansiedade e depressão agravadas, sobretudo pela pandemia, quando nem eu queria estar comigo você esteve, com companheirismo, bom humor, carinho e compreensão. Meu amor, te agradeço por ser tão dedicado e amoroso, essa dissertação é sua também, sem você certamente essa conquista não seria possível.

Sumário

Abreviaturas.....	09
Lista de Gráficos.....	09
Lista de Mapas.....	09
Lista de Quadros.....	09
Lista de Tabelas.....	09
Lista de Figuras.....	10
Resumo.....	11
Abstract.....	12
Introdução.....	13
CAPÍTULO I – A IMIGRAÇÃO ESPANHOLA NO PARÁ: DE ELDORADO A INFERNO VERDE, 1890-1920.....	21
1.1 - A AMAZÔNIA COMO MUNDO NOVO.....	22
1.2 - A AMAZÔNIA COMO INFERNO VERDE.....	39
1.3 - SOB A SOMBRA DA SERINGUEIRA: ESPANHÓIS EM BELÉM.....	52
CAPÍTULO II – LUTAS, MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS: MUTUALISMO ESPANHOL NO PARÁ.....	67
2.1 – SOCIEDADE ESPANHOLA DE SOCORROS MUTUOS.....	73
2.2 - A CISÃO DA SOCIEDADE ESPANHOLA DE SOCORROS MÚTUOS: ENTRE UNIÃO E SEPARAÇÃO.....	81
2.3 - “PARA ESPANHA E PELOS ESPANHOIS”.....	85
2.4 – FESTEJOS E MARCOS SIMBÓLICOS.....	93
CAPÍTULO III – O CENTRO GALAICO DO PARÁ: REGIONALISMOS E NACIONALISMO.....	98
3.1 – NAS RUAS E SALÕES: IDENTIDADES E SOCIABILIDADE.....	99
3.2 – EXPOSIÇÃO GALLEGA DE 1909: EM BUSCA DA MODERNIDADE.....	110
3.3 – CULTURA LETRADA, REGIONALISMO E IDENTIDADE NACIONAL.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
FONTES.....	133
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	137
ANEXOS.....	142

ABREVIATURAS

SESM – Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos.

CGP – Centro Galaico do Pará.

UESM – União Espanhola de Socorros Mútuos.

HDBN – Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

APEP – Arquivo Público do Estado do Pará.

CMA – Centro de Memória da Amazônia.

TJE – Tribunal de Justiça do Estado do Pará.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Movimento de entrada de tripulantes e passageiros no porto de Belém.....41

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Mapa da Espanha, microrregiões e províncias.....100

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Hotéis e hoteleiros de Belém, 1918.....60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ruas de Belém e Residentes espanhóis.....63

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Escritório de imigração ao Pará – Plaza de Palacio, 14; Barcelona.....	24
Figura 2 – Linha de vapores de Vigo ao Norte do Brasil.....	27
Figura 3 – Manuel Parada Corbacho, 1920.....	37
Figura 4 – Membros da colônia espanhola em Manaus, 1910.....	37
Figura 5 – Dedicatória produzida pela colônia Espanhola em Manaus.....	38
Figura 6 – Inauguração do primeiro trecho do novo cais de Belém do Pará, 1909.....	39
Figura 7 – Rua Fructuoso Guimarães.....	62
Figura 8 – Junta Diretiva do Centro Galaico del Pará, 1926.....	72
Figura 9 – Cônsul da Espanha no Pará.....	75
Figura 10 – Convocação de Assembleia Geral.....	82
Figura 11 – Presidente da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos.....	82
Figura 12 – Assembleia Geral Extraordinária.....	85
Figura 13 – Sede da União Espanhola e sua Junta Diretiva.....	86
Figura 14 – Celestino Cereijo.....	92
Figura 15 – Celebração do 2 de maio em Belém, 1917.....	95
Figura 16 – Lisardo Dias Gonzalez, correspondente do <i>Vida Gallega</i> no Pará.....	103
Figura 17 – 11º Aniversário do Centro Galaico do Pará.....	106
Figura 18 – Celebrações no Centro Galaico do Pará, 1916.....	107
Figura 19 – Salão de Festas do Centro Galaico do Pará, 1919.....	108
Figura 20 – Objetos enviados pelo Centro Galaico do Pará expostos em Santiago de Compostela, 1909.....	112
Figura 21 – Comissão responsável por enviar objetos a exposição de Santiago.....	114
Figura 22 – Membros do Centro Galaico do Pará e suas esposas, 1910.....	118
Figura 23 – Junta Diretiva do Centro Galaico do Pará, 1919.....	119
Figura 24 – Biblioteca do Centro Galaico do Pará.....	122

RESUMO

Na virada do século XIX para o XX a cidade de Belém sofreu intensas modificações promovida pela economia da borracha, produto de maior exportação no período, nesse contexto a cidade de Belém experimentou a chegada de um número expressivo de migrantes nacionais e internacionais movidos pelo ensejo de enriquecer com a oportunidade que esta terra proporcionava e propagandeava. Os espanhóis configuram como o segundo maior grupo expressivo dessa leva de imigrantes estrangeiros para a cidade de Belém. Oriundos em sua maioria da região da Galícia, muitos emigrados se estabeleceram no contexto urbano e criaram redes de sociabilidade e solidariedade por meio do associativismo. Diante deste contexto, esta dissertação analisou o processo de construção das associações mutualistas de auxílio a imigrantes espanhóis. A problemática se detém em compreender como as estratégias de sobrevivência dos espanhóis que chegam à Amazônia no início do século XX são acionadas por meio das associações de socorros mútuos em Belém, particularmente a Union Española de Socorros Mútuos e o Centro Galaico del Pará. As associações mutualistas étnicas dos emigrantes se configuram como um verdadeiro marco simbólico de territorialidade. Por meio de um acervo de fontes diversas foi possível compreender a dinâmica de funcionamento do mesmo. Neste sentido, a memória dos imigrantes em relação à pátria é preservada e os laços mantidos com ela estão presentes no decorrer da existência dos centros associativos espanhóis como uma forma de expressão e pertencimento, sendo estes plataformas de interlocução política e social.

Palavras-chave: Imigração; Mutualismo; Espanhóis; Cidade; Belém.

ABSTRACT

At the turn of the 19th to the 20th century, the city of Belém underwent intense changes promoted by the rubber economy, the product of greatest export in the period. In this context, the city of Belém experiences the arrival of a significant number of national and international migrants moved by the opportunity of enrich with the opportunity that this land provided and propagandized. The Spaniards are the second largest group of foreign immigrants to the city of Belém. Most of them emigrated from Galicia, settling in the urban context and creating networks of sociability and solidarity through associations. The research object is the mutual aid associations for Spanish immigrants. The problem is to understand how the survival strategies of the Spaniards who arrived in the Amazon in the beginning of the 20th century are activated through the mutual aid associations in Belém, particularly the Union Española de Socorros Mútuos and the Centro Galaico del Pará. Ethnic mutualists of emigrants are configured as a true symbolic landmark of territoriality. Through a collection of different sources it was possible to understand the dynamics of its operation. In this sense, the memory of immigrants in relation to their homeland is preserved and the ties maintained with it are present throughout the existence of Spanish associative centers as a form of expression and belonging, these being platforms for political and social dialogue.

Keywords: Immigration; Mutualism; Spanish; City; Belém.

Introdução

Manuel Malvar Gonzalez, natural do Noroeste da Espanha, região da Galícia, ainda jovem decidiu emigrar para o Brasil no ano de 1955, especificamente ao Estado do Pará.¹ Ele foi atraído por meio de uma rede de espanhóis já estabelecidos em Belém, fruto das primeiras levas de imigrantes que ingressaram na região ainda no bojo dos projetos de desenvolvimento agrícola. Sua presença em terras amazônicas marca um processo iniciado na primeira década da República brasileira, ele compôs uma das últimas gerações de imigrantes espanhóis no Pará que deram continuidade a prática do associativismo mutualista.

Em Belém exerceu atividades ligada à marcenaria, marchetaria, além de produzir várias obras de arte em madeira. Também exerceu o cargo de secretário do Centro Galaico do Pará, e neste foi introduzido por meio de familiares que já faziam parte de tal associação. Tais redes podem ser notadas no documento expedido pela polícia marítima da imigração brasileira, em que é destacado que Manuel Miguez Godoy, futuro presidente do Centro Galaico do Pará, chegou à Belém por intermédio de Dolores Perez Godoy em 1950, contratado sob a designação de pedreiro.²

O associativismo espanhol manteve exercendo suas funções de assistência e auxílio, médico e pecuniário ao longo do século XX. Com o fluxo cada vez menor de entrada dos imigrantes espanhóis no Pará, o número de indivíduos aptos a tornarem-se sócios foi reduzido drasticamente, o que nas palavras de Manuel Malvar Gonzalez, teria levado a extinção do Centro Galaico do Pará.

A presente pesquisa se debruça exatamente sobre as primeiras experiências associativas de imigrantes espanhóis no Pará, particularmente na cidade de Belém. O associativismo mutualista torna-se um problema historiográfico, no sentido de buscar compreender sua amplitude, atuação e reverberação social e política, um fenômeno a ser compreendido em suas especificidades.

Na virada do século XIX para o XX, Belém tornou-se espaço de atração de milhares de estrangeiros e nacionais, a reboque de uma economia cada vez mais dinâmica em um contexto de projetos de desenvolvimento agrícola, e diante da necessidade de lidar com

¹ Entrevista realizada com Manuel Malvar Gonzalez, 02/03/2020.

² Manuel Miguez Godoy. Brasil, Cartões de Imigração, 1900-1965. Disponível em <https://www.familysearch.org>

o fim da escravidão no Brasil e as aspirações de construção de uma sociedade moderna e higienizada de acordo com os ideais raciais em voga. Portugueses, italianos, ingleses, barbadianos e espanhóis adentraram o Pará, parte destes fixaram-se na capital, tornando o cenário urbano multicultural, com tensões envolvendo as dimensões do trabalho, lazer e identidades.

A entrada de estrangeiros em território paraense não foi um fenômeno exclusivo das primeiras décadas da República. Como destaca Mábía Aline, os portugueses tiveram um grande papel na economia paraense ao longo do século XIX, mesmo na segunda metade do oitocentos,³ isto por si já torna familiar a relação do então Grão-Pará com o mundo ibérico, contudo a imigração aqui é tomada não pelo viés de trânsito espontâneo, e sim diante de um contexto que foi planejada como forma de obtenção de mão de obra, o que já estava em discussão no Brasil desde a segunda metade do século XIX visto a legislação emancipacionista indicar o fim gradual da escravidão.

A historiografia paraense tem discutido e trabalhado a temática do imigrante de forma contundente, neste sentido o trabalho de Edilza Fontes deu o devido destaque a participação de portugueses na economia, cotidiano e no mundo do trabalho paraense, entre padeiros e criadas, os portugueses tornaram-se sujeitos ativos na cidade de Belém,⁴ entrando em conflitos com autoridades policiais, políticas, com outros imigrantes, incluído os espanhóis. Maria Roseane Corrêa, deu o devido destaque a introdução de barbadianos na Amazônia, ampliando a noção dos processos de atração de força de trabalho estrangeira, indo além da perspectiva de fortalecimento de uma política de eugenia, e racialização.⁵

Em relação aos espanhóis no Pará, trabalhos pioneiros como os de Elda Gonzalez Martinez e Maria de Nazaré Sárges destacam a atração destes diante dos projetos de formação das colônias agrícolas. Maria de Nazaré Sárges, apresenta a circulação e influência dos espanhóis em Belém, entre conflitos do cotidiano, a introdução de costumes e práticas como as touradas realizadas no Coliseu Paraense.⁶ Estas autoras

³ SALES, Mábía Aline Freitas. Negócios e negociantes lusitanos: o comércio dos portugueses em Belém nos meados do Oitocentos. Tese (Doutorado em História Social), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

⁴ FONTES, Edilza Joana Oliveira. Preferem-se português(as): trabalho, cultura e movimento social em Belém do Pará (1885-1914). Belém: Edit. Aedi, 2016. E-book.

⁵ LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. Barbadianos negros e estrangeiros: trabalho, racismo, identidade e memória em Belém de início do século XX. Tese – Universidade federal Fluminense, Departamento de História, 2013.

⁶ SÁRGES, Maria de Nazaré. “As corridas de touros e as associações de migrantes galegos: a construção do imaginário ibérico na “Nova Jerusalém” (Belém XIX/XX)”. In: José Luís Ruiz Peinado (org.). Atlântico

permitem pensar a participação dos espanhóis no Pará para além de seus números, que em perspectiva comparada com outras capitais brasileiras como São Paulo e Rio de Janeiro, Belém tem números mais modestos, porém não menos importante no cotidiano.

Rubens da Silva Ferreira e Erica Elaine Costa produziram interessante estudo a partir das passagens concedidas pelo governo paraense a fim de atrair trabalhadores espanhóis, e por meio de uma análise quantitativa indicam que mesmo que em menor número, as mulheres espanholas também fizeram parte deste fluxo de sujeitos atraídos por promessas de terras e trabalho.⁷ Certamente os trabalhos sobre a imigração espanhola ao Pará dão a devida ênfase na participação dos espanhóis na formação dos núcleos coloniais agrícolas, e nas agruras que tais sujeitos vivenciaram. Francisco Pereira Smith Junior acompanha tal processo, tanto de atração dos espanhóis como das dificuldades enfrentadas em solo paraense, em sua tese a indicação de que grande parte dos espanhóis que aqui aportaram foram oriundos do noroeste da Espanha, revelando que tais sujeitos não devem ser pensados de maneira homogênea, e sim diante de suas especificidades, sejam étnicas ou em relação ao perfil de atividades de trabalho. Neste sentido o recente trabalho de João Paulo da Silva acentua o grau de autonomia que os galegos possuíam quanto a escolha da região para onde imigrariam, e mensura o processo de imigração tanto a nível de fatores estruturais, quanto as perspectivas individuais que não necessariamente se coadunaram com os modelos explicativos da imigração no início do século XX.

Em escala mais ampla os trabalhos de Erica Sarmiento e Blanco Rodriguez produzem uma análise teórica e empírica contundente acerca das associações de espanhóis nas Américas. Mostrando a importância do associativismo enquanto fenômeno histórico, neste sentido, os trabalhos sobre a presença espanhola no Pará, ainda carecem de análises mais densas, certamente em virtude da escassez de fontes sobre as mesmas. Adriano Craveiro mergulhou em uma série de estatutos de associações mutuais e sindicais no Pará nas primeiras décadas da República, e neste sentido pode-se destacar que o

imaginado: fronteiras, migrações e encontros. 1ª ed. Madrid: Ministério do Trabalho e Imigração – Subdireção Geral de Informação Administrativa e Publicações, 2010.

⁷ FERREIRA, Rubens da Silva & COSTA, Erica Elaine. Compreendendo a Imigração Espanhola no Pará (1896 – 1899): um estudo a partir das passagens grátis como fonte de informação. In: TransInformação, V. 23, nº 1, 2011.

mutualismo foi um fenômeno paralelo ao sindicalismo, não pensado aqui como uma etapa pré-sindical.⁸

Diante de tal cenário historiográfico, na presente dissertação analiso a atuação de associações mutualistas de espanhóis no Pará.

No primeiro capítulo apresento a presença e circulação de trabalhadores espanhóis em Belém, entre aqueles que conseguiram certa ascensão social, tornando-se capitalistas, e a maior parte que se manteve vinculada a atividades profissionais mais modestas, como criadas, jornaleiros, sapateiros e serventes. A atração destes sujeitos se processou diante das necessidades do Governo do Estado de cooptar mão de obra para os projetos de desenvolvimento agrícola, com a criação de núcleos coloniais agrícolas pelo interior do Pará. Neste sentido, o governo recorreu ao uso de agenciadores, os chamados “ganchos”, que atuavam na Espanha divulgando as vantagens da emigração ao Estado do Pará.

Entre os agenciadores de mão de obra espanhola consta o contrato do Estado com Francisco Cepeda, responsável pelas primeiras levas de imigrantes espanhóis introduzidos no Pará a partir de 1895. Na Espanha, por meio dos periódicos, foi possível verificar que estes ganchos, muitas vezes ludibriavam os espanhóis, cobrando valores indevidos por passagens, ao mesmo tempo que buscavam enganar os governos a quem prestavam serviço, embarcando sujeitos que fugiam do perfil exigido pelos contratos.

Diante dos desafios da travessia atlântica, a chegada em Belém com rápida passagem pela hospedaria dos imigrantes no distrito de Outeiro, seguido de seu deslocamento para os núcleos coloniais agrícolas também ensejaram perigos e dificuldades.⁹ A instalação e vida nos núcleos agrícolas não corresponderam às expectativas lançadas pela propaganda difundida na Espanha, dificuldades de adaptação ao clima, tensões interétnicas, e o não cumprimento das promessas efetuadas pelo governo do Estado em relação ao fornecimento de suprimentos e ferramentas para a produção.

Se as dificuldades enfrentadas nos núcleos coloniais levaram aos espanhóis a não permanecerem no local, a economia da borracha ainda muito lucrativa, manteve o Pará como local de atração destes sujeitos que buscavam escapar de uma Espanha cada vez

⁸ OLIVEIRA, Adriano Craveiro de. Trabalhadores na Primeira República no Pará (1860-1930): estudos sobre organizações e greves de uma classe em formação. Dissertação de Mestrado; PPHIST/UFPA, 2019.

⁹ SILVA, Moisés Emerson. A Hospedaria de Imigrantes do Outeiro; cotidiano e funcionamento (1894-1903). Monografia de conclusão de curso; Faculdade de História, Universidade Federal do Pará, 2013.

mais tensa e conflituosa. Pequenos grupos de espanhóis conseguiam angariar capital por meio do comércio da borracha, incitando a construção de relações comerciais mais sólidas entre Brasil e Espanha. Em Belém a presença de espanhóis no setor hoteleiro se destacou, estes buscavam auferir vantagem diante dos inúmeros trabalhadores dos seringais que periodicamente deslocavam-se do interior da floresta para a capital do Estado.

Para além da economia gomífera, a construção de obras de infraestrutura tais como as ferrovias, também foi fator de atração da mão de obra imigrantista especializada, o inspetor de imigração espanhol Leopoldo D'ozouville indicou a existência de ao menos 400 espanhóis nas obras da ferrovia de *Alcobaça* no Pará.

Neste sentido, a construção da Ferrovia Madeira-Mamoré ensejou a contratação de centenas de espanhóis que haviam trabalhado em obras ferroviárias no Caribe, culminando no caso do vapor norueguês *Amanda*, que saiu de Cuba em direção a Porto Velho com mais de 300 operários espanhóis. Tal caso, logo transformaria a visão em relação à imigração espanhola para a região norte do Brasil, transfigurando de uma visão positiva em uma perspectiva de desventuras e terror, tornando a Amazônia, na visão de vários periódicos espanhóis em um inferno verde. Por fim, tal capítulo demonstra que diante dos inúmeros desafios enfrentados por estes imigrantes, o associativismo tornou-se um instrumento fundamental de sobrevivência da colônia espanhola.

O segundo capítulo apresenta o fenômeno do mutualismo como estratégia e forma de atuação coletiva. O mutualismo entendido enquanto fenômeno histórico se consolidou entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Neste sentido, estudar a imigração ao Brasil implica em analisar o mutualismo imigrantista, ou étnico. Segundo Elda Gonzalez Martinez havia certo ditado que dizia que “onde quer que se reúnam três imigrantes, inevitavelmente surgiram pelo menos quatro associações, e um periódico”.¹⁰

Esta afirmação se mostra verdadeira para o caso da cidade de Belém que nos anos de 1890 a 1980 teve, mesmo que de modo inconstante, quatro espaços de atuação de imigrantes espanhóis; o Cassino Espanhol, a Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos, União Espanhola de Socorros Mútuos e o Centro Galaico do Pará, estas duas últimas

¹⁰ MARTINEZ, Elda Gonzalez. Tres inmigrantes, cuatro centros, um periodico... Las asociaciones españolas em Brasil. In: El Asociacionismo em La Emigración Espanola a América. Org. Junta de Castilla Y León, Juan Andres Blanco Rodriguez. Editora UNED – Zamora; 2008 p. 366.

perduraram até meados do século XX. Destaco que o associativismo mutualista não é tido aqui como etapa para a consolidação do movimento sindical, e sim um fenômeno a parte, paralelo muitas vezes se contrapondo ao sindicalismo.

As associações mutualistas, tornaram-se espaços de interlocução política com autoridades e comunidades locais, difundiam valores, e normas de conduta moral atrelados ao ideal de civilidade em voga. Para os espanhóis que permaneceram em Belém o associativismo prestou serviços de assistência médica, pecuniária e promoveu espaços de sociabilidade e lazer, buscou resgatar a identidade pátria por meio da evocação de símbolos, efemérides e valorização da cultura espanhola. Em Belém a colônia espanhola mostrou-se heterogênea com o surgimento de duas associações mutuais com diretrizes distintas, sendo elas a União Espanhola de Socorros Mútuos (1905) e o Centro Galaico do Pará (1907).

Neste capítulo apresento o surgimento de tais associações após a ruptura da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos entre 1904 e 1905. Demonstro a atuação da União Espanhola de Socorros Mútuos (UESM) como um espaço de territorialidade simbólica, promovendo festejos, aulas, atuando em favor dos seus ao buscar recursos para a repatriação. Ao privilegiar uma ampla noção de identidade hispânica, os membros da UESM construía a representação de uma “colônia espanhola” ilustrada, moderna e homogênea, uma comunidade pretendida.

No terceiro capítulo trato especificamente do Centro Galaico do Pará (CGP). A imigração espanhola no Pará foi marcada pela forte presença de sujeitos oriundos da região da Galícia, e neste sentido carregaram consigo o forte elo identitário regional. O termo galego no Brasil de meados do século XIX e início do XX carregava sentidos que atribuíam valores negativos a tal identidade, muito em função da presença portuguesa a quem se atribuíam a alcunha de galego, como indica Gladys Sabina ao analisar o antilusitanismo no Rio de Janeiro.¹¹ Neste sentido os espanhóis, naturais da região da Galícia que aqui aportaram tiveram que remodelar suas representações e construir outro imaginário sobre si diante da comunidade local.

Certamente a imigração na região da Galícia marcou profundamente a sua população, que mantém ainda hoje vivo na memória tal processo que seguiu várias ondas

¹¹ RIBEIRO, Gladys Sabina. A liberdade em construção. Identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado. Rio de Janeiro: FAPERJ/Relume Dumará, 2002.

ao longo do século XX, como indica Pilar Cagio Vila: “en cada casa gallega existe rastro de un pasado migratorio que afectó a varias generaciones”.¹² Neste sentido, a atuação do Centro Galaico do Pará ocorreu de modo a manter os laços culturais, e de estabelecimento de uma rede de associações de imigrantes galegos na América, recebendo correspondência dos centros de Montevideo, Buenos Aires, Havana, São Paulo, e um contínuo contato com a Espanha por meio do periódico *Vida Gallega*, no qual um dos membros da junta diretiva foi correspondente.

Uma das dimensões exploradas no terceiro capítulo, foi a participação da colônia galega do Pará na exposição internacional galega de 1909, em Santiago de Compostela. Com auxílio de figuras políticas tais como Antônio Lemos, foi possível ao CGP participar da exposição de modo a buscar estabelecer relações comerciais com a Espanha, além de buscar consolidar uma visão positiva da colônia galega, como moderna e ilustrada.

O CGP atuou de maneira a prestar assistência médica, e financeira aos seus sócios. Proporcionou a alfabetização de imigrantes por meio de uma escola que teria funcionado em sua sede social, mostrando um amplo campo de atuação para além do previdenciário. O Centro Galaico do Pará também projetou lideranças na comunidade de imigrantes espanhóis em Belém, sendo um espaço tanto de ação coletiva, quanto de aspirações individuais.

O forte regionalismo dos galegos marcou a formulação das diretrizes do CGP, que durante suas primeiras décadas de funcionamento foi um espaço restrito a espanhóis oriundos da Galícia. Neste sentido, a instituição teve de lidar com os desafios de construir um imaginário visando valorizar a identidade nacional espanhola e o forte regionalismo galego. Ao longo das décadas de 1920 e 1930 os conflitos que se processaram em território espanhol, reverberaram nas visões dos sócios do CGP.

Se durante as décadas de 1910 e 1920, foi possível identificar a valorização da figura do Rei Afonso da Espanha, pelos seus patrícios em Belém, o advento da segunda República espanhola em 1931 também teve seu lugar, com o adensamento das tensões que culminariam da guerra civil espanhola, o CGP passa a demonstrar afinidades com as aspirações das tropas franquistas, emitindo uma longa nota de apoio publicada em periódicos espanhóis em 1937. Por fim, o que se pode identificar e afirmar, é que o

¹² VILA, Pila Cagio. GALICIAN INITIATIVES ON MIGRATION MEMORY. Americanía. Revista de Estudios Latino americanos. Nueva Época (Sevilla), n.12, jul-dic, 2020, p. 12.

associativismo galego em Belém do Pará, foi se reconfigurando ao entorno de uma pauta que exaltava o nacionalismo espanhol, ao mesmo tempo que buscou manter a cultura galega.

Nas páginas a seguir o leitor irá se deparar com uma dimensão ainda pouco explorada da imigração espanhola no Pará, a dimensão urbana, e as práticas associativas. Para além das influências culturais, os espanhóis que aqui aportaram ajudaram a construir um cenário político polissêmico, onde sindicatos e mutuais atuavam e disputavam como modelos de ação coletiva distintos.

Entre oficinas, cozinhas, casas comerciais e hotéis, parte dos espanhóis em Belém conseguiram construir uma rede de apoio, uma plataforma de reterritorialização cultural e afirmação política. Muito ainda se tem a descobrir quanto às articulações que tais associações produziram na primeira metade do século XX, suas atuações em relação aos conflitos globais que ocorreram, e a formulação de estratégias de sobrevivência em um contexto de construção de direitos, e da nação brasileira.

CAPÍTULO I - A imigração espanhola no Pará: de Eldorado a inferno verde, 1890-1920.

Este capítulo analisa a imigração espanhola e sua relação com a cidade de Belém e com a Amazônia pelo aspecto mais marcante, a sua força de trabalho e suas redes de sociabilidade e solidariedade por meio dos centros associativos, buscando colaborar com a historiografia que procurou revelar esta temática e período. Será explorado as etapas do processo de mobilidade (espacial e social) destes trabalhadores para a Amazônia a partir do estudo de caso do vapor norueguês *Amanda*.

Por meio deste caso, analiso o fluxo de entrada dos imigrantes promovido pelo Estado a fim de direcioná-los aos núcleos colônias. Outros agentes buscaram se valer da mão de obra imigrantista, no caso as empresas responsáveis pelas obras de infraestrutura na Amazônia, que se intensificaram no contexto da economia gomífera. Segundo o inspetor de imigração da Espanha Leopoldo D'ozouville em seu relatório de viagem ao Brasil publicado em 1916, Belém nesta época foi tomada pelos imigrantes enquanto uma “meca” da Amazônia, cidade de passagem e refúgio dos espanhóis.¹³

Diversas dimensões estiveram presentes no processo de imigração espanhola para a Amazônia brasileira, de aspectos que se relacionam a questão do trabalho, família e perpassando pelas relações de sociabilidade, de tal maneira que o estudo da imigração por meio das suas redes de sociabilidade na cidade de Belém permite uma leitura de dimensões até agora pouco estudadas acerca da experiência destes sujeitos, alarga-se quando analisado dentro de uma perspectiva micro-histórica tomando a definição de micro-história elaborada por Giovanni Levi, onde a principal base na qual se assenta é o conceito de “descrição densa”, compreendendo os múltiplos significados das representações construídas coletivamente nestas associações.¹⁴

Deste modo, a construção de uma comunidade espanhola no Pará, e mais especificamente na cidade de Belém, e sua posterior diluição e invisibilização, só pode ser compreendida analisando as múltiplas dimensões da imigração espanhola na Amazônia

¹³ D. Leopoldo D'ozouville de Bardou y Cruz Alvarez. Un Viaje al Brasil: Información acerca de La situación de los emigrados españoles em los Estados de Pará y Amazonas y zona de trabajos de ferrocarril de Madeira – Mamoré. (Madri, 1916), p. 69.

¹⁴ LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-história, *In: A escrita da História*. (Org.) Peter Burke, p. 104-160. Para o conceito de descrição Densa ver: GEERTZ, Clifford. *Interpretação das Culturas*. 1 ed. 13 reimp. – Rio de Janeiro. LTC, 2008.

no final do século XIX. É notável que havia influência da cultura destes imigrantes na cidade, um dos fatos mais evidentes disso são as touradas que ocorriam nas arenas do *Coliseu Paraense* e no *Prado Paraense*.¹⁵

Grande parte dos imigrantes viveram sob condições materiais precárias trabalhando nos mais diversificados ofícios, analisando a estrutura das ocupações dos espanhóis na cidade de Belém por meio dos registros de casamentos cívicos (1897- 1920), se nota que na maioria destes trabalhadores se encontravam adultos com idade entre 20 e 39 anos, com ocupação no comércio e outros serviços da cidade.¹⁶ Eles estiveram articulados em associações recreativas e beneficentes, onde mantinham ainda viva a sua cultura, com os bailes em datas cívicas e literárias¹⁷ o que proporcionava a eles uma maior sociabilidade com seus conterrâneos e exerciam sobretudo a solidariedade com os mesmos.

1.1 A Amazônia como um mundo novo.

Traduzindo as palavras do Barão de Marajó presente no livro de propaganda *Amazônia*, a emigração seria o mais aconselhável aos cidadãos que se encontravam em dificuldades econômicas na Espanha “(...) quando na Europa a área de terra cultivável se estreita, a vida encontra dificuldades crescentes e a miséria aconselha a emigração, a Amazônia apresenta terras infinitamente ricas, uma instalação surpreendente e maravilhosa (...)”¹⁸. Os deslocamentos de espanhóis para a Amazônia estão relacionados com o auge da economia da borracha na qual vieram em sucessivas levas. Incentivados pela propaganda do Brasil na Europa.

¹⁵ SÁRGES, Maria de Nazaré. “As corridas de touros e as associações de migrantes galegos: a construção do imaginário ibérico na “Nova Jerusalém” (Belém XIX/XX)”. In: José Luís Ruiz Peinado (org.). *Atlântico imaginado: fronteiras, migrações e encontros*. 1ª ed. Madrid: Ministério do Trabalho e Imigração – Subdireção Geral de Informação Administrativa e Publicações, 2010.

¹⁶ MALCHER, Aline Lima. “A imigração espanhola na cidade de Belém: Um olhar a partir de documentos cívicos de casamento (1897-1920)”. Monografia de conclusão de curso, Faculdade de História da Universidade Federal do Pará, 2014, p. 29.

¹⁷ Discurso Pronunciado por El Cônsul General de Bolivia D. RODOLFO ARAUZ em la sede social, por ocasião de la conmemoración Del DIA DEL LIBRO ESPAÑOL, El 7 de octubre de 1927, acervo Manuel Malvar.

¹⁸ AMAZONIA. Escritório de emigracion de España y las islas Baleares y canárias al estado del Pará en la República del Brasil. Galicia: J. Barreras 1895, p. 2

“(...) Cuando em Europa el área de las tierras cultivables se estrecha la vida tropieza com dificultades crecientes y la miséria aconseja la emigración, la Amazônia presenta terrenos infinitamente ricos, una facilidad sorprendente y maravillosa (...)”

Podemos identificar em meio a esses indivíduos os que emigraram com destino às colônias agrícolas e os que se dirigiram para a cidade, motivados por cartas de chamadas de parentes que aqui já haviam se instalado e se estabelecido economicamente como o caso de Manoel Lhamas Veiga, espanhol nascido em Zamora. Homem solteiro que chegou em Belém em 1904 e foi direcionado para a cidade de Bragança no interior do Estado do Pará, passando direto para a colônia agrícola de *Benjamin Constant* onde permaneceu por alguns meses somente, e retornou à cidade de Bragança onde abriu um restaurante. Segundo Jose de Oliveira:

Manoel Lhamas com poder econômico razoável, todo ano financiava plantios de fumo aos agricultores da região para ser preferente na compra da produção esta, por sua vez exportada ao Acre, Manaus e Porto Velho-RO.¹⁹

Parte dos imigrantes que adentraram no Pará direcionados aos núcleos coloniais agrícolas acabavam por dedicarem-se a outras atividades, em geral vinculadas ao comércio, seja da própria goma elástica, ou outros produtos com potencial de exportação.

A propaganda em prol da imigração efetuada na própria Espanha traz a figura dos “ganchos”, agentes contratados pelos governos com interesse na mão de obra imigrante, e pelas próprias companhias de navegação. Marília Cánovas indica que estes agentes recebiam de 5 a 10 libras por cada candidato que arregimentavam para imigrar.²⁰ Sabe-se da existência de um escritório para imigração direcionada ao Pará localizado em Barcelona.

¹⁹ OLIVEIRA, José Ribamar Gomes de – De vila Cuera a Bragança - Editora Gráfica Amazônia; Belém, 2008, p. 189.

²⁰ CÁNOVAS, Marília D. Klaumann. Espanhóis na cafeicultura paulista, 1880-1930: protagonistas ou coadjuvantes. Revista História Hoje - Revista Eletrônica de História, Associação Nacional dos Professores Universitários de História, v. 2, 2005, p. 01-16.

Figura 1- Escritório de imigração ao Pará – Plaza de Palacio, 14; Barcelona.²¹



(Livro Amazônia 1895 p. 56)

A imigração subvencionada, adotada pelo governo do Estado do Pará nas décadas finais do século XIX, tinha como objetivo suprir a mão de obra e foi responsável por atrair uma parcela significativa de espanhóis. Maria de Nazaré Sarges analisou alguns aspectos da imigração espanhola ao Pará, observa que houve uma série de medidas adotadas pelo Estado paraense para atrair imigrantes espanhóis, sendo alvo das propagandas, principalmente camponeses para se firmar nos núcleos coloniais. Como lembra a autora, não apenas espanhóis, como grande contingente de pessoas de variadas nacionalidades também aportaram no Pará nesse contexto.²² Para o imigrante o mercado de trabalho no Brasil se mostrava vantajoso diante dos subsídios, da possibilidade de ter acesso à terra, entre outros benefícios que o Estado anunciava pela intensa propaganda imigratória.

Ao Pará se dirigiram fluxos migratórios de várias nacionalidades. Países como Espanha e Portugal, no final do século XIX e início do XX, transformaram-se nos principais países de divulgação da política “imigrantista” amazônica, especialmente a paraense, com o auxílio do governo em subsidiar os custos da imigração. Em publicações divulgadas na Europa como o “*El Para*” a Amazônia foi apresentada como uma terra rica

²¹ Figura 1- Esta imagem esta presente no livro Amazônia 1895 p. 56, que se remete a fazer propaganda da Amazônia brasileira. Foi publicada em espanhol para melhor ser vinculada na Espanha com o intuito de atrair os imigrantes a cidade de Belém. Na propaganda imigratória existe um discurso de grandes vantagens para aqueles que escolhessem a província do Pará como destino.

²² SARGES, Maria de Nazaré. “A Galícia paraense: imigração Espanhola em Belém”. In: T(r)ópicos de História; Gente, espaço e tempo na Amazônia (séculos XVII a XX). ALONSO, José Luis Riz-Peinado; CHAMBOLEYRON, Rafael (org.). Belém; Açaí, 2010.

e promissora. Naquele momento sugerida como a que melhor recompensava aos esforços dos homens trabalhadores na obtenção de conquistas materiais.

Como destaca Paulo Cesar Gonçalves, a imigração europeia para a América ocorrida entre o século XIX até a primeira Guerra Mundial promoveu um movimento gigantesco de homens e mulheres, em um processo marcado por disputas econômicas, fatores de atração e repulsão moveram cerca de 11 milhões de vidas para a América Latina, em grande parte Italianos (38%), espanhóis (28%) e portugueses (11%).²³ Segundo o mesmo autor, uma das dimensões a ser compreendida neste longo processo de imigração foi a consolidação do grande negócio do mercado de braços, o transporte transoceânico de passageiros por meio de vapores, com intermédio de vários agenciadores que buscavam auferir riquezas no bojo de tal movimento.

Neste mercado de braços movimentado pelo governo do Estado do Pará a partir da década de 1890, agenciadores na Espanha tentavam burlar os contratos, ludibriando tanto o governo brasileiro, quanto aos emigrantes espanhóis. Em dezembro de 1896 o periódico espanhol *El Lucense* publicou uma nota sob o título “entre tratantes em carne humana” no qual denunciavam as ações dos recrutadores de emigrantes em Vigo.²⁴

Aos emigrantes para o Brasil

Tendo chegado ao nosso conhecimento, por meio de reclamações e reclamações oficiais do Governo do Estado do Gram-Pará, a lista de inúmeros atos incorretos da Agência Ducay, nesta cidade, como embarque de pessoas indocumentadas, ou com documentos estrangeiros, ou com nomes alterados; já coxos e mutilados inúteis ou tuberculosos e paralíticos, antecipando fiança de 30 ou mais duros, e já idosos septuagenários como supostos pais de jovens que não eram Irmãos; e como exigir e cobrar dos emigrantes desfavorecidos valores de 10, 20, 30 e até 40 duros, sob pretextos incríveis, todos eles injustificáveis, Sr. O Superintendente desta emigração para o Pará julgou necessário despedir o referido Sr. Ducay, com profundo desgosto, por tantas irregularidades desnecessárias e pela falta de equidade que tinha com os infelizes.²⁵ (tradução da autora).

A nota acima foi publicada de maneira completa em outros periódicos da Espanha,²⁶ o que demonstra as dificuldades dos agenciadores sob o comando do governo paraense em arregimentar a pretendida mão de obra dentro da lógica de produção almejada,

²³ GONÇALVES, Paulo Cesar. Mercadores de Braços: riqueza e acumulação na organização da emigração europeia para o novo mundo. São Paulo; Alameda, 2012, p. 18.

²⁴ El lucense: diario católico de la tarde: Num. 3620 (16/12/1896), p. 1.

²⁵ Idem.

²⁶ El Eco de Galicia: diario de la tarde: Num. 3159 (16/12/1896), p.2. La Opinión: diario de Pontevedra: Ano I Número 267 - 23 decembro 1896, p. 3.

homens jovens, solteiros e com uma faixa de idade produtiva a fim de dedicarem-se as atividades agrícolas.

Por isso, comunico aos emigrantes da Galiza, Leão, Zamora, Salamanca e outras províncias:

1º que o sr. Ducay não é mais nosso agente.

2º que não daremos passagem a nenhum emigrante apresentado pelo dito senhor.

3º que estabelecemos o nosso escritório em Vigo, com o propósito de ceder o serviço das agências e evitar a quem emigre gabelas e saques.

4º que não registraremos nenhum emigrante que não se tenha apresentado anteriormente ao cônsul dos Estados Unidos do Brasil neste local e que não traga um panfleto deste senhor em informando que seus documentos foram endossados e que pode embarcar e,

5º que quem deseja reportagens e noticiários referentes ao próspero e florescente Estado do Pará, basta ir até aquele que o assina, Quinto Pinheiro, nesta cidade, e eles serão enviados gratuitamente.

Vigo 12 de dezembro de 1896.

O gerente, Pelayo Cepeda.²⁷ (tradução da autora)

Neste sentido, os agentes tiveram um lugar essencial para o empreendimento da emigração espanhola ao Pará, tanto no âmbito da difusão da propaganda que visou atrair esta mão de obra, quanto na organização da mesma segundo os critérios do Governo brasileiro. Segundo Leopoldo D'ozouville, a publicação intitulada *Espanñoles, leed este folleto antes de emigrar* divulgada por Francisco Cepeda a partir de 1895, produziu uma “verdadeira revolução” na Espanha, particularmente nas províncias do Noroeste.²⁸ Com uma série de ofertas tentadoras, como passagem gratuita, hospedagem e alimentação durante dez dias em Belém, concessão gratuita de lotes de terras de até 25 hectares em qualquer núcleo de escolha do emigrado, além de promessas de atendimento médico durante sua vida nos núcleos coloniais, fornecimento de ferramentas e dinheiro adiantado para sua manutenção inicial. Estas promessas facilmente seduziram milhares de sujeitos dispostos a emigrar em busca de melhores condições.

Segundo o inspetor de imigração, autoridades locais no Pará o informaram que Francisco Cepeda chegou a acumular cerca de 15 milhões de pesetas pelos serviços de contratação de espanhóis. Outras denúncias de abusos cometidos pelos contratantes de espanhóis foram feitas ao inspetor.

Durante a elaboração do plano, a empreiteira cometeu grandes abusos e exorbitâncias de toda espécie, que devem ser evitados de detalhamento, pois o assunto acarretaria problemas muito sérios, limitando-me a afirmar isso contra o Secretário de Cepeda, Sr. Fernandez

²⁷ Idem.

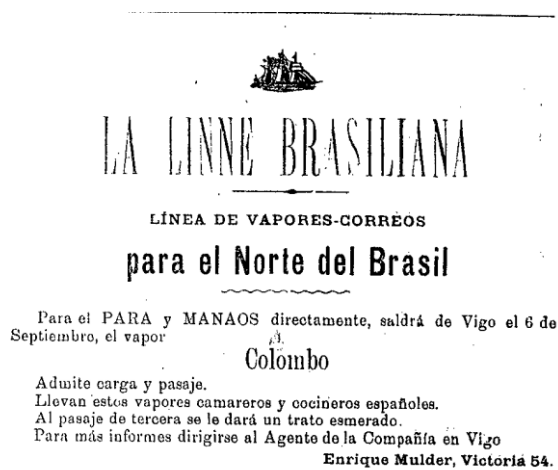
²⁸ D. Leopoldo D'ozouville de Bardou Y Cruz Alvarez. Já citado, p. 84.

Diaz, que era Vice-cônsul, não de carreira, do Pará, as acusações formuladas são tão graves quanto as de entregar as núbeis espanholas à cobiça por personagens significativos da política paraense.²⁹ (tradução da autora)

Os chamados *ganchos* foram figuras que por vezes eram tidas como enganadores. É inegável a importância destes agentes no processo migratório decorrido nas primeiras décadas do século XX, seja para os núcleos coloniais agrícolas ou mesmo para as obras de infraestrutura ferroviária nas Américas.

Segundo a legislação espanhola sobre emigração de 1907, eram considerados emigrantes espanhóis quaisquer passageiro de terceira classe, seja com passagem paga ou gratuita, que saíssem em direção aos portos da América, Ásia ou Oceania, permitindo ao passageiro no porto de saída manifestar-se ao Conselho de Emigração para não receber a alcunha de emigrante.³⁰ Neste sentido, o estabelecimento de rotas diretas entre os portos da Espanha e o norte do Brasil também facilitou o fluxo de ibéricos ao Pará e Amazonas.

Figura 2 - Linha de vapores de Vigo ao Norte do Brasil.



(La Correspondencia Gallega: diario de Pontevedra : Ano XII Número 3185 - 27 agosto 1900, p. 4.)

Havia outras razões para a imigração espanhola nas américas. O governo espanhol compreendeu as vantagens econômicas como uma solução para minimizar os problemas de ordem socioeconômica do país, como o expressivo número de jovens desempregados

²⁹ Idem, p. 85-86.

³⁰ ALONSO, Maria Angeles Salles (org). La emigración española en America: historias y lecciones para el futuro. Fundacion Directa, 2009, p. 10.

no país. Também significava ao país receber de alguma forma também remeças de dinheiro, quando o imigrante conseguia “Fazer a América”, retornava a pátria mãe conquistando importantes patrimônios.³¹

Desse modo a vinda de espanhóis, poderia favorecer a economia espanhola, pois muitos imigrantes quando estabelecidos na cidade de Belém, ou em outros estados do Brasil, não deixavam seus familiares desamparados, enviavam recursos financeiros ou solicitavam a vinda de seus parentes por meio das cartas de chamadas. Tal assertiva é defendida por Marília Emmi:

Em alguns casos os imigrantes economicamente bem sucedidos, chamavam parentes e amigos para auxiliarem em seus empreendimentos. Esse convite era formalizado através da “carta de chamada”, na qual quem desejava promover a vinda de um parente ou amigo, comprometia-se diante do governo brasileiro, através do Delegado de polícia do município, a fornecer os recursos necessários a sua subsistência durante todo o tempo da sua permanência no Brasil, ou repatriá-lo se pudesse ou tê-lo sob sua responsabilidade.³²

No caso da Espanha o grande contingente de pessoas pobres e sem ocupação, ao mesmo tempo que potencializava as indústrias locais obterem mão de obra barata, também causava transtornos a economia e a sociedade no sentido que os baixos salários geravam baixo consumo interno. Uma das soluções foi incentivar a emigração de parte desse contingente populacional. Segundo Bahamonde e Martínez:

Logo ficou evidente que os emigrantes continuavam a manter laços privilegiados com seus lugares de origem, o que traduzia em termos econômicos, significava a recepção de um rosário de pequenas remessas de dinheiro e, no melhor dos casos, quando o imigrante conseguia “Fazer a América” retornava a pátria tratando de patrimônios importantes. As pequenas economias campesinas foram alimentadas por essas transferências.³³

Esta ajuda financeira favorecia o governo espanhol e era vista de forma positiva. Leopoldo D’ozouville chegou a questionar a assertiva dos incentivadores da emigração espanhola, que tinham dois argumentos principais, o caráter de aprendizado e ilustração

³¹ BAHAMONDE, Ángel & MARTÍNEZ, Jesús A. Historia de España. Siglo XIX. 5 ed. Madrid: Cátedra, 2007, p. 432- 433.

³² EMMI, M. F. Italianos na Amazônia (1870-1950): pioneirismo econômico e identidade. Belém: EDUFPA, 2008, p.132.

³³ BAHAMONDE, Ángel & MARTÍNEZ, Jesús A. Historia de España. Siglo XIX. 5 ed. Madrid: Cátedra, 2007, p. 432-433.

ganha pelos emigrados, e que estes retornavam mais ilustrados e com muito mais conhecimento. O segundo ponto refere-se à transferência de recursos dos emigrados para a Espanha, os defensores da emigração alegavam que seus compatriotas chegavam a transferir cerca de 100 milhões de pesetas anuais ao território espanhol. Para D'ozouville, o primeiro ponto só era verdadeira em relação aos emigrados para América do Norte, e em relação ao segundo ponto, embora não questionasse o valor de 100 milhões de pesetas anuais, por meio de um tortuoso calculo envolvendo o número de emigrados, o inspetor chegou à conclusão que estes renderiam muito mais se continuassem na sua pátria, elevando o valor de rendimento de 23 pesetas anuais por cada emigrado, para mais de 50 pesetas em impostos se permanecessem no seu território.³⁴

Nesse sentido entende-se que a imigração espanhola não se detinha somente como decisão do governo paraense de povoar terras amazônicas, de mover estes trabalhadores a extração do látex ou de fornecer alimentos para a população, mas percebe-se também uma condescendência oscilante do governo espanhol, que poderia amenizar as dificuldades financeiras e tensões sociais do país.

No Pará, se estabeleceram importantes grupos de tradição agrícola provenientes da região noroeste da Espanha como a Galícia. Grande parte procedente da província de Ourense,³⁵ vinham direcionados ao trabalho nas lavouras como então era exigido pelo Governo do Estado aos seus contratantes.

Elda Martinez assinala para um fracasso administrativo da maioria das colônias agrícolas, com exceção de *Benjamim Constant*. A falta de atenção do poder público as colônias, somados a insalubridade dos lotes de ocupação influenciou os imigrantes a se deslocarem para as cidades onde exerceram atividades diferentes das quais foram designados inicialmente, como a agricultura. Na cidade o imigrante se dedicou a atividades em bares e hotéis, embora também fossem encontrados desenvolvendo outros ofícios no comércio, na indústria e artesanato.³⁶ Para além da perspectiva da ideia de fracasso podemos pensar nos núcleos coloniais agrícolas como origem de várias cidades no interior paraense, portanto relativizando a ideia de fracasso dessas colônias e percebendo a complexidade do funcionamento das mesmas, que embora não tenham

³⁴ D. Leopoldo D'ozouville de Bardou y Cruz Alvarez. Já citado, p. 77-79.

³⁵ A Galícia hoje é reconhecida como Comunidade autônoma espanhola é formada pelas províncias da Corunha, Lugo, Ourense e Pontevedra.

³⁶ GONZALEZ Martinez, Elda. La inmigración esperada: La política migratória brasileña desde João VI hasta Getúlio Vargas. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2003, p. 257-271.

atendido os objetivos do governo permaneceram ativas para além das suas funções originais.

Em Belém os imigrantes desenvolveram estratégias de adaptação à nova terra e aos novos costumes sem esquecer seus hábitos, trabalharam na solidificação de suas identidades por meio da criação de associações, como o Centro Galaico do Pará, fundado em 16 de maio de 1907, responsável por reafirmar práticas e símbolos culturais de origem galega, hábitos que traziam de suas terras entre eles as touradas que aconteciam nas tardes de domingo no *Colyseu Paraense*, uma ampla arena localizada no atual bairro de Batista Campos em Belém. As touradas são práticas culturais comum aos ibéricos e se tornaram cena frequente no cotidiano da capital paraense.

É preciso entender com mais amplitude os meios de integração desses imigrantes à sociedade de Belém. O matrimônio se apresenta como uma das ferramentas de sociabilidade com os conterrâneos, e outros imigrantes, assim como com os paraenses. Observá-los nos registros cíveis de casamento possibilita analisar o grau de endogamia³⁷ e exogamia³⁸ do grupo. Nesse sentido, busca-se entender através das práticas matrimoniais os aspectos da identidade cultural dos espanhóis e o grau de trocas culturais estabelecido com esta cidade entre outros aspectos da sociedade amazônica.

As motivações que levaram estes sujeitos a buscarem refúgio no Pará e em outras terras estiveram vinculadas às questões conjunturais pelo qual a Espanha passava, como a crise na agricultura, as guerras entre a Espanha e suas antigas colônias.³⁹ A estes elementos de “expulsão” somaram-se as políticas do Estado brasileiro para a atração de imigrantes europeus, no caso do Pará os projetos de formação de núcleos coloniais agrícolas fundamentaram o subsídio de passagens para a entrada de imigrantes espanhóis nos portos paraenses⁴⁰, levando introdução de elevado número de imigrantes na década de 1890.

Segundo o censo de 1890 a população da Província do Pará computava o número total de 328.455 e destes o número de estrangeiros atingiu o computo de 4.039 indivíduos,

³⁷ Endogamia é a união de indivíduos mais próximos do que a média da população, esta relacionado a grupos sociais nesse caso a indivíduos da mesma nacionalidade, a espanhola.

³⁸ Exogamia é o casamento em que um dos cônjuges se declara membro de grupo diferente de imigrantes que não seja espanhol.

³⁹ BAHAMONDE, Ángel & MARTÍNEZ, Jesús A. op. cit., p. 437- 442.

⁴⁰ FERREIRA, Rubens da Silva & COSTA, Erica Elaine. Compreendendo a Imigração Espanhola no Pará (1896 – 1899): um estudo a partir das passagens grátis como fonte de informação. In: TransInformação, V. 23, nº 1; 2011, p. 51-63.

ou seja, apenas 1,22% da população da Província.⁴¹ Para o ano de 1920 segundo o recenseamento de 1 de setembro do respectivo ano o Pará possuía 983.507 habitantes e destes 22,648 eram estrangeiros com um coeficiente de 15,2 espanhóis para cada mil habitantes.⁴² Embora os números de imigrantes vindos da Europa sejam relativamente baixos em relação a outros Estados como os do Sudeste, a importância da imigração espanhola se processa não por uma questão quantitativa, mas em virtude das experiências sociais vivenciadas por estes sujeitos no Pará.

Na mensagem do Governador Augusto Montenegro em 1902 é indicado que dos 12 mil imigrantes espanhóis que haviam sido introduzidos no Estado apenas 1.800 permaneciam nas colônias agrícolas agora emancipadas pelo governo paraense, sendo a que a colônia agrícola *Benjamim Constat* com 2.108 colonos e destes um total de 711 espanhóis que correspondiam a 33,7% dos moradores. Este era o núcleo que possuía o maior número de espanhóis em 1902.⁴³ Francivaldo Nunes demonstrou as dificuldades vividas por colonos imigrantes e nacionais em núcleos coloniais agrícolas e a inaptidão do Governo em atender as demandas de parte destes colonos.

José Puertes que cobrava o envio de um terçado e utensílios; John William que pedia ferramentas; Fraçois Collé que solicitava utensílios e instrumentos de trabalho; Manoel Martines que reclamava o envio de machados e utensílios; Victor Aorte que solicitava telhas e animais domésticos; e Francisco Martins que exigia o fornecimento de viveres, mantimentos e ferramentas, são algumas de muitas reclamações dos colonos e que, em muitos casos, não eram atendidas pela administração provincial. Esta situação ao mesmo tempo em que demonstrava a dificuldade de permanência em seus lotes, evidencia a incapacidade do governo em garantir as condições mínimas para que os colonos pudessem assegurar o seu sustento, através do trabalho agrícola desenvolvido nos seus terrenos.⁴⁴

Em 1900 o jornal paraense *A República* noticiava sob a epígrafe “Desastre Administrativo” a condição da colônia agrícola de *Monte Alegre* (interior da Província) alegando que a mesma estava em péssimas condições.⁴⁵ O Inspetor de Imigração enviado pelo *Conselho Superior de Emigração da Espanha* a Belém em 1912, indicava que o fim das colônias agrícolas esteve relacionado à ausência do poder público nesses espaços da

⁴¹ Censo Demográfico de 1890; Sexo Raça e Estado Civil, filiação Culto e Analfabetismo. Diretoria Geral de Estatística. Rio de Janeiro; Oficina da Estatística, 1898.

⁴² Recenseamento de 1 de setembro de 1920, Vol. 4, Parte 1, p. LXII.

⁴³ HDBN. Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (PA), 1902, p. 46-48.

⁴⁴ NUNES, Francivaldo Alves. “Sob o signo do moderno cultivo: Estado Imperial e agricultura na Amazônia”. Tese de Doutorado – Universidade Federal Fluminense, 2011, p. 354.

⁴⁵ *A República*, Pará 21/03/1900, p.2.

colonização no que diz respeito à salubridade e manutenção dos lotes, a falta de planejamento dos Governos locais e mesmo a falta de união entre os espanhóis. Segundo D’ozouville:

O governo tão pouco teve acerto para conduzir um feliz termo uma empresa que não deveria ser feita sem a segurança de dispor de antemão de todos os recursos necesarios, e particulamente os recursos economicos. Os colonos, por outro lado, cometeram erros imperdoáveis que agravaram seus males; nunca uniram seus esforços nem elevaram seu pensamento à concepção de um interesse comum.
(tradução da autora).⁴⁶

Além disso, as relações entre migrantes nacionais e imigrantes estrangeiros eram pautadas em tensões e sociabilidades. Segundo Franciane Gama Lacerda os conflitos entre migrantes notadamente cearenses e estrangeiros, no caso os espanhóis é um aspecto que não se pode desconsiderar, “uma vez que aqueles aparecem como mais identificados com o trabalho agrícola do que estes”.⁴⁷

Segundo Leopoldo D’ozouville, durante a década de 1890 foram introduzidos no Pará 15.000 imigrantes espanhóis, dos quais em 1912 não ultrapassavam o número de 3.000, sendo que a maior parte destes se encontrava na cidade de Belém.⁴⁸ A concentração de imigrantes na cidade proporcionou o desenvolvimento de sociedades de auxílio mútuos e se configura como um marco simbólico de territorialidade. Mesmo que os números não sejam exatos e não expressem quantidade massiva de imigrantes, os mesmos se reuniram na criação de pelo menos duas associações que trabalharam em prol de seus compatriotas em diferentes situações.

Assim o desenvolvimento dessas associações era indispensável para a consciência de pertencimento e de reconhecimento das semelhanças decorrentes do processo migratório uma plataforma política de inserção social. Tais associações intermediavam junto às autoridades locais em prol dos seus, participando de questões políticas, culturais e econômicas destes sujeitos. Para além das redes de sociabilidade tecidas por meio de tais associações, a consolidação de uma comunidade de imigrantes espanhóis em Belém

⁴⁶ D. Leopoldo D’ozouville de Bardou y Cruz Alvarez. Un Viaje al Brasil: Información acerca de La situación de los emigrados españoles en los Estados de Pará y Amazonas y zona de trabajos de ferrocarril de Madeira – Mamoré. Madri, 1916, p. 86.

⁴⁷ LACERDA, Franciane Gama. Migrantes cearenses no Pará: Faces da sobrevivência (1889 – 1916). Belém: Ed. Açai/ Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia (UFPA)/ Centro de Memória da Amazônia, 2010, p. 348.

⁴⁸ D. Leopoldo D’ozouville de Bardou y Cruz Alvarez. Já citado, p. 80-103.

também implicava a construção de lideranças que intercalavam projetos pessoais de mobilidade e ascensão social, com pautas coletivas tais quais o reforço de uma identidade étnica.

Este caráter duplo das associações, entre os projetos individuais e aspirações coletivas demarcam uma das características da experiência imigrantista espanhola no Pará. Em maio de 1900 uma comissão de espanhóis residentes em Belém do Pará enviou um documento aos produtores espanhóis relatando as vantagens do comércio com a capital paraense,⁴⁹ este documento foi publicado no periódico espanhol *El Correo de Lugo*, estava assinada por Fenando Gonzalez, Juan Moreira Martinez, Jose Maria Pinero, Manoel Parada Corbacho, José Cerviño, Agapito Fontan, Angel Dominguez e Jose San Miguel.

Aos produtores e exportadores espanhóis.

Senhores:

Pelas constantes reportagens que no sentido da propaganda comercial temos publicado nos jornais de maior circulação na Espanha, a notícia de uma Exposição que será inaugurada nesta capital no dia 15 de agosto, em comemoração ao quarto centenário do descobrimento do Brasil, que vai até o dia 12 de outubro, data do descobrimento da América pelo famoso e intrépido marinheiro genovês Cristóvão Colombo.

A colônia espanhola residente neste Estado, um dos mais importantes e ricos da confederação brasileira e com movimento comercial superior ao de muitas repúblicas da América do Sul e Central, deseja estreitar cada vez mais os laços de amizade e consideração para com o país que Oferece-lhe uma hospitalidade afetuosa, e querendo contribuir com os seus esforços leais, para valorizar as festividades, ao mesmo tempo que coloca o seu grão de areia no edifício de glória que será erguido aos navegadores espanhóis que descobrirem esta encantadora região.

Resolveu, contando naturalmente com o apoio moral do Governo de Espanha, das autoridades do país e especialmente dos produtores e exportadores do país, instalar no edifício onde se realizará a mostra, um Pavilhão onde nossa bandeira, beijada pelos ventos alísios da Amazônia, galantemente exhibe suas cores vivas no brilho do sol equatorial da mesma forma que há quatrocentos anos ela foi a primeira a mergulhar com altivez nessas praias cintilantes de vegetação e luz.

O objetivo do nosso pavilhão será dar a conhecer ao comércio do Norte do Brasil as excelentes condições dos produtos espanhóis, promovendo assim, de forma eficiente e rentável, a introdução dos nossos artigos num centro comercial tão importante como o Pará, que importa mais do que 160 milhões de pesetas por ano.⁵⁰

⁴⁹ El Correo de Lugo: Periódico de intereses morales y materiales: Num. 242 (22/05/1900), p. 1.

⁵⁰ Idem.

O comitê de imigrantes residentes em Belém buscou estabelecer por meio de seus negócios maior articulação entre os produtos espanhóis a serem consumidos pelo mercado paraense. A evocação a símbolos identitários que tinham por objetivo apresentar uma relação estreita entre Brasil e Espanha por meio de um mito de origem foi um recurso comum em celebrações promovidas por associações de imigrantes espanhóis. Os comerciantes espanhóis em Belém convocaram seus compatriotas do outro lado do atlântico a se fazerem presentes nas celebrações dos 400 anos de descobrimento do Brasil, e demonstrarem as qualidades dos diversos produtos espanhóis, em particular os gêneros alimentícios visto que “pela simples razão de que se o Estado é rico em gêneros de produção do próprio país, não pode oferecer à sua população desenvolvida mais que uma pequena parte dos alimentos, comum em climas temperados”.

Parte destes imigrantes, longe de dedicarem-se aos objetivos agrícolas almejados pelo governo do estado do Pará na década de 1890, passaram a fazer parte de inúmeras atividades comerciais no Estado. Antes mesmo da presença dos espanhóis que adentram no Pará no início da República, a presença frequente de portugueses no comércio a retalho e em outras inúmeras atividades mercantis marcariam a trajetória dos emigrados no Pará. Ainda sob os auspícios de uma economia gomífera lucrativa, a presença de estrangeiros marcou profundamente as atividades produtivas no Pará, particularmente o mercado urbano de Belém, padarias, hotéis, casas comerciais entre outros negócios. Isto não se processaria sem conflitos, em Belém no ano de 1920 eclodiu um movimento nacionalista de caráter antilusitano no qual várias lojas de portugueses e outros estrangeiros foram atacadas por nacionais, incentivados com a presença da missão de nacionalização da pesca executada pelo comandante Frederico Villar e seu *Cruzador José Bonifácio*.⁵¹

Para um grupo de espanhóis em Belém, a presença no território brasileiro realmente revestia-se em oportunidade de negócios e ascensão:

Hoje acreditamos que chegou o momento oportuno, cantando com a inestimável ajuda do Governo do Pará, para poder credenciar os produtos de nossa fabricação e indústria, cujas excelentes condições de preparo são de qualidades indiscutíveis.

Precisamente, temos agora a oportunidade propícia para chegar ao fim dos nossos ideais e que em nada se depreciem os produtores, fabricantes e industriais que em Espanha se dedicam ao comércio de exportação.

⁵¹ LIMA, Aline de Kassia Malcher; LOBO, Marcelo Ferreira. Jacobinos da Amazônia: Nacionalismo, trabalho e violência no Pará (1890-1920). Revista Maracanan, v. 26, 2021. p. 119-145.

Julgamos inútil convencer a todos, com um maior número de detalhes, as vantagens que decorrerão deste concerto comercial a favor dos nossos interesses.

Recorde-se que, a julgar pelos dados que conseguimos adquirir, só Portugal tem de estar representado nesta mostra e não seria muito difícil antecipar sucessos lisonjeiros para os produtos de origem espanhola, que, sem dúvida, obteriam os primeiros prêmios.

Presume-se, então, que atendidos nossos nobres e patrióticos propósitos, o maior número possível de expositores comparecerá para expor seus produtos, cujas instruções simples e concretas foram devidamente enviadas aos principais centros de nosso patrimônio comercial, industrial e manufatureiro.

O Comitê Espanhol desta capital, presidido pelo responsável pelos negócios da Espanha no Pará e composto por elementos de importância comercial dentro da colônia, espera de seus dignos e respeitáveis compatriotas do outro lado do Atlântico, a cooperação espontânea para que o seu trabalho e bons votos não sejam infrutíferos.

Esperam que sim, com prazer em enviar-lhe os seus sinceros agradecimentos.

Fernando González, - Juan Moreira Martínez, - José Maria Piñeiro - Manuel Parada Corbacho - José Cerviño - Agapito Fontán - Angel Dominguez - José San Miguel.

Estes sujeitos que se auto intitulavam enquanto “elementos de importância comercial dentro da colônia”, galgaram espaços e inseriram-se tanto pelos seus negócios, como pela atuação nas associações de imigrantes. Um dos nomes que assina a transcrição acima ilustra bem este processo de mobilidade e status, trata-se do espanhol Manuel Parada Corbacho. Os primeiros registros encontrados sobre a família Parada Corbacho remetem a presença no Pará e Amazonas em 1895, ele apresentou documento de posse do sítio Santa Rosa localizado a margem esquerda do largo de Carapanatuba no município de Manicoré no Amazonas, já em 1896 ano que se iniciou a introdução em massa de espanhóis no Pará por meio de subsídios do Governo,⁵² Manuel Parada Corbacho aparece sob a designação da firma *Corbacho & Silva*, era um dos associados a sociedade de seguros mútuos *A Equitativa*.⁵³ Ao longo da década de 1890 ele e seu irmão Maximiano Parada Corbacho, juntamente com outros espanhóis foram investindo em compras de seringais no interior do Amazonas.

Em julho de 1900 o vapor *Humaitá* partiu do interior do Amazonas com destino a Manaus e Belém, entre a carga constava 1.924 quilos de borracha fina a ser entregue a firma *Corbacho & Silva* no Pará, no mesmo mês o vapor *Prudente de Moraes* levou 348

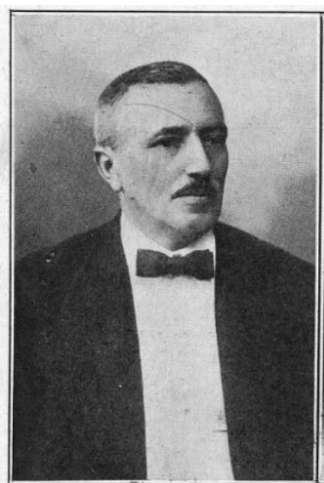
⁵² *Diario Oficial* (AM), 11/05/1895, p. 6.

⁵³ *Folha do Norte* (PA), 23/09/1896, p. 4.

quilos de borracha a ser entregue a Antônio Parada Corbacho no Pará.⁵⁴ No ano de 1904 Manuel Parada Corbacho e outros dois espanhóis solicitaram o arquivamento do contrato da firma comercial *Corbacho Asensi & Cia*, com capital de 80 contos de réis e firma localizada em Belém e Manaus.⁵⁵ Torna-se evidente que a economia da borracha possibilitou chances de acúmulo de riquezas a uma parcela dos imigrantes que aportaram no Norte do Brasil no início da República, longe de atribuir tal sucesso nesta empreitada a maior parte dos emigrados espanhóis, o que destaque é a relação entre acúmulo de riquezas e formação de lideranças nestas comunidades de imigrantes, seja no Pará ou no Amazonas, além disso, percebe-se que ambas as colônias (Manaus e Belém) possuíam estreitos laços de articulação.

Em 1908 Manoel Parada Corbacho aparece como presidente da *Sociedade Hespanhola Beneficiente* em Manaus,⁵⁶ indicando seu deslocamento para a capital do Amazonas. Em várias notas publicadas em periódicos da Espanha Manuel Parada Corbacho é descrito como um grande capitalista,⁵⁷ em notícias publicadas na imprensa de Manaus é possível determinar as atividades na qual ele investiu, em 1908 ele comprou dois seringais localizados nas margens do Rio Jacy.⁵⁸

Figura 3 - Manuel Parada Corbacho, 1920.



⁵⁴ *Diário Oficial* (AM), 17/11/1900, p. 6.

⁵⁵ *Jornal do Commercio* (AM), 01/10/1904, p. 4.

⁵⁶ *Jornal do Commercio*, 09/11/1908, p. 2.

⁵⁷ *Vida gallega: ilustración regional*: Ano IX Volume VI Número 96 - 1917 novembro 25, p. 11. *Vida gallega: ilustración regional*: Ano VIII Volume V Número 73 - 1916 agosto 1, p. 26.

⁵⁸ *Jornal do Commercio* (AM), 13/03/1909, p. 1.

(Vida gallega: ilustración regional: Ano XII Volume VIII Número 159 - 1920 novembro 25, p. 20).

Figura 4 - Membros da colônia espanhola em Manaus, 1910.



(Vida gallega: ilustración regional: Ano II Número 24 - 1910 xullo 31, p. 11).⁵⁹

Em 1910, Manuel Parada Corbacho e outros membros da comunidade espanhola em Manaus, conseguiram introduzir o primeiro vapor espanhol em águas amazônicas com o intuito de fortalecer o comércio entre Espanha e Brasil.

Há pouco tempo, a chegada de uma corveta espanhola ao Pará foi um acontecimento. A bandeira do país nunca foi hasteada ali, ou por muitos anos, sobre o casco de um navio mercante. E é muito necessário que o comércio espanhol saiba que deve conduzir a essas terras.

Agora o mesmo evento acaba de ocorrer no Pará e em Manaus. Aí vinha um navio espanhol a vapor de Madrid, comandado pelo bravo marinheiro D. José L. Larrinaga.

Foi a primeira vez que um navio espanhol entrou no porto de Manaus. Isto dará uma ideia do entusiasmo que a chegada do madrilenho terá produzido no seio dessa entusiasta colônia, composta principalmente por galegos.

No último dia 6 de junho, o vapor madrilenho cruzou as águas do poderoso Amazonas e ancorou na baía do Rio Negro.

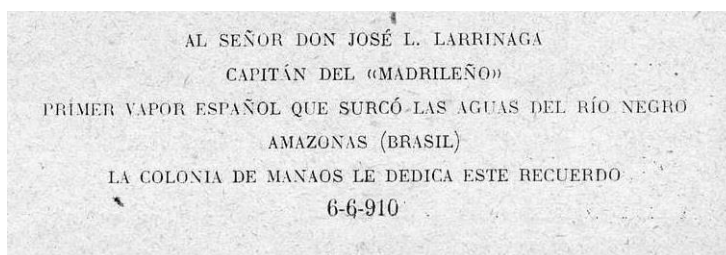
A surpresa que chegou foi tão grande quanto agradável.⁶⁰

⁵⁹ Legenda inserida abaixo da foto: “Los entusiastas miembros de la colonia española de Manaos Sres. Otton Cambeses, Fernando Roig Solé, Francisco Paniagua, Manuel Parada Corbacho (sientados de izquierda á derecha), y Jose Ruiz Peres, Jesus Fernandez, Manuel Joaquim Garrido, José Vidal Buzón y Manuel Groba Pampillón, con la primera bandera española que ondeo sobre un buque español em aguas de Manaos. El primero de los que están de pie, empezado pela derecha del lector, es nuestro digno y patriótico corresponsal Sr. Groba pampillón”.

⁶⁰ Vida gallega: ilustración regional: Ano II Número 24 - 1910 xullo 31, p. 11.

A comunidade espanhola em Manaus, incluído o nome de Manuel Parada Corbacho, fez uma subscrição no valor de 3.200 pesetas para mandar fazer uma placa em ouro com a seguinte dedicatória:

Figura 5 - Dedicatória produzida pela colônia Espanhola em Manaus.



Parte dos imigrantes que aportaram no Pará puderam se valer de redes de sociabilidade para galgarem espaços e ascensão social, as colônias espanholas no Pará e no Amazonas mantinham-se conectadas. Neste sentido a atuação de associações mutuais de espanhóis permitia a estes alavancarem seus status e articularem com maior capital simbólico com a comunidade local, eram representados na própria Espanha por meio dos periódicos como figuras influentes e de elevado prestígio. É importante frisar que a maioria dos espanhóis que emigraram ao Pará longe de alcançarem poder econômico e político, viveram sob condições extremas, trabalhadores urbanos e pequenos comerciantes, domésticas e operários que tiveram de lidar com a difícil adaptação ao território por vezes insalubre e aos anos de crise da economia da borracha.

1.2 A Amazônia como inferno verde

As águas que cercam a cidade de Belém do Pará são escuras, de correntes fluviais fortes. As chuvas são constantes na região amazônica, que apresenta marcadamente duas estações bem definidas. Uma dessas estações possui elevado índice pluviométrico reconhecido pelas constantes e incessantes chuvas regionalmente chamado de inverno amazônico, a outra estação é considerada mais seca justamente pela precipitação de chuvas não ser tão intensa e a este período do ano podemos chamar de verão amazônico.⁶¹ No inverno amazônico, que se inicia em dezembro e vai até março, por vezes é possível

⁶¹ LOPES, Marcio Nirlando Gomes; SOUZA, Everaldo B. de; FERREIRA, Douglas Batista da Silva. CLIMATOLOGIA REGIONAL DA PRECIPITAÇÃO NO ESTADO DO PARÁ. Revista Brasileira de Climatologia, v. 12, 2013, p. 84-102.

vislumbrar as nuvens negras e cinzentas sobre a Baía do Guajará, carregadas de chuva o que transforma a travessia do rio Guamá para olhos desacostumados em uma visão assustadora, e certamente uma experiência difícil pra quem tenta vencer a nado suas correntezas e redemoinhos.⁶² Foi neste cenário, característico de inverno com chuvas constantes que na tarde do dia 26 de março de 1908, três passageiros espanhóis do vapor norueguês *Amanda* atiraram-se ao rio Guamá em direção ao porto de Belém para buscar socorro na capital paraense, uma tentativa desesperada de buscar apoio e asilo.⁶³

Figura 6 - Inauguração do primeiro trecho do novo cais de Belém do Pará, 1909.



(O Careta, 1909, p.25).

A imagem acima remete ao cenário dinâmico da cidade, um contexto de intenso fluxo de pessoas e mercadorias. Em 1906 o engenheiro Norte Americano Percival Farquhar obteve concessão para as obras no porto de Belém. Ele tornou-se responsável por três grandes obras de infraestrutura na Amazônia, o *Porto of Pará*, a ferrovia *Madeira Mamoré* e o *Amazon River*. Em dois de outubro de 1909 era inaugurado os primeiros metros do porto, o canal dragado e alguns armazéns.⁶⁴

A cidade de Belém cresceu a partir do Porto da Praia do Forte, levando a dinâmica do seu desenvolvimento a atrelar-se ao aspecto de circulação de produtos e pessoas. As obras do *Porto of Pará* mudariam a dinâmica da cidade em relação ao rio. Em 1914 já

⁶² A Baía de Guajará esta localizada a oeste da cidade de Belém e recebe águas dos rios Guamá, Acará e Moju, além de possuir ligação com a Baía de Marajó. Sua proximidade com o Oceano Atlântico faz com que ela sofra influência das marés, possuindo águas barrentas, escura e salobras.

⁶³ *A Província do Pará*, 28/03/1908, p. 1.

⁶⁴ ARRUDA, Euler Santos. Porto de Belém do Pará: origens, concessão e contemporaneidade. Dissertação de Mestrado IPPUR/UFRJ. Rio de Janeiro, 2001, p. 79-85.

estava construído aproximadamente 4.300 metros de porto, 15 armazéns que ia interrompendo o contato contínuo da cidade com o rio e alterando a paisagem de Belém. O bairro do Reduto perdeu sua doca, conhecido como um bairro comercial tornou-se um bairro de indústrias.⁶⁵

Segundo dados dos relatórios de governadores do Estado do Pará entre os anos de 1898 e 1907 entraram no porto de Belém 805.005 pessoas, entre tripulantes e passageiros.⁶⁶ É nesse contexto que efetuaram obras no Porto de Belém a fim de dar conta deste intenso fluxo de produtos e mão de obra imigrantista. O gráfico abaixo permite visualizarmos ano a ano essa entrada:

Movimento de entrada de tripulantes e passageiros no porto de Belém.

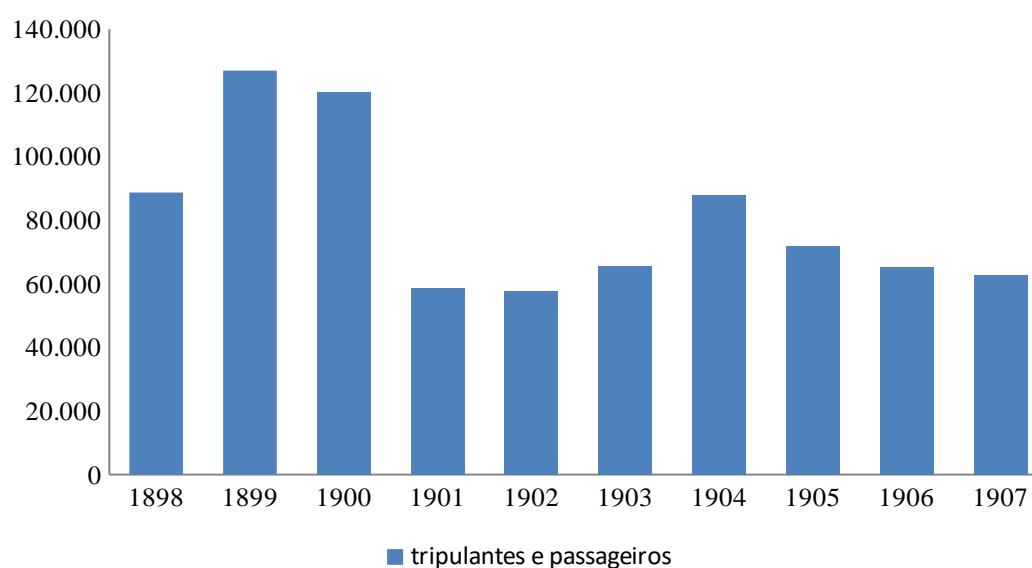


Gráfico 1- Dados retirados da Mensagem do governador do Pará para a Assembleia, 1908, p. 80.

Nota-se pelos dados acima, que apesar da queda do preço da borracha amazônica, ainda na primeira década do século XX em função da competição com a borracha asiática, o fluxo de entradas pessoas em Belém foi bastante elevado. A população do Pará em 1900 contava com 445.356 habitantes,⁶⁷ ou seja, pelos portos de Belém entre os anos de 1898

⁶⁵ TEIXEIRA, Luciana Guimarães. The Port of Pará: o porto da história Amazônica. In: XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR, Salvador. Anais do ENA, 2005, p.8.

⁶⁶ HDBN. Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (PA). Mensagem Dirigida em 7 de setembro de 1908 ao Congresso Legislativo do Pará pelo Dr. Augusto Montenegro, Governador do Estado, p. 80.

⁶⁷ Dados do IBGE. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/administracao-publica-e-participacao-politica/9663-censo-demografico-2000.html?=&t=series-historicas>. Acesso em 6/12/20.

a 1907 Belém recebeu um contingente de pessoas 44,7% maior que toda a população do Estado em 1900.

Dados apresentados por Marília Emmi apontam um crescimento no número de estrangeiros no Pará entre 1900 e 1920. Em 1900 a população estrangeira do Estado era de 2.201 habitantes saltando para 22.083 indivíduos em 1920, já entre as décadas de 1940 a 1950 ocorreu uma gradativa diminuição da população estrangeira.⁶⁸

Entre as décadas de 1900 e 1920 a população total do estado do Pará mais que duplicou neste período (de 445 mil para 983 mil), já nas duas décadas subsequentes 1930 e 1940 não ocorreu um aumento da população e sim um decréscimo de 3,9%. Tal elevação da população paraense entre 1900 e 1920, para além de outros fatores esteve associado à migração de brasileiros e a imigração de estrangeiros de diversas nacionalidades.

Foi sob tal contexto que milhares de imigrantes vivenciaram experiências afetivas, profissionais, comerciais por vezes conflituosas. De acordo com Consuelo Orovio e Elda Martínez no caso da região Norte do país, os espanhóis se dirigiam em maior número para a cidade de Manaus e geralmente trabalhavam na exploração da borracha e nas áreas de construção da ferrovia *Madeira-Mamoré*. No Pará os imigrantes se concentravam nos núcleos coloniais e na cidade de Belém.⁶⁹ Com trabalhadores espanhóis direcionados aos campos de obras da ferrovia, o vapor *Amanda* chegou a Belém demarcando a primeira leva de espanhóis que seriam inseridos nas obras de construção da ferrovia *Madeira Mamoré*.

As grandes obras de infra-estrutura, realizadas naqueles anos em todo o continente (*Americano*), encheram os navios de espanhóis que se deslocavam de porto em porto. Vários milhares deixaram o Panamá e Cuba para trabalhar na ferrovia Madeira Mamoré, localizada no inóspito coração amazônico do Brasil. Caso muito marcante, embora pouco conhecido, é o do vapor norueguês Amanda, que teve o duvidoso privilégio de inaugurar em março de 1908 as expedições intracontinentais de trabalhadores espanhóis patrocinadas pela temível '*Madeira Mamoré Railway Company*'.⁷⁰ (tradução do autor).

⁶⁸ Dados retirados de: EMMI, Marília Ferreira. Raízes Italianas no Desenvolvimento da Amazônia, 1870-1950: Pioneirismo Econômico e Identidade. Tese de doutorado apresentada no Programa De Pós-Graduação Em Desenvolvimento Sustentável Do Trópico Úmido/ NAEA –UFPA, Belém, 2007, p. 54.

⁶⁹ OROVIO, Consuelo Naranjo; MARTÍNEZ, Elda Evangelina González. Notas bibliográficas sobre la migración española a América Latina en el siglo XX: El caso de Cuba y Brasil. Revista Española de Investigaciones sociológicas), p. 215 – 270.

⁷⁰ ALONSO, Maria Angeles Salles (org). La emigración española en America: historias y lecciones para el futuro. Fundacion Directa, 2009, p. 51.

Contam os jornais de Belém e do Rio de Janeiro que após longa viagem, feita de Santiago de Cuba para o Brasil, cerca de trezentos e cinquenta espanhóis que haviam sido contratados de maneira ilegal para trabalharem em obras de infraestrutura na Amazônia brasileira chegaram sob condições precárias de saúde e alimentação.⁷¹ Ao se aproximarem de Belém foram informados das condições terríveis de trabalho na ferrovia *Madeira Mamoré* onde seriam destinados. Os tripulantes reuniram-se em uma assembleia, e em um ato de desespero José Lopez, José Alvarez e Antônio Cassas se propuseram ir a nado até a cidade buscar auxílio entre as autoridades locais.

O jornal *A Província do Pará* do dia 28 de março relata a ação dos espanhóis, dando tom de bravura aos três nadadores. Segundo o articulista, eles se ofereceram para tal intento justamente por serem homens solteiros e sem filhos que viajavam sozinhos. Diante da adversidade da situação no qual se encontravam seriam homens que não tinham nada a perder.⁷² A tripulação era composta por famílias de imigrantes em sua maioria, e o sacrifício de três indivíduos solitários ressoou na imprensa como um ato de heroísmo.

Possivelmente teriam se afogado caso não fossem resgatados por uma catraia pertencente a João Pedro Costeira de Mattos, logo outra embarcação pertencente à alfandega foi ao encontro deles os levando para terra, onde informaram ao gerente do consulado da Espanha no Pará os fatos desde o seu embarque em Cuba.

Jornalistas logo chegaram ao local de refúgio dos três homens. Estes declararam que todos eram espanhóis, que haviam embarcado em Santiago de Cuba sob convite de norte-americanos “para vir ao Pará, pois o governo brasileiro tratava de estar promovendo o povoamento do solo, e havendo muito trabalho e bons ordenados. Podiam transportar-se para o Brasil”. Pagaram duas libras para as passagens e em Santiago embarcaram em um pequeno vapor de nome *Oteri*.

Em fevereiro de 1908 o *Jornal do comércio*, da cidade Manaus, noticiou a partida no dia 21 daquele mês do vapor norueguês *Amanda* do porto de New York, fretado pela empresa estadunidense *Robert H. May & Arthur B. Jekyll & Randolph* construtora da ferrovia *Madeira Mamoré* a época, levando um carregamento de materiais de construção e com uma escala em Cuba para “receber a primeira turma de trabalhadores ali

⁷¹ *O Paíz* (RJ), 27/04/1908, p. 2. *A Província do Pará*, 26/03/1908, p. 1.

⁷² *A Província do Pará*, 28/03/1908, p.1.

contratados”.⁷³ Tal nota remete a um projeto de inserção de imigrantes de Cuba nas obras da ferrovia *Madeira Mamoré*, este seria um fluxo migratório de espanhóis distinto do fluxo migratório promovido pelo governo do Pará na Espanha a partir de 1896, onde por intermédio de agenciadores e com subsídios de passagens gratuitas foram introduzidos diante dos projetos de desenvolvimento agrícola do Estado.

Usando da propaganda de terra para colonização os responsáveis pelas obras da ferrovia que deveria ligar Porto Velho a Belém, passaram a agenciar trabalhadores espanhóis que viviam no Caribe. A justificativa para a escolha destes trabalhadores é dada pelo inspetor de imigração da Espanha Leopoldo D’ozouville em seu relatório, segundo ele o concessionário da via férrea *Madeira Mamoré* o Sr. Percival Farquhar havia encarregado a construção da mesma a norte-americanos que também foram responsáveis por obras ferroviárias de *Palma Soriano a Bayamo* em Cuba.⁷⁴

Para D’ozouville a dificuldade de se encontrar trabalhadores brasileiros ou europeus para a ferrovia na Amazônia se dava em função do medo suscitado deste trabalho, visto que eram conhecidos os desastres das expedições anteriores. A primeira empresa de origem britânica *Public Works* (1871 – 1873) em um ano e meio não conseguiu dar andamento ao empreendimento devido às enfermidades como a malária, febre amarela e conflitos com tribos indígenas. A segunda empresa contratada era de origem estadunidense *Dorsay & Caldwell* (1873 – 1874), que organizou uma comitiva para avaliar a situação do local e por fim retomar as atividades, em poucos dias a comitiva abandonou as obras da ferrovia devido à morte de um dos seus engenheiros. A terceira empresa também estadunidense chamada *Phillip & Thomas Collins* (1875 – 1879) deu andamento as obras sob muitas baixas, a situação foi tão dramática que este último faliu e viu sua esposa enlouquecer e falecer em um sanatório.⁷⁵ Segundo D’ozouville: “Madeira – Mamoré: Estas são duas palavras que representam todos os tipos de horrores, e por fim uma morte certa”.⁷⁶ Os trabalhadores foram levados a acreditar que trabalhariam em obras na cidade de Manaus, agenciados de maneira fraudulenta com contratos sem valor legal.

⁷³ *Jornal do Comércio* (AM), 26/02/1908, p. 1.

⁷⁴ D. Leopoldo D’ozouville de Bardou y Cruz Alvarez. Já citado, p. 100.

⁷⁵ Sobre a ferrovia madeira Mamoré e a entrada de trabalhadores vindos do caribe para Amazônia ver: Rodrigues, R. S. Jones. *La Construcción del Ferrocarril Madeira–Mamoré y el Caribe Inglés: la Primera Inmigración Negra Libre para Brasil*.

⁷⁶ D. Leopoldo D’ozouville de Bardou y Cruz Alvarez. Já citado, p. 103. Traduzido pela autora.

O vapor *Amanda* foi impedido pelo Governo cubano de sair do porto de Santiago com os trabalhadores, o estado sanitário da embarcação não se adequava ao transporte de pessoas, porém os Srs. *Robert H. May & Arthur B. Jekyll & Randolph* utilizaram de subterfúgios para manter a viagem. Os operários espanhóis embarcaram em outro vapor de melhor condição, o *Oteri*, este fez uma escala em Kingston na Jamaica onde os operários foram transferidos novamente para o vapor *Amanda*. Devido à má alimentação provida pelo comandante durante a viagem, os imigrantes precisaram arrombar a porta da dispensa para “tomar alguns viveres”. Nesta embarcação não havia liteiras, as áreas destinada aos passageiros careciam de ventilação.

Segundo relatos do inspetor da aduana da alfândega de Belém o estado destes imigrantes era precário. Quando o mesmo ao entrar na área dos passageiros, logo escutou gemidos, seguindo o barulho encontrou em um canto “atirados ao chão, desfalecidos e quase mortos de inanição, quatro jovens”. Estes não haviam se alimentado por seis dias consecutivos. A comoção causada pelo estado dos jovens entre os espanhóis os levaram a planejar o assassinato do capitão do navio. Tal ação só não ocorreu por intervenção do funcionário da aduana que pediu reforços do guarda-moira da alfândega, que enviou oito guardas armados ao vapor.

A situação mostrou-se extrema, visto que o espanhol Ramon Brigano se jogou na água durante a noite mesmo sem saber nadar, por sorte a correnteza o levou para terra. Algumas horas depois foi à vez de Manuel Rujo e Baltasar Malabares mergulharem no rio Guamá. Estes foram resgatados pelo vapor *Solheiro Motta*. Logo se juntaram aos três primeiros que haviam procurado socorro em terra. Os jornais da capital passaram a noticiar o caso, levando a ação de autoridades locais e de duas associações espanholas de Belém a agir.

A participação destes imigrantes em obras de infraestrutura no Brasil e em outros países produziu um mercado de agenciamento de mão de obra, muitas vezes estes imigrantes se deparavam com condições adversas ao chegar ao local onde iriam trabalhar. Em 1916 fora publicado um artigo escrito pelo Cônsul espanhol no Rio de Janeiro falando sobre a imigração ao Brasil, o mesmo criticava duramente a vinda de espanhóis para a região da Amazônia onde enfrentariam um clima adverso além das doenças tropicais.

O cônsul Román Ogarzun fez uma análise da situação destes imigrantes para a região Norte do Brasil.⁷⁷ Das afirmações dele, destaco a questão da contratação de espanhóis por grandes empresas, responsáveis pela construção de ferrovias e outras obras de infraestrutura. Segundo Román, embora não tivesse dados específicos, apontava que o número de espanhóis que morriam nas obras de construção da ferrovia *Madeira Mamoré* foram altos. Milhares de trabalhadores eram vitimados pela disenteria, malária entre outras doenças tropicais durante as obras. Soma-se a esse fato as precárias condições em que viviam os trabalhadores. Em relação aos contratos com estas empresas Román fez advertências aos espanhóis que firmassem contratos de trabalho:

Há muitos compatriotas que trabalharam e ainda trabalham sob ordens de empresas de construção de ferrovias que, por um longo tempo (um ou dois anos), não pagam salários afetados por suas operações; várias dessas empresas ferroviárias estão hoje falidas ou em situações que muito se assemelham.

Por tudo o que precede, os espanhóis devem vir ou tentar vir ao Brasil, tomar cuidado de fazer qualquer contrato com as empresas de construção ferroviária e outras obras de caráter semelhante, a menos que lhes sejam oferecidos todos os tipos de garantias sérias, sólidas e eficazes.⁷⁸ (Traduzido pela autora).

Foi sob tal contexto das grandes obras de infraestrutura no Brasil que o vapor norueguês *Amanda* aportou em Belém de onde deveria partir rumo a Porto Velho, levando materiais e pessoas dispostas a trabalhar na construção da ferrovia *Madeira Mamoré*. Belém era a porta de entrada para quem se destinava ao interior do território amazônico, nesse sentido logo se constituía como porto de suma importância para o desenvolvimento da região amazônica.

O vapor *Amanda* teria sido o primeiro a desembarcar com trabalhadores espanhóis rumo às obras da ferrovia *Madeira Mamoré*, após o vapor *Amanda* outros navios rumo a Porto Velho, como o navio “*Salent*” vindo do Panamá com 600 trabalhadores (09/05/1909), o navio “*Oteri*” também vindo do Panamá com mais 300 trabalhadores (10/10/1909) e o vapor “*Honorions*” vindo da Argentina com 340 espanhóis.⁷⁹

⁷⁷ La Emigración Española: Vida española en El extranjero. Revista quincenal de emigración y colonias, 15 de enero de 1916, p. 318.

⁷⁸ Idem, p. 319.

⁷⁹ ALONSO, Maria Angeles Salles (org). La emigración española en América: historias y lecciones para el futuro. Fundación Directa, 2009, p. 51.

Segundo D'ozouville, até 1912 entram 8.376 trabalhadores espanhóis nas obras do *Madeira Mamoré*, embora o inspetor de imigração deixe indicado que o número seria bem maior, sendo inferior em 30% do número que realmente entrou. Dados remetem a um elevado número de mortos na mencionada ferrovia, de junho de 1909 a novembro de 1912 faleceram 1.692 trabalhadores, destes 365 eram espanhóis (21,5%), sendo o segundo grupo em número de óbitos, atrás apenas dos brasileiros que foi de 622 (36,7%).⁸⁰

Em 1911 o periódico espanhol *La Voz de La Verdad* publicou sob o título “los que muerem em la emigracion” uma longa lista de espanhóis que faleceram nas obras da ferrovia *Madeira Mamóre*, e os valores em réis acumulado por estes emigrados falecidos.⁸¹ Foram listados ao todo 75 nomes, entre eles vários acumularam dinheiro que chegou a soma total de dezessete contos e seiscentos e sessenta e três mil e trezentos réis (17.663\$300). A publicação informava que os parentes dos falecidos deveriam encaminhar suas reclamações e interesses ao cônsul da Espanha em Belém do Pará, Rafael Secco. Para o articulista a emigração de seus compatriotas foi marcada por insucessos e sofrimento:

Esta relação evidencia o aspecto mais triste da emigração, que tantos se maravilham com a ideia de alcançar um futuro melhor do que o que lhes é oferecido na terra natal. Para alguns que conseguem atingir a meta desejada, quantos infelizes não morrem no caminho.⁸²

A ferrovia *Madeira Mamoré* aparece com frequência nos periódicos da Espanha. Em junho de 1910, o *El Correo gallego* publicou uma entrevista com um trabalhador espanhol contratado para as obras na ferrovia,⁸³ Lorenzo Marintez fez seu relato, natural de León na Espanha, com trinta anos de idade, estava trabalhando nas obras de ferrovias no Panamá quando foi “enganchado” para trabalhar nas obras de ferrovia *Madeira Mamóre*, juntamente com outros 300 trabalhadores. Certamente Lorenzo fez parte dos 300 trabalhadores espanhóis embarcados no vapor *Salent* no começo de maio de 1909.

As dificuldades começaram ainda durante a viagem rumo ao Brasil, ao ser questionado sobre em qual momento ele percebeu que havia algo de errado, Lorenzo

⁸⁰ D. Leopoldo D'ozouville de Bardou y Cruz Alvarez. Já citado, p. 211.

⁸¹ La voz de la verdad: diario católico con censura eclesiástica: Num. 304 (07/10/1911), p. 4.

⁸² Idem.

⁸³ El Correo gallego: diario político de la mañana: Ano XXXIII Número 10741 - 1910 xuño 13, p. 1.

declarou o seguinte: “A bordo do mesmo vapor que nos levou ao Brasil. No barco, eles quase nos mataram de fome. Não é possível considerar como alimento o que nos deram para nós comermos”.⁸⁴ A descrição sobre os mantimentos na viagem pode ser corroborada pelas informações que os tripulantes do vapor *Amanda* deram as autoridades de Belém, e suas as queixas sobre a alimentação. O primeiro conflito entre os trabalhadores a empresa que os contratou ocorreu no Pará, segundo relato de Lorenzo Martinez os contratantes resolveram anunciar que os trabalhadores receberiam dois mil réis por cada metro de terra trabalhado, mil réis a menos que o combinado no Panamá, de tal modo que ocorreu uma sublevação dos trabalhadores que com o intermédio dos cônsules no Estado do Pará foi possível restabelecer os valores prometidos anteriormente.

Ao prosseguirem a viagem até a cidade de Itacoatiara tiveram o primeiro contato com a febre amarela, teriam falecido de imediato cerca de 20 trabalhadores nas enfermarias daquela localidade e outros dentro da embarcação que os transportava. O final da viagem era Porto Belo, no acampamento, por vezes a alimentação tronava-se escassa, os salários eram retidos por longos períodos a fim de manter os trabalhadores que estavam insatisfeitos, para Lorenzo qualquer protesto seria inútil visto que a polícia local era paga pela empresa. Ao ser questionado sobre o hospital, o espanhol destacou as péssimas instalações, a alimentação precária e a frequente mortalidade: “Todos os dias, de quatorze a dezesseis homens morrem, sem contar quantos morrem nas tendas dos campos. Estes são enrolados na rede e enterrados na floresta próxima”.

Em poucos anos o caso do vapor *Amanda* serviria de elemento a subsidiar o discurso contrário à imigração espanhola para a região norte do Brasil. Em 1910 o periódico espanhol *El Tea* alertava seus compatriotas sob o título *El trabajo em el Brasil: sus péssimas condiciones, advertência a los obreros* para não emigrarem aquelas paragens,⁸⁵ destacando um movimento de agentes consulares espanhóis contrários a emigração para esta região. Ainda na mesma reportagem foi declarado que o consulado Austro-húngaro no Pará enviou um comunicado a seus compatriotas em Buenos Aires a fim de alertá-los das intenções dos empresários da ferrovia *Madeira Mamoré* de arregimentar naquele país mão de obra, prevenindo aos jornalheiros sobre os “perigos daquelas paragens”.

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ El Tea: semanario independiente: Ano III Número 114 - 1910 novembro 26, p. 2.

A passagem do inspetor de imigração da Espanha pelo Pará em 1912 ressoou na imprensa espanhola. Antes mesmo da publicação do seu relato de viagem em 1916, Leopoldo D'ozouville destacou as péssimas condições dos trabalhadores espanhóis no norte do Brasil. Em 1913 o *Noticiero de Vigo* publicou sob o título *La odisea de los obreros españoles en el Brasil* os relatos de D'ozouville.⁸⁶ Segundo o articulista (Jaime Solá), mais de 12 mil “obrerros” se encaminharam para esta região onde a metade morreu e o restante retornou enfermo, nas palavras de D'ozouville as obras na *Madeira Mamoré* foram tidas como a Waterloo dos espanhóis. Como destaca Alexandra Lima da Silva em sua análise do relato feito por D'ozouville, ao denunciar os flagelos vivenciado pelos espanhóis na Amazônia brasileira, o inspetor de imigração buscou evitar o contínuo fluxo de espanhóis a esta região, “vista como um lugar inóspito onde só se encontraria a morte”.⁸⁷

As condições insalubres, a forte exploração dos trabalhadores, as doenças da floresta, em suma, uma série de fatores levaram a representações na Espanha de uma Amazônia como um território inóspito para emigrar. Ainda assim, as colônias espanholas nos centros urbanos como Manaus e Belém também tiveram um papel significativo na construção do imaginário sobre a imigração. Por meio das associações de auxílio mútuo foi construído uma imagem da comunidade espanhola em Belém, reiterando valores e símbolos pátrios, e tecendo uma imagem vinculada a certa ilustração e status. Para além das representações, estas sociedades também agiam em dado momento em favor de seus compatriotas, seja ao buscar a repatriação de espanhóis, ou mesmo mediando conflitos entre trabalhadores espanhóis, autoridades locais e as empresas como foi o caso do vapor *Amanda*.

Lisardo Dias, uma das figuras mais recorrentes entre os membros da junta Diretiva do Centro Galaico do Pará, quando fez um balanço dos vinte anos de funcionamento da referida associação lembrou do caso do vapor *Amanda*.

Os fatos da afirmação espanhola feita por este CENTRO seriam infinitos, se aqui nesta pequena resenha tentássemos torná-los públicos; porém, não deixarei de citar alguns dos mais salientes, que por si só são uma prova evidente da atuação fecunda no sentido da colônia.

⁸⁶ Noticiero de Vigo: diario independiente de la mañana: Ano XXVIII Número 11451 - 1913 fevereiro 19, p. 1.

⁸⁷ SILVA, Alexandra Lima da. “Inhospitalarios Parajes”: representações da Amazônia no relato de viagem do inspetor espanhol D. Leopoldo D'ozouville. Revista Estudos Amazônicos, Vol. VII, nº 1, 2012, p. 96.

Quando algumas centenas de compatriotas, enganados por agentes de muito inescrupulosos, embarcaram em Cuba no vapor *Amanda* com promessas de grandes salários e vantagens que nunca lhes deram nem poderiam dar, pela construção da linha ferroviária Madeira Mamóre e tendo chegado ao porto desta cidade, depois de um percurso muito agitado, farto de privações e tratamentos cruéis, só comparáveis aos descritos por Dante na sua Divina Comédia, este Centro Galaico do Pará foi um oásis para estes pobres compatriotas, que nem queriam deixá-los desembarcar, sendo preciso a intervenção do nosso cônsul para o conseguir. Nossa querida instituição os instalou no seio social e os apoiou por muito tempo, facilitando sua manutenção e também o necessário para a vida, até que todos fossem reintegrados à vida cotidiana, nunca os abandonando até que não precisassem de ajuda.⁸⁸

A atuação tanto do Centro Galaico do Pará, como da União Espanhola de Socorros Mútuos em favor de seus compatriotas foi um fator preponderante nas negociações com a empresa contratante.

O jornal carioca *O Paíz* em 2 de abril de 1908 publicou notas sobre o caso. Informava que o cônsul espanhol no Pará recebeu um telegrama do ministro da Espanha no Rio de Janeiro, solicitando informações acerca dos maus tratos e coações imposta aos seus compatriotas. Também informou que o CGP telegrafou ao Centro Galaico de Havana, alertando “contra o engodo de agentes de contratos de operários para a estrada de ferro do *Madeira Mamoré*”, na mensagem o “Centro Galaico Pará roga impedir embarque espanhóis contrato Amazônia Brasil enganados falsas promessas chegado 220 vapor *Amanda*, embarque Santiago baldeados Jamaica misero estado”.⁸⁹

Longe de serem instituições isoladas, as associações de auxílio mútuo de imigrantes espanhóis mantiveram uma rede de articulações entre si, e neste sentido constituíam uma dimensão transatlântica. Após a difusão das notícias do caso, a União Espanhola de Socorros Mútuos convocou uma reunião em que foi nomeada uma comissão para ir a bordo do vapor verificar as condições dos espanhóis, e intervir por eles junto às autoridades locais.

A comissão foi até a guarda-moira buscar autorização para embarcar, tendo seu pedido negado, logo foram ao trapiche da *Companhia Amazonas*, neste local reuniram-se o gerente interino do consulado da Espanha no Pará, Frederico Pastor, com jornalistas e dirigentes da obra da ferrovia *Madeira Mamoré*; Robert H. May, Hans Paternson e o

⁸⁸ Vida gallega: ilustración regional: Ano XVIII Número 323 - 1926 novembro 20, p. 9.

⁸⁹ *O Paíz* (RJ), 2/04/1908, p. 1.

cônsul Norte americano George Pickrell. Após “tensa” deliberação embarcaram em uma lancha até o *Amanda* apenas os representantes da ferrovia e o cônsul espanhol. Segundo a nota da *Província do Pará*: “Nos trapiches do litoral, notadamente no da guarda-moira, apinhavam-se numerosos espanhóis, que esperavam ansiosos o epílogo dos acontecimentos”.⁹⁰

O cônsul espanhol apesar das ameaças do cônsul norte americano organizou uma reunião na tarde do mesmo dia entre os passageiros e mais autoridades locais realizada na sede da UESM na rua Dr. Fructoso Guimarães. Com recursos da UESM e do cônsul foi alugada uma lancha para levar os passageiros do vapor para terra onde se realizou a reunião. Iniciada a tarde e adentrou a noite, os passageiros do *Amanda* falaram: “que em Cuba, devido às boas relações que eles mantem entre espanhóis e cubanos, aqueles não são bem vistos pelos americanos, que a todo transe procuram afastá-los da pérola das Antilhas”. Os imigrantes estavam convencidos que iriam para Manaus e não para as obras da ferrovia, na mesma reunião a imprensa local foi informada sobre a chegada de outro vapor denominado *Boston* com 650 passageiros destinados as obras na ferrovia.

Após os debates ficou acordado que quem quisesse permanecer em terra teria o apoio do Consulado Espanhol e da União Espanhola de Socorros Mútuos e aos que desejassem prosseguir viagem o cônsul se responsabilizaria de intervir para assinatura de um contrato de trabalho seguro e legal. A UESM se responsabilizou em intermediar o contato com o governo do Pará para a alocação dos espanhóis, e destacou que entre eles havia muitos mecânicos e artistas. O Centro Galaico do Pará também interveio em auxílio dos seus compatriotas, conseguindo alocar 75 imigrantes, alguns associados do CGP se propuseram a abrigar de quatro a cinco espanhóis em suas casas.⁹¹

No dia 2 de abril de 1908 o jornal a *Província do Pará* informava que no paquete *Olinda*, embarcaram em direção ao Rio de Janeiro cerca de trinta espanhóis que estavam no vapor *Amanda* e foi com a ajuda dos Centros Galaicos (do Pará e do Rio de Janeiro) que conseguiram trabalhos na capital da República.⁹²

Seguiram viagem para as obras do Madeira Mamoré cerca de 50 operários imigrantes. Quando da tentativa de formular os contratos de trabalho para estes operários,

⁹⁰ D. Leopoldo D’ozouville de Bardou y Cruz Alvarez. Já citado, p. 107.

⁹¹ *A Província do Pará*, 01/04/1908. p. 1.

⁹² *A Província do Pará*, 02/04/1908, p.2.

em uma segunda reunião com a presença agora do Sr. May foi lido a proposta de contrato elaborados pelos espanhóis, o qual o responsável pelas obras da ferrovia negou-se a aceitar esse tipo de contrato, declarando apenas que:

Aos que quisessem trabalhar na construção da via férrea podia garantir uma diária em relação ao trabalho executado, obtendo melhor salário os que maior serviço desempenharem, garantindo também ótima alimentação fornecida pela empresa com redução nos vencimentos de cada obreiro, podendo ainda o pessoal comprar viveres a sua custa com o ordenando recebido integralmente; um bom hospital para tratamento dos que enfermarem, hospital este em via de construção e com o qual será despendida grande importância em dólar; acomodações relativamente ótimas para empregados e trabalhadores; e repatriação aos que tiverem trabalhado durante seis meses na via férrea.⁹³

Dos mencionados 274 passageiros do vapor *Amanda* apenas aproximadamente 50 decidiram aceitar os termos postos pelo Sr. May. Um dos jornalistas que cobria o caso em nome da imprensa internacional e pelo periódico *O Jornal*, o português Ivo Josué, figura que foi tratada como um importante combatente em favor dos operários imigrantes, durante a reunião sugeriu aos espanhóis que seguiriam viagem até o rio Madeira para ali fundarem uma “sociedade de resistência para qualquer eventualidade que contra eles surjam”.⁹⁴ Tal afirmativa remete as práticas de formulação de associações de operários, mais do que atribuir um trânsito dos ideais do sindicalismo europeu para o Brasil, temos a gestação deste modelo de ação coletiva a partir das experiências concretas, de tensões, conflitos e identidades étnicas. Até aqui intermediados por autoridades consulares e mesmo às associações de socorros mútuos já existentes, para além de um simples trânsito de ideias, tivemos uma construção híbrida de estratégias de ação articulando identidades de classe com étnicas.

A intensa entrada de estrangeiros na Amazônia durante as duas primeiras décadas da República proporcionou uma série de conflitos, seja entre nacionais e os imigrantes, ou entre as empresas e seus operários. No bojo de tal movimento, as associações de imigrantes poderiam de fato parecer como “verdadeiros oásis”. Para além das tensões que envolveram as obras de infraestrutura, convém mergulharmos um pouco no universo cotidiano de parte destes espanhóis no Pará.

⁹³ *A Província do Pará*, 31/03/1908, p. 1.

⁹⁴ *Idem*.

Neste sentido, destaco que a economia da borracha possibilitou a inserção deles, em uma série de atividades vinculadas a dinâmica da economia gomífera.

1.3 Sob a sombra da seringueira: espanhóis em Belém.

Emigrar é um processo feito de rupturas ao mesmo tempo em que é minado de reafirmações de identidade e relações pessoais. Pilar e Aurora duas mulheres que emigram com seus maridos em meados do século XIX, e de alguma maneira passaram por Belém, vivenciaram esperanças e angústias de sair de sua terra, e tiveram ao que se pode verificar finais opostos.

José Gonçalves foi um comerciante espanhol estabelecido em Belém, e possuía um irmão entre os tripulantes do vapor *Amanda*. Quando da chegada do *Amanda* à Belém José Gonçalves soube da presença de seu irmão e sua cunhada no navio (José Franquino e Pilar Salgado), estes haviam embarcado em Cuba. Tal caso ilustra o fluxo de indivíduos que saíram da Espanha, famílias se desagregando em várias direções e ocasionalmente poderiam ter seus laços reatados por meio do retorno à terra natal, ou mesmo reunindo-se por meio das cartas de chamada.⁹⁵

É possível que José Gonçalves fosse parte da onda de imigrantes espanhóis que entraram no Pará a partir de 1895/1896 por meio das políticas de incentivo a arregimentação de mão de obra para a agricultura, e ao invés de se fixar em um núcleo colonial optou por se estabelecer em Belém na atividade do comércio. Seu irmão, cunhada e sobrinho ficaram em Belém após o caso do vapor *Amanda*.

Em 1913 encontramos uma rápida nota do jornal *Estado do Pará*, no qual mencionasse que “José Tranqueira e Pilar Salgado obtiveram a certidão de batismo do filho José, passada pela secretaria do arcebispado”,⁹⁶ embora o nome de José estivesse diferente, posso inferir que se tratava do mesmo casal que chegou a Belém em 1908. Agora fixados na capital paraense.

Estas relações familiares por vezes reconstituídas com idas e vindas também eram rompidas pelas intempéries da aventura “imigrantista”. O casal Jeronimo Onetto e Aurora

⁹⁵ CANCELA, Cristina Donza. A presença portuguesa em Belém: percepções circulação e experiências (1850-1920). In: Belém do Pará: história, cultura e cidade: para além dos 400 anos/ Maria de Nazaré Sarges, Franciane Gama Lacerda (Org.) 2. Ed. Ver. E ampl. – Belém: Açaí, 2016, p. 99-118.

⁹⁶ *Estado do Pará*, 13/04/1913, p. 4.

Moureal embarcaram em 1895 rumo ao Pará, suas famílias ao que pode-se indicar eram moradores de Cádiz na Espanha.⁹⁷ A Cidade de Cádiz desde a década de 1860 passava por uma crise na sua principal fonte de riquezas a produção e exportação de vinhos, mesmo com uma retomada no crescimento de sua economia nas décadas de setenta e oitenta do século XIX, em 1894 nota-se a chegada da filoxeria, uma praga que afetaria as plantações de vinhedos, tendo no início do século XX uma perda nas vendas levando ao declínio da exportação estrangeira.⁹⁸

Além da queda na produção outro fator de expulsão de Jeronimo e Aurora poderia estar associado ao envio de tropas espanholas para Cuba na década de 1890, embora a guerra Hispano-americana só tenha eclodido em 1898 já promovia tensões na população da Espanha. Sabe-se que durante certo tempo por intermédio de um homem chamado Raimundo Francisco Fernandez morador no interior da província, Jeronimo Onetto pode conseguir um crédito para instalar um negócio de “pequena escala”. Crédito obtido na casa comercial *Santos & Cia*, de Antônio Rodrigues dos Santos, lhe foi concedido entre os anos de 1901 e 1902 vários valores em dinheiro e produtos.⁹⁹

Seu negócio funcionava no rio Jacundá próximo ao município de Bagre, interior da província, negociando em pequena escala. Jeronimo Onetto devia em 1903 o montante de dois contos e quatrocentos e onze mil réis em mercadorias e dinheiro a Raimundo Francisco Fernandez, que o protegia e servia de interlocutor na casa comercial de Bagre.

Neste sentido a presença de Jeronimo e Aurora no interior da província, nas margens do rio Jacundá, remete as práticas do aviamento,¹⁰⁰ tipo de relação comercial característica da economia gomífera na Amazônia.¹⁰¹ Uma série de desenvolvimentos técnicos em relação ao manuseio e produção da borracha desenvolvidos a partir da segunda metade do século XIX potencializou ao máximo seu uso comercial (processo de impermeabilização e vulcanização), e com o desenvolvimento dos pneumáticos a indústria mundial aumentou em escalas gigantescas a demanda pelo produto, neste cenário a exportação da borracha brasileira foi de 1. 623 toneladas em 1852, atingindo o

⁹⁷ Espolio de Aurora Monreal, 1903. Centro de Memória da Amazônia, série: Espólios, caixa 1905-1908.

⁹⁸ FARIÑAS, María Vázquez. ROSSO, Javier Maldonado. Cádiz, ciudad vinatera entre mediados de los siglos XIX y XX. Revista de Estudios Regionales Nº 109, 2017, p. 95-119.

⁹⁹ Espolio de Aurora Monreal, 1903. Centro de Memória da Amazônia, série: Espólios, caixa 1905-1908.

¹⁰⁰ O aviamento foi um sistema de troca de crédito por mercadorias, característico na Amazônia especificamente em relação à economia da borracha, no qual uma casa comercial adiantaria ao seringueiro produtos e mercadorias necessárias na sua empreitada em troca da borracha extraída no interior da floresta.

¹⁰¹ Idem.

volume de 24.301.456 toneladas em 1900.¹⁰² Aos inúmeros negócios que giraram ao entorno da economia da borracha também absorveram parte da mão de obra de migrantes e imigrantes.

Encontramos no jornal *A República* de 27 de fevereiro de 1900 o resumo da carga trazida a Belém pela lancha *Correia Braga* dos rios Jacundá, Anapú e Pacajá, levando consigo 4.635 quilos de borracha, neste mesmo o vapor *Nacional* e o *Amazona* desembarcaram em Belém com 2.613 e 27.246 quilos de borracha respectivamente.¹⁰³ No dia 14 de março do mesmo ano novamente a Lancha *Correia Braga* desembarcou em Belém com 4.624 quilos de borracha, 80 quilos de cacau e 4 quilos de couro de veado,¹⁰⁴ no ano de 1896 o barco *Tejo* trazia de Bagre para Belém 1.308 quilos de borracha pertencente a *Thomé de Vilhena & Cia.* e mais 86 quilos de borracha de propriedade de *Lopes & Companhia*, estes dados subsidiam a hipótese de que o município de Bagre estava dentro da rota comercial da borracha em meados do século XIX e início do XX.

Sob o comando da casa comercial *Antônio Rodrigues dos Santos & C^a* o espanhol Jeronimo Onetto fazia negócios no município de Bagre. Quando aportou em Belém por volta de 1895 é possível que tenha sido dirigido para núcleos coloniais agrícolas ou mesmo para trabalhos na capital, contudo, ele e sua esposa constituíam parte de um contingente populacional que prezava pela mobilidade espacial e se lançava a empreendimentos comerciais buscando melhores condições de vida.

Quando da morte de seu marido em dezembro de 1902 Aurora Moureal retirou-se do município de Bagre, dirigiu-se para a cidade de Belém ficando hospedada na casa do senhor Antônio Rodrigues dos Santos, proprietário da firma comercial que sedia crédito para o seu marido. No período de dezembro de 1902 a fevereiro de 1903, Aurora trocou cartas com sua irmã Maria Moureal moradora em Cádiz na Espanha. Em sua última carta presente nos autos do processo podemos vislumbrar os anseios e as leituras feitas por Aurora sobre sua condição de mulher viúva e sua desconfiança com as pessoas que a cercavam:

¹⁰² FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. CASA DE OSWALDO CRUZ. A ciência a caminho da roça: imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913 [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1992. Os grandes flagelos do norte, p. 115.

¹⁰³ *A República*, Pará 27/02/1900, p. 4.

¹⁰⁴ *A República*, Pará 14/03/ 1900, p. 3.

Pará 26 de Febevo de 1903

Senora Doña Maria Moureal

Puerto Real Cadiz

Mimas querdissima hermana vin vinogressa carta tenja te aviso que pienso em barcar por el vapor que sale a 15 y que ya encarque a don Antonio Rodriguez dos Santos em cuya casa estoy vivendo para toma el passaje de terceira classe y um saque por dos mil pesetas y me compre dinero em moneta portuguesa y espanola tam bien para los gastos del viaje toda de mis economias tam luego cheque a Lisboa te a visave com um parte no te escribo mas porque estoy um pueco mala de fiebres y todabia mui sentida com la muerte de mi Geronimo de los negócios de mi marido caso que no recibio e nada porque este seno Santos es um hombre que todo se lo quere e quedar y me engana por que soi mujeo A abrazios y mando muchos versos tu hermana que te quere.

Aurora Moureal.¹⁰⁵

Em sua última carta recebida por Maria Monreal em Cádiz, Aurora avisa da sua partida programada para o dia 15 de março, a porta de retorno para Espanha seria Lisboa. A comunicação entre o Pará e Portugal por meio da navegação marítima era corrente, Belém se inseria em um contexto de intenso fluxo de mercadorias e pessoas incluindo a chegada e partida destes imigrantes, tanto que em um anúncio publicado em 1913 no jornal *Estado do Pará* a empresa *Booth Line* oferecia o serviço de viagens entre Manaus, Belém e Europa, destacando parte de seu anúncio à colônia espanhola do Pará: “outrossim avisamos a respeitável colônia hespanhola que o vapor Antony, a sair para a Europa a 5 de setembro, tocara no porto de vigo, fazendo a travessia em 11 dias”.¹⁰⁶ Mesmo se tratando de um anúncio posterior a viagem planejada por Aurora, ainda sim podemos inferir que ela viu anúncio semelhante nos jornais de Belém e decidiu partir no vapor do dia 15 de março de 1903.

Decidida a partir, ela resolveu sacar todas as suas economias e embarcar em direção a Lisboa, contudo, seu estado de saúde levou a depender da ajuda do Sr. Antônio Rodrigues Santos, este foi incumbido de sacar o valor de 1.970 pesetas que naquele mês estava com o câmbio de 640 réis cada peseta, totalizando em dinheiro o valor de um conto duzentos mil e oitocentos réis, além de ter a responsabilidade de comprar a passagem para

¹⁰⁵ Espólio de Aurora Monreal, 1903. Centro de Memória da Amazônia, série: Espólios, caixa 1905-1908. A carta é mantida na grafia original em função da escrita contida na mesma possuir especificidades atreladas a visão e sentimentos da autora que se perderiam em uma tradução.

¹⁰⁶ *Estado do Pará*, Pará 31 ago. 1913, p. 8.

Lisboa. À relação estabelecida com o senhor Antônio Rodrigues dos Santos foi de dependência e desconfiança.

Aurora acreditava estar sendo enganada, particularmente em relação aos negócios de seu marido, o fato de ser mulher seria um elemento que pesava nas disputas sociais no Pará ainda mais sendo imigrante. As febres que a acometia levaram-na a ser hospitalizada na Santa Casa de Misericórdia do Pará, onde faleceu no dia 7 de março de 1903. Assim como Aurora, outros espanhóis acabaram encontrando seu fim em terras paraenses. Entre 1899 e 1918 localizei oito espólios de imigrantes espanhóis que faleceram na cidade de Belém,¹⁰⁷ estes sujeitos viviam do comércio, donos de Hotéis, de mercearias, artistas, que estabeleceram sociedades com portugueses e outros espanhóis.

O inspetor de Imigração indicou em seu relatório que a maior parte dos espanhóis em Belém estiveram ocupados em serviços do comércio, de obreiros, serviçais em hotéis, cafés e mercearias, e as mulheres (cerca de trezentas), eram na maioria oriundas da Galícia, e trabalhavam como criadas em serviço de lavar e passar roupa. Segundo ele, os espanhóis que trabalharam em obras municipais no ano de 1907 só receberam seus salários em fins de 1908. As informações de D'ozouville sobre a precariedade de condições dos imigrantes são corroboradas ao verificarmos os espólios.

Em 22 de janeiro de 1907, no hospital Beneficente Portuguesa de Belém faleceu o espanhol Castro Iglesias Sousa. Ele possuía em sociedade com o também espanhol Rafael Castanheira em uma mercearia localizada na travessa Vinte e Dois de junho, de canto com a travessa Parinquins, denominada “Trunfo da Sorte”. Ele havia casado em 21 de janeiro de 1906 com Bernarda Garcia na paróquia de Cortella província de Orense ainda na Espanha.

Em meio a seu espólio consta o registro de nascimento de seu filho no Rio de Janeiro em 1905 chamado Ignácio, nascido em 31 de agosto, às nove horas da noite. O fato de ter tido um filho na cidade do Rio de Janeiro em 1905, indica que ele tentou se fixar no Brasil mais de uma vez, retornando em 1906 para a Espanha e depois vindo rumo ao Pará. Em Belém ele se tornou membro a União Espanhola de Socorros Mútuos visto ter sido assistido por ela durante a sua enfermidade, quando foi internado pelo período de 18 dias no hospital Beneficente. Também eram sócios em diferentes mercearias na

¹⁰⁷ Serie Espólios, 2º Vara Civil; Cartório Odon. Caixa ano 1905-1918.

capital paraense, Manoel Parada Vazquez, que faleceu em 1905, e Ricardo Pacheco, falecido em 1905, no Hospital da Ordem Terceira.

Em 16 de janeiro de 1899 faleceu o espanhol Francisco Fuentes Tuña, um dos sócios do *Hotel Santiago* localizado na rua o Riachuelo nº 84. Seu sócio também era um espanhol, Francisco se valeu de uma rede de apoio entre seus compatriotas a fim de dar continuidade aos seus negócios, tanto que Tomas Barcala e Gervasio Rodrigues, também espanhóis solicitaram o valor de quinhentos mil réis sobre o espólio, como pagamento de um empréstimo feito a Francisco. Já o também compatriota Manuel Silva Lourenso solicitou o pagamento do empréstimo feito em 6 de outubro de 1898 de um conto e quinhentos mil réis. Para a infelicidade dos três espanhóis o juiz municipal indeferiu suas solicitações por considerar o registro do empréstimo sem valor legal.

Os casos acima ilustram as diversas atividades que os emigrados espanhóis vivenciaram em Belém, assim como suas estratégias pautadas em redes de solidariedade. A inserção dos espanhóis em Belém ocorreu em vários setores da economia paraense, desde os serviços domésticos, aos trabalhos de operários em obras públicas. O comércio da borracha gerava uma demanda por mercadorias e serviços que potencializavam aos espanhóis que permaneceram em Belém a construir seus negócios e sonhar em algo para além da simples sobrevivência.

Em uma lista de pessoas a serem chamadas pela municipalidade de Belém em 1898, para verificar seus estabelecimentos encontramos vários nomes que remetem a nacionalidade espanhola: André Cacella e João Massias proprietários do hotel *Cearense*; Jose Agra de Pariz do hotel *Porto Rico*; Tomas Anterello Garcia, Gumercindo Sam Miguel e José Galante Vasquez do restaurante *Franco*; José Baneira Garcia do *Hotel Santiago*; Manuel Garrido Lourenço no *Hotel Flor de Leiria*; Manuel Martinez Blanco e Carlos Lourenço Rodrigues na padaria de *J. Marques e Cia*; Manuel Otero Funhas no restaurante *Franco*; Frederico Pastor e Antônio Pastor no *Café Riche*; João Agostinho Mazuelo na mercearia de *Barbosa & Pereira*; Manuel Fernandez, João Leston e Cezario Diaz no *Hotel de France*.¹⁰⁸

A presença dos imigrantes nos negócios que envolviam a borracha parece ser algo contundente em Belém, a instalação de hotéis e hospedarias se fundamentava na grande

¹⁰⁸ *O Pará*, 21/09/1898, p. 2.

circulação de pessoas na capital. Segundo o jornalista da *Folha do Norte*, Júlio Lobato, os donos de hospedagens “atacavam” de imediato os navios aportados em Belém:

Muita gente desconhece por completo o que são os freges de Belém – essas casas abertas para receber seringueiros que vem descansar do trabalho da extração da borracha. Cada hotel possui o seu corpo de “rebocadores”, que mal o navio é desimpedido no porto, pelas autoridades do fisco e da saúde, invadem-no a cata de hospedes.

Os seringueiros vêm-se doidos. Cada “rebocador” puxa-o para e empurra-lhe na mão o cartão do hotel.¹⁰⁹

O ramo de hotéis em Belém se mostrou um negócio a ser explorado não somente entre nacionais, mas também pelos imigrantes. André Peres e Eugenio Rodrigues, ambos espanhóis, estabeleceram uma sociedade em 21 de agosto de 1916 para a criação de um hotel localizado na rua da Industria no prédio de nº 48 e 50 locado do proprietário Jose Eduardo de Sousa Calheiros, o contrato de sociedade era composto apenas por onze cláusulas. Na sexta cláusula ficava determinado que o sócio Eugenio Rodrigues se responsabilizava por efetuar as obras necessárias para adequação do prédio às normas de higiene estabelecidas pela prefeitura de Belém.

Na cláusula nº 5 ficou estabelecido que cada sócio poderia retirar o valor de até cem mil réis mensais para suas despesas particulares, o que indica as expectativas de lucro em relação ao negócio, Eugenio não sabia ler e escrever visto que no contrato quem assinou arrego dele foi Manoel Fernandes, não foi incomum que parte dos imigrantes espanhóis fossem analfabetos, o que não se tornou um empecilho para que os mesmos se aventurassem no comércio de Belém, a companhia fundada por Eugenio e André possuía o capital de três contos de réis, sendo que cada um contribuiu com metade do valor.¹¹⁰

Não foi incomum encontrar notícias sobre a prática dos rebocadores, homens e mulheres que deveriam atrair os seringueiros para os hotéis em Belém. Em janeiro de 1920 o articulista do jornal *Estado do Pará* denunciou que a polícia marítima havia encontrado a bordo do vapor *Barão de Cameté* o espanhol Domingos Antheno rebocando trinta e seis “incautos seringueiros” para o frege denominado *Hotel do Pará*, em Belém.¹¹¹

¹⁰⁹ LOBATO, Júlio. Notas de Um Repórter, 1916, p. 46.

¹¹⁰ Autos Cíveis de Ação de Despejo, 1916; Juízo de Direito da 1ª Vara da capital. Arquivo Público do Estado do Pará (APEP).

¹¹¹ *Estado do Pará*, 25/01/1920, p. 1.

Em 1918 o mesmo periódico sob o título “a safra dos seringueiros” denunciou uma série de crimes cometidos pelos donos de hotéis contra os seringueiros.¹¹²

Baseados nos preços exorbitantes porque são vendidas as mercadorias no Amazonas, os negociantes acima apontados, *notadamente espanhóis e turcos*, dão hospedagem aos seringueiros e fazem com estes um comércio ativo e rendoso, apreçando as mercadorias, extraordinariamente, de acordo com as condições de cada indivíduo. Há hotéis em que pouco se explora o seringueiro, como o Leão de Ouro, onde, ao que consta, não se verificam falcaturas, segundo colhemos; e a outros, como o Pará, o porto Rico e o Nova esperança, que são o reino da gatunagem.

As diárias nesses hotéis variam, segundo a vontade do freguês, de 2\$500 a 5\$00, pois há aposentos de 1ª, 2ª e 3ª classes. Entretanto, são todos iguais, sem diferença.

Sustentam eles uma guarda de agenciadores e coadjutores de ruim espécie na maioria, conhecidos pela denominação de “rebocadores”. São indivíduos grosseiros, cobiçosos, depravados e desordeiros, nacionais e estrangeiros.¹¹³ (grifos meus)

Para além dos grandes comerciantes da borracha, várias atividades comerciais tiveram como público alvo os seringueiros, ou ao menos os recursos financeiros oriundos da exportação da goma elástica. Na mesma denúncia sobre a exploração dos seringueiros foi listado uma série de estabelecimentos responsáveis pelas fraudes, o articulista destacou a grande presença de espanhóis, “é fora de dúvida a convicção de que a maior parte dos hoteleiros exploradores de seringueiros compõem-se de espanhóis”.¹¹⁴

Quadro 1 - Hotéis e hoteleiros de Belém, 1918.

Hotel	Nome	Local	Nacionalidade donos
Hotel Pará	Redondo Blanco & C ^a .	Rua Gaspar Vianna 53 Boulevard da República 76	Espanhóis
Hotel Nova Esperança	Manoel Vazquez & C ^a	Travessa Fructuso Guimarães, 39.	Espanhóis
Hotel Porto Rico	Primitiva Ordonez	Gaspar Vianna, 39.	Espanhóis
Hotel Leão do Norte	Rodrigues & Cierra	Fructuoso Guimarães	Espanhóis
Hotel Cearense	André Camanho	Gaspar Vianna	Espanhóis
Hotel Familiar	J. Pariz	Gaspar Vianna	Espanhóis

¹¹² *Estado do Pará*, 05/03/1918, p. 1.

¹¹³ *Idem*.

¹¹⁴ *Idem*.

Hotel Leão de Ouro	José Martinez San Martinez	Gaspar Vianna	Espanhóis
Hotel Brasil	José Fachinho e André de tal	Gaspar Vianna	Espanhóis
Hotel Europeu	Manoel Blanco e José Carella	Gaspar Vianna	Espanhóis
Hotel Brasileiro	Modesto Tomé Camacho, San Matinez	Travessa da Indústria, 1	Espanhóis
Novo Hotel do Douro	Alberto Ferreira de Almeida	Gaspar Vianna, 37	Português
Hotel Montanha	Fernandez & Limes	Travessa Fructuso Guimaraes, 6	Português e Espanhol
Hotel Ceará	Queiros, Dieges & C ^a	Travessa 1º de Março	Português e Brasileiro
Hotel Paraense	Germano & Fontenelle	Rua lauro Sodré	Brasileiros
Hotel Sul Americano	Rerez Camacho & C ^a	Gaspar Vianna, 50	Espanhóis.

(Estado do Pará, 05/03/1918, p. 1).

Os dois principais hotéis designados como verdadeiro inferno dos seringueiros foi o *Hotel Pará*, de propriedade de Redondo Blanco em sociedade com Eiras Garcia, e o *Hotel Porto Rico* de propriedade da espanhola Primitiva Ordoñez. O articulista acusou Primitiva Ordoñez de entregar uma menor à prostituição em seu hotel enquanto a mãe desta estava doente no rio Jamary, além deste hotel a espanhola também era uma das proprietárias da *Alfaiataria Nacional* na rua Gaspar Vianna, e a pensão *Avenida*.

Ao traçar a presença de imigrantes espanhóis na cidade de Belém ao longo das duas primeiras décadas do século XX, pude estabelecer, por meio dos registros cíveis de casamentos o local de residência de 684 espanhóis. Segundo Leopoldo D'ozouville, em 1916, dos mais de 15 mil espanhóis que aportaram no Pará restavam apenas 3 mil, que em sua maior parte estavam concentrados em Belém.¹¹⁵

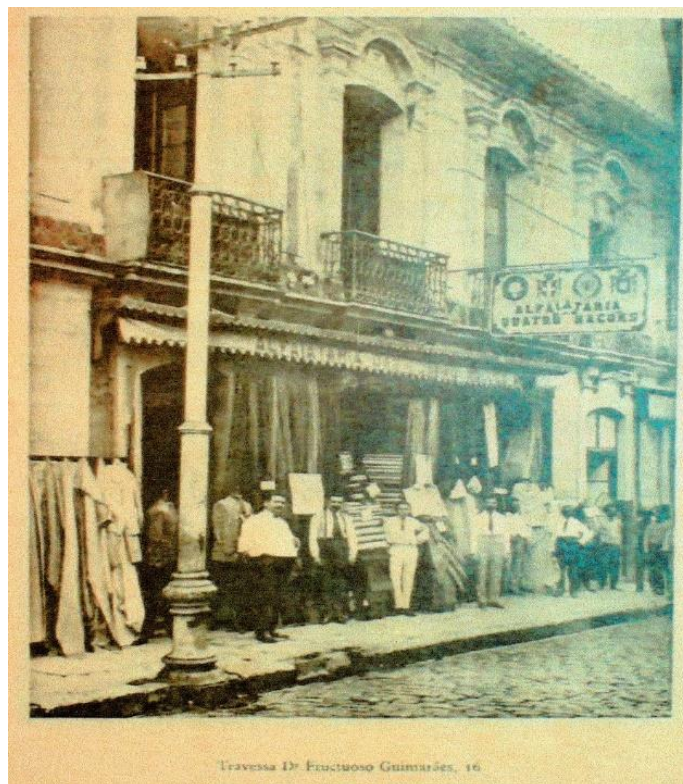
Pude traçar linhas gerais da presença destes na capital paraense, de tal modo que foi possível identificar a maior concentração de imigrantes espanhóis em espaços dedicados a atividades comerciais. Entre as 106 ruas mencionadas nos registros cíveis de casamentos ocorreu uma distribuição entre os imigrantes espanhóis em pequenos e médios grupos. Ruas que abrigaram entre 1 a 7 espanhóis corresponderam a 36,01% (215 pessoas), o que poderia implicar na distribuição aleatória destes imigrantes pela cidade

¹¹⁵ D. Leopoldo D'ozouville de Bardou y Cruz Alvarez. Já citado, p. 123.

de Belém, ou o fortalecimento de laços familiares pensados aqui a partir da relação de consanguinidade. Contudo, certas ruas da capital paraense concentravam números significativos de espanhóis.

A rua Frutuoso Guimarães abrigou ao menos 40 espanhóis durante as décadas de 1910 e 1920, isto corresponde a 6,7% dos 597 imigrantes levantados nestes registros. O fato destes imigrantes estarem ligados a atividades comerciais os teria levado a residir ao entorno de suas atividades de trabalho. Neste sentido, a presença destes em ruas como Padre Prudêncio, São Matheus, Serzedelo Corrêa entre outras próximas às áreas comerciais de Belém demonstram a maneira como estes sujeitos apropriaram-se dos espaços da cidade. A foto abaixo, da rua Frutuoso Guimarães, tem como foco a alfaiataria “Quatro Nações” indicando mais que a circulação destes imigrantes na capital paraense, como também o dinamismo econômico e a criação de várias firmas comerciais na capital.

Figura 7 – Rua Frutuoso Guimarães



Indicador Ilustrado do Pará – 1910, p. 186. Courier & Billiter, Editores; Rio de Janeiro.

Segundo o historiador Ernesto Cruz, no ano de 1905 a cidade de Belém possuía 47 ruas, 52 travessas e 15 estradas, 3 avenidas e 6 praças. Em apenas dois anos, esse número

aumentou para 105 ruas e 22 praças.¹¹⁶ É possível vincular este processo de desenvolvimento urbano tanto às políticas implementadas durante o governo do intendente Antônio Lemos, como ao aumento da população e ao ingresso de milhares de imigrantes que ampliavam os espaços da cidade. Ao menos um terço dos espanhóis que aparecem nos registros cíveis de casamentos aqui levantados residiram no perímetro que vai do antigo bairro da cidade (atual bairro da Cidade Velha) ao bairro da Campina (atual bairro do Comércio). Abaixo um quadro das ruas e do número de espanhóis respectivamente:

Tabela 1 - RUAS DE BELÉM E RESIDENTES ESPANHÓIS.

Logradouro	Número de espanhóis	Bairro.	Percentual
1 de Março	08		1,34%
16 de Novembro	08		1,34%
Almirante Tamandaré	15		2,51%
Aristides Lobo	19		3,18%
Bailique	23	Cidade	3,85%
Benjamim Constant	10		1,67%
Campos Salles	12		2,01%
Conselheiro Furtado	09	Jurunas/Batista	1,5%
Frutuoso Guimarães	40	Campina	6,7%
Gaspar Vianna/indústria	09	Campina	1,5%
Independência	09		1,5%
Lauro Sodré	36		5,7%
Nazaré	09		1,5%
Padre Prudêncio	34		5,69%
Paes de Cavalho	15		2,51%
Piedade	10	Cidade	1,67%
Quintino Bocaiuva	08		1,34%
Riachuelo	14	Campina	2,34%
São Jeronimo	26		4,35%
São Matheus	25	Campina	4,18%
Serzedelo Correia	22		3,68%
Soares Carneiro	10		1,67%
Tiradentes	17		2,84%
outros ¹¹⁷	215		36.01%

¹¹⁶ CRUZ, Ernesto. Ruas de Belém: significado histórico de suas denominações. 2ª ed. – Belém: CEJUP, 1992.

¹¹⁷ Ruas com ao menos 1 espanhol: 13 de Maio; 3 de Maio; 29 de Agosto; Ângelo Custodio; Arcipreste Manoel Theodoro; Av. da Republica; Baptista Campos; Bernaldo Couto; Bom Jardim; Boa Ventura; Caetano Rufino; Demétrio Ribeiro; Cametá; Cintra; Curuçá; D. Romualdo de seixas; Domingos Marreiros; Dr. Malcher; Fabrica de Cerveja; Largo do Redondo; Monte Alegre; Macapá; Manoel Theodoro; Marco; Marques de Pombal; Mungubas; Praça da Trindade; Pratinha; Praç. Saldanha Mari.; Queluz; Santa Casa da Misericórdia; São Pedro; Tito Franco; Tito Franco; Vigia; Wandenkolkck. --- Ruas dois moradores espanhóis: Praç. Frei Caetano Bra; Praça da República; Praç. Justo Chermont; Rui Barboza; Santarém; Una; 15 de Novembro; Breves; Carmo; Carlos Gomes; Cesário Alvin; D. Pedro; Gurupá; Índio do Brasil; João Balbi; largo do palácio; Óbidos; liberdade.--- Ruas com 3 moradores espanhóis cada: 14 de Março; Doca; Gentil Bitencourt; João Alfredo; Largo da Trindade; municipalidade; Oliveira Belo; São João; Parinquins; --- Ruas com 4 moradores espanhóis cada: 14 de Abril; Carlos de Carvalho; Dr. Moraes; General Gorjão;

Distribuição dos imigrantes espanhóis na cidade de Belém segundo seu logradouro e bairro.¹¹⁸

Quatro ruas de Belém concentravam 20,92% dos espanhóis. Eram as ruas Padre Prudêncio, São Jerônimo, São Matheus e Frutuoso Guimarães. Em contrapartida a categoria “outros” engloba 36% dos imigrantes espanhóis aqui levantados, distribuídos em oitenta e uma ruas, em quantidades que iam de 1 a 7 indivíduos. A concentração em áreas comerciais implicava em formas precárias de morar, de tal modo que estes sujeitos habitavam hotéis, cortiços e por vezes nos porões das casas comerciais em que trabalhavam. Em 1900, sob vigência do Código de Posturas Municipais de Belém, foi imposta a obrigação da construção de casas com porões, estes deveriam ter entre 1,5 a 3 metros de altura.¹¹⁹

Segundo Karol Gillet, as normas estabelecidas pelo código de posturas de Belém pesavam na escolha de moradia dos trabalhadores na virada do século XIX para o XX:

Na capital paraense, o trabalhador não tinha muitas opções de moradia, além de casas mais populares. Se optasse em morar no centro, ele seria forçado a morar em casas ditas modernas. Caso não pudesse construir ou comprar este tipo de casa, via-se obrigado a pagar casas de aluguel ou quarto em pensões. Ainda assim, havia também trabalhadores que optavam em morar nos fundos da casa do patrão, ou até mesmo instalar-se nos porões da casa. Com os trabalhadores surgiram novas formas populares de se morar, ajudando a construir novos bairros operários, como Canudos, Reduto e Umarizal.¹²⁰

Entre os espanhóis elencados nos registros de casamentos encontrei o nome de José Ramón Gonzalez, com 29 anos de idade, que possuía o ofício de jornalista, segundo o registro residia na *Fábrica de Cerveja Paraense*.¹²¹ O fato de residir em uma fábrica implica pensar que este imigrante não possuiria recursos suficientes para alugar uma morada, mesmo que estivesse empregado na referida fábrica. Ainda segundo Karol Gillet, no ano de 1908 os “operários” poderiam optar em morar em uma das 2 hospedarias, 14

Generalíssimo Deodoro; São Brás, Santo Antônio; -- Ruas com cinco moradores espanhóis cada: 9 de Janeiro; Dr. Assis; Manoel Barata; Mundurucus.--- Ruas com seis moradores espanhóis cada: 22 de julho; Ferreira Penna; São Francisco ----- Ruas com sete moradores espanhóis cada: 15 de Agosto; 28 de setembro; Nova de Santana; Tamoios; Triuviratum.

¹¹⁸ Dados extraídos de 294 registros civis de casamentos de imigrantes espanhóis, sob resguardo do Arquivo Centro de Memória da Amazônia (CMA).

¹¹⁹ SOARES, Karol Gillet. As formas de morar na Belém da Belle-Époque (1870-1910). Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2008. p. 186.

¹²⁰ Idem, p. 196.

¹²¹ Fonte: Centro de Memória da Amazônia (CMA), Cartório Privativo de Casamentos. Sub-série Casamentos. Caixa: Nov/09.

casas de pensão ou mesmo um dos 52 hotéis de Belém, ainda assim o mais comum seriam as casas de aluguel, que teriam valores entre 30 a 40 mil réis mensais.¹²²

Em 1909, casaram-se em Belém os espanhóis Antônio Perez, com 24 anos de idade, residente na rua Padre Prudêncio, e Balbina Blanco, de 22 anos, residente na mesma rua. Encontrei-os novamente em 1911 vítimas de uma ação criminosa. Às 2 horas da madrugada do dia 20 de agosto de 1911, um “gatuno” tentou adentrar o quarto na rua Macapá esquina com a Padre Prudêncio onde habitava o espanhol Antônio Perez, empregado da *Port Of Pará*. O ladrão encontrou no local apenas a esposa de Antônio Perez, Balbina Blanco que gritou por socorro, levando o gatuno a fugir diante da presença dos vizinhos.¹²³ Um ano depois, parte dos 34 espanhóis que residiam na rua Padre Prudêncio provavelmente ouviram novamente os gritos de Balbina Blanco. Agora, sendo agredida na casa número 143 da referida rua pelo seu irmão Eládio Blanco Feijo. A agressão foi parar na delegacia de polícia.¹²⁴

Em 1912, sob assinatura de Sergio Durval, foi publicado um longo artigo sobre as condições sanitárias de Belém. O articulista enfatizou a necessidade de remodelação material da cidade, particularmente quanto às habitações:

Porém, relativamente á higiene, a necessidade ainda é mais premente, desde que, por exemplo, á rua 15 de Novembro e imediações do mercado ao lado do Boulevard da República, existe uma fileira de estabelecimentos comerciais, todos de um pavimento único, mas que oferecem aos olhos de quem passa na rua o espetáculo interessante de instalações de jiraus coretos, sótãos e sobrelojas onde não somente empilham até o teto peneiros de farinha e outros gêneros como – o que é horrível – servem de habitação aos empregados e, ás vezes ao próprio patrão, com aviados, caixeiros e fâmulos.¹²⁵

Como o articulista indica, parte das casas comerciais de Belém também serviam de residência aos trabalhadores e patrões. O que os dados levantados permitem indicar é que parte destes imigrantes espanhóis ocuparam espaços centrais da cidade de Belém, indo na contramão do processo de “higienização social” promovido pelas autoridades locais, sob um conjunto de políticas que buscavam modernizar a cidade a partir dos modelos europeus de salubridade e “civilização”.

Entre casas, armazéns, hotéis e botequins os espanhóis que permaneceram na cidade construíram redes pautadas nas relações familiares e de identidade étnica. Alguns

¹²² SOARES, Karol Gillet. Já citado, p.200.

¹²³ *Estado do Pará*, 21/08/1911, p. 2.

¹²⁴ *Estado do Pará*, 26/03/1912, p. 2.

¹²⁵ *Estado do Pará*, 23/11/1912, p. 1.

lograram êxito nas suas aspirações de mobilidade social outros tantos permaneceram a margem aumentando o volume da população subalterna que sobrevivia a partir dos resíduos da economia da borracha.

Capítulo II – Lutas, mudanças e permanências: mutualismo espanhol no Pará.

Miguel Perez assinou no dia 8 de julho de 1958 o termo de abertura do livro onde seriam lançadas as atas de reuniões realizadas no Centro Galaico do Pará (CGP), então localizado na avenida Nazaré n.º 264.¹²⁶ Embora os dados contidos neste documento ultrapassem a periodização proposta nesta pesquisa, considero necessário demonstrar as permanências e transformações de uma das mais longevas associações mutualistas de imigrantes na Amazônia brasileira.

Na primeira reunião registrada no referido livro encontrei as seguintes informações. Realizada no dia 8 de julho de 1958, a reunião contou com a presença dos diretores do CGP. Neste dia ficou registrado a convocação de uma assembleia geral para o dia 14 do mesmo mês, publicada no jornal *Folha do Norte*. Também convocaram os membros da comissão revisora de contas, para comparecerem à sede da associação no dia 6 de julho a fim de proceder ao exame das contas junto ao Tesoureiro. Assinou a ata o presidente do CGP Joaquim Y. Carrera e o secretário Manuel Perez.

Na última ata registrada, em 31 de agosto de 1978, percebe-se o caráter assistencialista e previdenciário do CGP. Neste dia ocorreu uma reunião extraordinária na residência do presidente da associação Eduardo Perez Bulhosa, na avenida Serzedelo Corrêa n.º 113. Trataram de dar andamento, a análise das questões financeiras do CGP após o falecimento do 1º secretário Manuel Perez Iglesias que tomava conta da Tesouraria. Nesta reunião também ficou acordado que seriam pagos pelo enterro de sócios o valor de CR\$22.000,00 (vinte dois mil cruzeiros). Também foi acordado ajudar financeiramente aos sócios respectivamente: Manuel Nagarol, Manuel Justo Iglesias e Benino Puga Rivera.

O caráter previdenciário e assistencialista é ressaltado nas atas acima mencionadas. O CGP fundado em 1907 perdurou até a década de 1980 mantendo seus objetivos assistencialistas. No Brasil e no Pará, o surgimento de associações mutualistas remonta ao século XIX, e mesmo antes destas, ao consideramos às práticas estabelecidas entre corporações de ofícios e irmandades religiosas, que produziram experiências de

¹²⁶ Livro de Atas de Reuniões do Centro Galaico do Pará (1958-1978). Acervo Pessoal Manuel Malvar.

assistencialismo que estariam presentes nas mutualistas do início do século XX, um exemplo é a assistência no momento da morte de um de seus membros/sócios.¹²⁷

Ao longo de oito décadas diversas gerações de imigrantes espanhóis conseguiram por intermédio de suas associações mutualistas em Belém estruturarem suas vidas, galgarem espaços de sobrevivência e mobilidade. Dentre as características que estariam no centro da formação do CGP em 1907, estava o seu caráter étnico. Adriano Craveiro de Oliveira analisou 59 estatutos de associações mutualistas no Pará durante as três primeiras décadas do século XX. A maior parte destas era de caráter classista (49,1%), seguido por associações abertas, de funcionários públicos, étnicas, religiosas, etno-classistas, esportivas e vinculadas a espacialidades urbanas (bairros) respectivamente.¹²⁸

Decerto que tais categorias se inter cruzavam nestas associações, que poderiam ser classistas e étnicas, assim como religiosas e étnicas, embora tais categorias constituam linhas gerais que basearam as diretrizes de cada sociedade mutualista. Estas se constituíram enquanto processo, reiterando e agregando novas diretrizes durante seu funcionamento. Quando em 1978 os membros diretores do CGP decidiram promover auxílio de 22 mil cruzeiros aos ritos fúnebres de seus sócios, foi o caráter assistencialista e étnico que permaneceu de sua fundação.

Já em 1908, tanto o CGP como a União Espanhola de Socorros Mútuos (UESM) atuaram em favor dos trabalhadores espanhóis que estavam “detidos” no vapor norueguês *Amanda*. Neste caso se observa tanto o caráter étnico como o classista na construção de melhores condições de trabalho aos seus conterrâneos, ao intermediarem a produção dos contratos de trabalho com a empresa responsável pelas obras na ferrovia *Madeira-Mamoré*. Embora restritas ao campo da seguridade e assistência, tais associações ganharam contornos de ação coletiva em prol de salários justos e condições mínimas de trabalho, deixando a dualidade entre mutuais e sindicatos mais tênues. Para Michel Ralle ao analisar as mutuais que surgiram na Espanha no início do século XX, destaca que a

127 Sobre as irmandades religiosas e os ritos fúnebres ver: REIS, João José. *A morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

128 OLIVEIRA, Adriano Craveiro de. *Trabalhadores na Primeira República no Pará (1860-1930): estudos sobre organizações e greves de uma classe em formação*. Dissertação de Mestrado; PPHIST/UFPA, 2019, p. 33.

dualidade geralmente estabelecida entre o caráter de seguridade social e o mutualismo como precursor do movimento operário limita a análise sobre os mesmos.¹²⁹

Ainda segundo Ralle “mesmo depois da emergência das correntes operárias radicais na sociedade espanhola, o socorro mútuo não constitui, pois, um mundo anacrônico nem tampouco fechado”.¹³⁰ Ao analisar as mutuais como uma etapa do movimento sindical reitera-se narrativas que perde de vista o lugar destas mutuais no cotidiano dos seus membros, repletos de contradições e projetos, interseccionando classe, raça e gênero.

É importante frisar que a cultura do mutualismo permeou o século XIX, e consolidando-se nas primeiras décadas do século XX em uma multiplicidade de entidades. Longe de reiterar narrativas que tomam o fim da escravidão como momento formador da classe operária no Brasil, ao analisar o funcionamento das Sociedades de Socorros Mútuos de imigrantes em Belém é necessário ter em mente que as experiências forjadas por outras associações poderiam influenciar na construção das associações destes imigrantes na mesma medida que estes introduziriam novas ideias.

Segundo Marília Cánovas estas associações de emigrados representavam um “marco de territorialidades simbólicas”.¹³¹ Demarcavam tanto os elos de identidade étnica como de partilha de experiências comuns tais como, imigração, mundo do trabalho, e etc. Para os espanhóis que partiram de seus lares em meados do século XIX e aportaram nas Américas, particularmente na Amazônia, haveria uma “consciência de pertencimento”, mesmo que não correspondesse à realidade, visto as disputas internas em tais grupos. Tal consciência estaria na base da fundação destas associações, (re)tecendo seus laços culturais de acordo com o ambiente em que buscavam se adequar.

Certamente a presença de imigrantes na cidade de Belém ao longo das primeiras décadas do século XX proporcionou a difusão de ideias radicais, assim como adensamento de conflitos no mercado de trabalho paraense. Em 1914 durante sucessivas greves encabeçadas pela União Geral dos Trabalhadores em Belém, cinco estrangeiros foram exilados rumo a Europa por participarem de tal movimento, incluindo o português Antônio da Costa Carvalho.¹³² Na casa deste último foram encontrados periódicos de

¹²⁹ RALLE, Michel. A função da proteção mutualista na construção de uma identidade operária na Espanha (1870-1910). Cadernos AEL, 6 (10/11), 2010.

¹³⁰ Idem, p. 18.

¹³¹ CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. Imigrantes Espanhóis na Pauliceia: Trabalho e Sociabilidade urbana. – São Paulo: editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2009.

¹³² *A Lanterna* (SP), 25/07/1914, p. 3.

cunho anarquista, estatutos da *União dos Choferes* e da *União dos Estivadores*, assim como panfletos radicais do movimento operário.

Em um dos periódicos apreendidos o “*A lucta Social*” de Manaus, encontramos reportagens com referências à contraposição entre sindicalismo e mutualismo.

Associa-te, organiza-te em associações onde encontrarás o antídoto poderoso que, ajudar-te-á a levar a cabo a grande obra da regeneração humana, mostrando assim que sabes compreender os laços de solidariedade que através das fronteiras se cruza, uníssonos, em holocausto da tua emancipação integral.

Sim, é ela a solidariedade poderosa que, paralisando em dado momento o movimento do arado, a força do vapor, fará com que n’um só dia o operariado recupere aquilo que os burgueses lhe roubaram – toda a produção existente, porque é legado dos nossos antepassados, aperfeiçoado por nós; e para gaudío deles por honra e aos mortos, não devemos consentir que por mais tempo a víbora de nutra do nosso sangue, e do de nossas famílias, condenando-nos assim, a perpetuo servilismo.

Fundemos sociedades de classe, porém, não essas, denominadas beneficentes – porque elas são a negação absoluta das ideias reivindicadoras. Organizemo-nos, repito, mas dentro das mais modernas aspirações libertárias, nas bases solidarias do sindicalismo puro-única forma adotada na escola operaria-racionalista; isto é, no socialismo libertário, porque só de seu seio surgirá a aurora redentora da liberdade iluminando a senda de uma Sociedade Nova, de Paz e de Concordia.

Zed Nánref.¹³³

Para o autor sob o pseudônimo Zed Nánref as sociedades beneficentes eram meras associações caça-níqueis. O caráter assistencialista e previdenciário das mutuais acabavam por minar as lutas de classe entre os trabalhadores, afinal as mutuais integravam em uma rede de práticas um conjunto diversificado de sujeitos, tecendo redes de solidariedade pautadas em critérios diversos aos da noção de classe. A leitura desses discursos chegava aos operários de Belém, contudo não é possível atribuir um caráter radical a todo movimento associativo.

Em uma nota de protesto publicada no jornal *Estado do Pará* em janeiro de 1912, vários trabalhadores refutaram a autoria de um panfleto crítico ao Estado, alegando que “não encomendamos essa defesa indecente e suspeita, nem somos solidários com quem

¹³³ *A Lucta Social* (Manaus), 29/03/1914, p. 2.

haja, sem atribuições, invocado o nosso nome coletivo, para agredir a honrada administração pública”.¹³⁴

Entre os que assinaram o protesto constavam inúmeros migrantes e alguns imigrantes, entre eles os espanhóis Amaro Perez Quintanas, Francisco Rodrigues, Manoel Casado, Bento Rodrigues e Ângelo Carmenieiro. Neste sentido é necessário destacar, que a participação destes imigrantes em associações, sejam elas sindicais ou mutuals, encontravam seus limites nos projetos individuais que estiveram por vezes em maior consonância com o modelo mutualista.

O mutualismo ganhou relevo enquanto estratégia de resistência destes imigrantes, contudo não foi exclusiva a estes, outros grupos reiteraram seus laços por meio de associações mutuals, outros optaram pelo sindicalismo. Não quero simplesmente reiterar o mutualismo como fenômeno precursor do sindicalismo, e sim entender as demandas gestadas no interior do movimento mutual, especificamente o dos imigrantes espanhóis que vivenciavam demandas que por vezes eram distintas dos trabalhadores nacionais.

Estes sujeitos experimentaram juntamente com os trabalhadores nacionais em Belém o crescimento demográfico, a crise na economia da Borracha, as dificuldades sanitárias que tanto atingiram as cidades brasileiras nos primeiros anos da república, a gripe espanhola, endemias e certamente tiveram de lidar com as angústias proporcionadas pela primeira Guerra Mundial.

Diante dos cenários de conflitos e mudanças que perpassaram as duas primeiras décadas do século XX, o mutualismo teve seu lugar como espaço de resistência e recriação de identidade frente aos desafios do desterro além mar. Um caso emblemático de tais desafios foi o do espanhol Serafim Domingos Casqueiro e seu filho Manoel Lourenço Casqueiro, comerciantes, que tiveram seu quiosque saqueado na noite do dia 20 para o dia 21 em fevereiro de 1920.

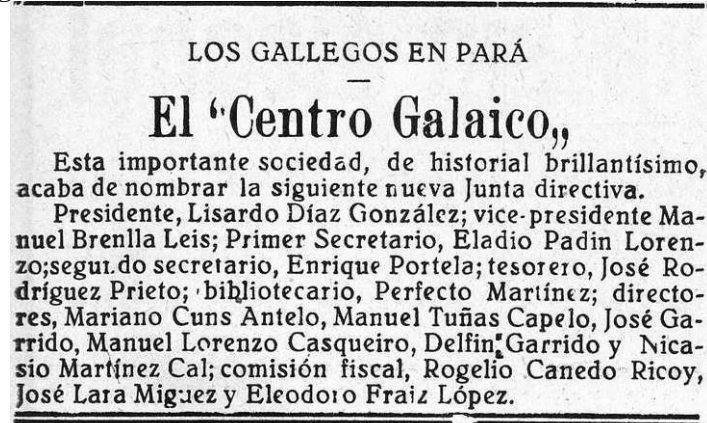
Na referida madrugada, uma horda de indivíduos saiu às ruas de Belém, armados de paus em mãos, quebraram comércios de estrangeiros (particularmente portugueses) aos gritos de “viva o Brasil!”. Como ficou evidente nos autos de inquérito sobre os danos no quiosque dos espanhóis, Serafim D. Casqueiro e Manuel Lorenzo Casqueiro, não

¹³⁴ *Estado do Pará*, 27/01/1912, p. 1.

foram apenas os portugueses atingidos pelo ufanismo radical que se espalhou por Belém em fevereiro de 1920.¹³⁵

As tensões entre estrangeiros e nacionais em Belém, por vezes foi levada as autoridades consulares como mediadores de tais conflitos. No caso do movimento xenófobo de Belém em 1920, a atuação de autoridades consulares junto aos políticos e autoridades locais em defesa dos imigrantes também perpassava pelas redes de sociabilidade tecidas em meio as sociedades mutuais.

Figura 8 - Junta Diretiva do Centro Galaico del Pará, 1926.



(Vida gallega : ilustración regional: Año XVIII Número 316 - 1926 setembro 10, p. 13)

O vice-cônsul da Espanha no Pará, Frederico Pastor interveio junto à chefatura de polícia, asseverando os prejuízos sofridos por seu compatriota. Ambos Manuel Lorenzo Casqueiro e Frederico Pastor estavam entre os membros do CGP, sendo o primeiro membro da Junta diretiva nos anos de 1920, enquanto Frederico Pastor se manteve como sócio, chegando a presidir a associação na década de 1910. O que busco indicar com este caso, é compreendermos o associativismo mutualista de espanhóis em Belém, como espaços de construção e fortalecimento de laços. Tais redes eram acionadas para resolução de conflitos, ou simplesmente como mecanismo de acesso a recursos.

O mutualismo ocorreu em paralelo com o fortalecimento sindical no Pará e não como um modelo prévio a este. Se aos operários os sindicatos eram apresentados como meio de alcançar seus objetivos no âmbito coletivo, e mesmo alterar as relações de trabalho sob os auspícios de ideais revolucionários, ora assentados no socialismo, ora no anarquismo. Para os imigrantes as sociedades beneficentes de auxílio mútuo, proporcionavam mecanismos de sobrevivência individual, de sociabilidade e de inserção

¹³⁵ Arquivo Público do Estado do Pará (APEP), Chefatura de polícia, série: autos, ano: 1920 jan/jun.

na comunidade local. A permanência de algumas destas associações ao longo do século XX, demarcam os processos de inserção do imigrante e seus descendentes no Pará, assim como constituem um microcosmo de atuação política, mesmo que por vezes assinale um caráter conservador.

2.1 - Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos

Em 19 de março de 1903 foi fundada com sede social a Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos (SESM). A SESM teve como finalidade prover assistência médica e financeira aos seus membros, seu regulamento contou com 76 artigos aprovados em 1904.¹³⁶ O artigo segundo definia a finalidade da sociedade em seis itens:¹³⁷ prover assistência sanitária e aos seus membros em uma “casa de saúde”, enquanto não tiver recursos para construção de seu próprio “hospital”; dar acesso a seus sócios a consultas médicas e remédios; auxílio financeiro aos sócios doentes que necessitem retornar a Espanha, provendo o valor de 50\$000 réis e uma passagem de terceira classe para o porto mais próximo do lugar ao qual quisessem se estabelecer; proteção ao trabalho, procurando colocação aos sócios que precisem; promover a leitura de livros, instrutivos, revistas e periódicos, por fim prover o auxílio de 150\$000 réis a família do sócio falecido em virtude dos gastos com o enterro.

Como frisou Adriano Craveiro, tais benefícios prestados pelas mutuais eram de modo geral demandas dos grupos que constituíam estas associações. Dentre os benefícios mais ofertados pelas mutuais analisadas pelo autor estavam: assistência médica; assistência farmacêutica; funerária e a disponibilização de biblioteca para instrução.¹³⁸ A colocação no mercado de trabalho aparece somente 5,7% das mutuais analisadas, neste sentido parece ser uma especificidade da SESM.

Embora nas décadas de 1890 e 1900 a política de imigração promovida pelo governo do Estado do Pará visasse suprir de mão de obra os projetos de núcleos coloniais agrícolas, ao longo dos anos de 1900 a até a segunda metade do século XX a entrada de

¹³⁶ Regulamento da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos, 1905. Acervo particular Manoel Malvar.

¹³⁷ Idem, p.3-4.

¹³⁸ OLIVEIRA, Adriano Craveiro de. Trabalhadores na Primeira República no Pará (1860 – 1930): Estudo sobre organizações e greves de uma classe em formação. Dissertação de Mestrado; PPHIST/UFPA, 2019, p.39.

imigrantes espanhóis parece ter seguido uma dinâmica “espontânea” independente dos projetos de alocação da mão de obra imigrante.

Quando o inspetor de imigração da Espanha Leopoldo D’ozouville saiu do Rio de Janeiro em direção as terras do Brasil setentrional, recebeu um ofício do Vice Cônsul da Espanha no Pará, Frederico Pastor. Neste ofício informava-se que não havia uma política de imigração promovida pelo governo do Estado do Pará, e os espanhóis que imigravam o faziam por conta própria. Destacou que não havia reclamações de espanhóis feitas ao consulado, assim como não existiam núcleos de espanhóis no Estado, visto que os poucos que vivem no interior estariam dispersos.¹³⁹

O caráter de trânsito na entrada de espanhóis em Belém, longe de eliminar a construção de uma comunidade espanhola, tornou necessária a preservação de seus valores, identidades e construção de redes de solidariedade. Entender tais demandas é um elemento importante para compreendermos as diretrizes estabelecidas no Regulamento da SESM em 1904. As informações prestadas entre os anos de 1909 e 1917, pelo então Vice-cônsul espanhol no Pará, Rafael Seco, reforçam a instabilidade de condições dos imigrantes espanhóis tanto em Belém quanto em Manaus. Em 1908 Rafael Seco informa que o fluxo imigratório de espanhóis para as terras do norte do Brasil mantém-se de maneira modesta, salvo para os anos de 1898, devido ao projeto colonizador do governo do Pará em virtude das obras da ferrovia *Madeira-Mamoré*.¹⁴⁰ Em relação à entrada de estrangeiros o Vice-cônsul observa uma mudança no projeto de colonização:

Anos atrás, houve um projeto de colonização agrícola, que não funcionou; a praça agora está cheia de trabalhadores; um Estado vizinho - o do Ceará - os fornece em abundância. Trabalhadores hábeis são necessários em vez de diaristas, capazes de se tornar pequenos industriais. As Escolas de Artes são os chamados para transformar o tipo de emigrante, para que seja um benefício para o indivíduo e para a nação.¹⁴¹ (tradução da autora)

Ainda segundo Rafael Seco, a colônia estrangeira que mais se destacava na cidade de Belém era a portuguesa. Já os espanhóis, oriundos em sua maioria da província de Ourense a noroeste da Espanha, próxima ao porto de Vigo, e neste sentido constituía-se

¹³⁹ D. Leopoldo D’ozouville de Bardou y Cruz Alvarez. Un Viaje al Brasil: Información acerca de La situación de lós emigrados españoles em lós Estados de Pará y Amazonas y zona de trabajos de ferrocarril de Madeira – Mamoré. (Madri, 1916), p.57.

¹⁴⁰ Memórias diplomáticas e consulares, e informações, nº 220, 1909, consulado de España em Pará; Memorial comercial correspondiente al año de 1908, p. 9.

¹⁴¹ Idem.

em uma colônia homogênea em “ilustación, costumbres y modos de ganarse la vida”. Dedicados de modo geral aos serviços manuais, venda de retalho pelas ruas, empregados como serventes em cafés e casas particulares.¹⁴²

As informações de Rafael Seco são corroboradas pelo inspetor de imigração Leopoldo D’ozouville em seu relatório sobre a colônia espanhola no norte do Brasil, nele é destacado a concentração dos espanhóis na cidade de Belém, assim como serem compostos por maioria de trabalhadores de ofícios manuais, chegando a contar com 200 sapateiros espanhóis em Belém. O inspetor deu destaque a Belém como porta de entrada dos vapores que levam trabalhadores espanhóis para as obras da ferrovia Madeira-Mamoré, também levantou que nas obras da ferrovia de *Alcobaça* a Praia da rainha (depois conhecida como Tocantins-Araguaia) construída no Pará entre os anos de 1904 e 1912 trabalharam cerca de 400 espanhóis. Estes recebiam em média sete pesetas diárias por seus serviços, a insalubridade nas obras levou a óbito 25 em cada 100 espanhóis que trabalharam nesta obra.¹⁴³

Figura 9 - Cônsul da Espanha no Pará.



SR. RAFAEL SECCO, consul hespanhol, no Pará.
Photographia feita por ocasião da visita que fez a Porto
Velho

(Leitura Para Todos - RJ; 1910, p. 107)

¹⁴² Memórias diplomáticas y consulares, e informações. Nº 261, 1910. - Brasil: consulado de España em Pará; Memorial comercial correspondiente al año de 1909, p. 8.

¹⁴³ D. Leopoldo D’ozouville de Bardou y Cruz Alvarez. Já citado, p. 189.

Além das doenças típicas da região amazônica, as condições de trabalho nas ferrovias levavam a significativos números de óbitos. Acima temos uma foto do cônsul Rafael Seco ao visitar a cidade de Porto Velho a fim de verificar as condições dos espanhóis que trabalhavam nas obras da ferrovia *Madeira-Mamóré*.

Por vezes o consulado da Espanha no Pará enviou informações sobre seus compatriotas falecidos, no *Diário Independiente* de Madri publicaram em abril de 1919 uma lista de 16 espanhóis falecidos no Pará.¹⁴⁴ As experiências destes imigrantes moldaram ao longo das décadas de 1890 a 1920 não apenas suas estratégias de sobrevivência como a maneira de se articularem social e politicamente. Em 1912 Rafael Seco informou ao governo espanhol que a imigração para a região norte do Brasil estava em passos lentos, feita a custo dos próprios imigrantes que passavam a imigrar de maneira sazonal. Segundo ele, boa parte da mão de obra era suprida pelos nacionais, aos estrangeiros a facilidade de trânsito promovida pelo “barateamento” e velocidade na navegação possibilitou que estes optassem por imigrar em dados períodos trabalhando nas obras públicas e retornassem ao seu local de origem após acumular algum recurso:

A verdade é que o amor local triunfa na maioria dos casos e, se alguém pode reconciliar seu interesse com a estadia mais curta no exterior, esse caminho escolhe. A colonização não atrairá nossos compatriotas em tempos normais. Eles virão aqui para trabalhar em obras públicas, a fim de economizar e eles voltarão para suas casas. No Amazonas, por um motivo ou outro, sempre haverá, com mais 6 intervalos menos longos, demanda por braços para esse tipo de trabalho. Os espanhóis preferem se envolver neles, porque, sob o risco, têm a possibilidade de converter pequenos capitalistas. É certo que, se as ferrovias projetadas começarem, muitas virão com esse fim.¹⁴⁵

O caráter de trânsito que a presença espanhola ganhou no Pará nas décadas de 1900 e 1910 não impediram que as associações mutualistas de imigrantes se desenvolvessem.

¹⁴⁴ “El consul de España en Pará comunica al ministerio de estado el fallecimiento de los súbditos españoles; Felipe Lopez, de treinta y tres años; Antonio Lopez, soltero, de veintitres años; Aurora Maria, soltera, de treinta y ocho años; Manuel Gil Alvaro, soltero, de treinta y ocho años; Juan Rey Real, casado, cuarenta y cinco años, natural de caston (Corunã); Venerando David Pena, soltero, de veinticuatro años, natural de Taboado (Lugo); Justo Perez Pupo, soltero, de veintiseis años, natural de Prianza (léon); Filomeno Fidalfo Alves de treinta y siete años; Jose Sancho de veintiocho años; Antonia Martinez de cincuenta y dos años; Andrés Pereira Ramos, casado de cincuenta y seis años; Francisca Ribas, de cuarenta y seis años; Maria Esperanza Quiroga, de veintiocho años, Manuel Perdiz Duran, de cuarenta y cuatro años; Salvador Fortes, soltero, de cincuenta y dos años, y Manuel Campos Fangin de treinta e nueve años”. *Diario Independiente*, 25/04/1919, p. 11; “Españoles Fallecidos el extranjero”.

¹⁴⁵ Memorias diplomáticas y consulares, e informações. Nº 401, 1912. - Brasil: consulado de España em Pará; Memorial comercial correspondiente al año de 1912, p. 5.

À medida que a crise na exportação da Borracha aumentava, as oportunidades de trabalho e de acúmulo de riqueza diminuían, para o ano de 1918 o então cônsul da Espanha em Manaus, Tomás Rodriguez, indicou que somente os imigrantes habilitados em certos ofícios como sapateiros, alfaiates e chapeleiros conseguiam suportar tal crise.¹⁴⁶ Certamente a presença de tais imigrantes nestes ofícios esteve também articulada as tensões e movimentos grevistas de diversas classes de ofícios nos anos de 1913 a 1920 no Pará e no Amazonas.

Embora a SESM e posteriormente o CGP e a UESM, como instituições de auxílio mútuo não tivessem foco em uma identidade de classe, temos nestas associações um conjunto de experiências de ações coletivas que se entrelaçam com o movimento sindical da primeira República, tendo um *ethos* comum a tais instituições. Como destaca Claudia Viscardi, o caráter policlassista das associações de imigrantes propiciava uma interlocução entre indivíduos de diversos ofícios, amenizando tais relações e conflitos interclasse, na mesma medida que fortalecia a experiência de luta coletiva pautada na identidade étnica, propiciando a construção de lideranças.¹⁴⁷

Ainda segundo Claudia Viscardi, tal associativismo mutual esteve marcado por um “fraternalismo” caracterizado pelo reforço da masculinidade, corporativismo, ritualização e valorização da propriedade privada. No regulamento da SESM em seu artigo 3º é reforçada a ideia de construção de vínculos de fraternidade:

Esta sociedade terá à união mais estreita de todos os espanhóis residentes nesta Capital e estimulará entre eles os laços de fraternidade para que obtenham uma força real e efetiva para a Sociedade que, favorecendo seus próprios interesses, proteja e defenda a moral da Espanha em harmonia com as do país que nos acolhe.¹⁴⁸ (Traduzido pela autora).

Além de funcionar como uma plataforma de atuação política e social, associações de imigrantes como a SESM traçavam modelos de comportamento segundo os valores morais estipulados em seu regulamento. Em seu artigo quinto o regulamento da SESM estipulava que somente seriam admitidos homens e mulheres de naturalidade espanhola,

¹⁴⁶ Memórias diplomáticas y consulares, e informações. Nº 635, 1917. - Brasil: consulado de España em Pará; Memorial comercial correspondiente al año de 1917, p. 4.

¹⁴⁷ VISCARDI, Claudia M. R. O Ethos mutualista: valores, costumes e festividades. In: Organizar e Proteger; Trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil. (Org.) BATALHA, Claudio H. M; MAC CORD, Marcelo. Campinas, São Paulo: editora da Unicamp, 2014, p. 194.

¹⁴⁸ Regulamento da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos, 1904, p. 3. APEP: Juízo de Direito da 2ª Vara da Capital; Caixa 17. Autos de Manutenção de Posse.

e os filhos e netos destes, estipulando também a necessidade de terem um ofício conhecido e honesto, e gozar de boa conduta.

Gomes e Sárgees apresentam uma Belém constituída de conflitos urbanos, nos quais os imigrantes são retratados em periódicos de forma recorrente acusados de “ladrões” e de “brigões”,¹⁴⁹ em pouco tempo a construção da imagem de um trabalhador imigrante ideal que recaía sobre os espanhóis foi transfigurando-se na figura do estrangeiro indisciplinado. Em certa medida tais centros associativos buscaram construir a imagem de um imigrante educado e zeloso para com a sociedade, contrapondo-se as visões negativadas que recaiam sobre os trabalhadores espanhóis.

No regulamento da SESM não havia especificidade quanto ao tipo de profissão, e neste sentido estava aberta a todas as classes que pudessem arcar com os custos das mensalidades. A questão da boa conduta social não foi uma exclusividade da SESM, no Pará já na década de 1860 quando da criação da Sociedade Imperial Beneficente Artística uma de suas diretrizes base foi a conduta moral de seus sócios.¹⁵⁰ Neste sentido temos um conjunto de diretrizes comuns a grande parte destas associações de caráter mutual, como a assistência pecuniária e médica, assim como as hierarquias de gênero.

As mulheres espanholas teriam o direito de ingresso na SESM, contudo seriam classificadas como sócios passivos, sem direito de “votar e reger o destino da sociedade”. Embora a presença de mulheres entre os imigrantes seja comum, estas estiveram sujeitas a uma série de infortúnios como destacado no caso da espanhola Aurora Monreal.

No caso de Belém entre os dados colhidos nos registros cíveis de casamentos pode-se identificar que 64% destas possuíam entre 15 e 24 anos de idade, e em grande maioria foram classificadas como serviços domésticos (80,9%).¹⁵¹ Percentual semelhante ao indicado por Marília Cánovas para a cidade de Santos na década de 1890, no qual 78% das espanholas que ali entraram declararam-se dedicadas aos serviços domésticos,¹⁵²

¹⁴⁹ SÁRGEES, Maria de Nazaré; GOMES, João Arnaldo. Os Espanhóis na cidade De Belém: Conflitos e Solidariedade. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*. Janeiro - Junho de 2014 Vol. 11 Ano XI nº 1.

¹⁵⁰ LOBO, Marcelo F. Tese. “Apesar de preto é cidadão”: trabalho, família e mobilidade de libertos no Brasil (Grão-Pará, 1796-1918). Tese de doutorado, Universidade Federal do Pará, PPGHIST, 2019.

¹⁵¹ LIMA, Aline de K. M. A imigração espanhola na cidade de Belém: Um olhar a partir de documentos cíveis de casamento (1897-1920). Monografia de conclusão de curso, UFPA/FAHIS, 2014.

¹⁵² CÁNOVAS, Marília. 2009, p. 171.

embora tal designação a princípio possa estar atrelado a atividades exercidas no próprio domicílio.

No caso da cidade de Belém do Pará a racialização promovida no mercado de trabalho do serviço doméstico tal qual apontado por Edilza Fontes,¹⁵³ teria propiciando as imigrantes adentrarem ao universo laboral como meio de complementar a renda familiar, ou mesmo sobreviver na ausência de uma figura masculina. Em uma breve nota publicada no jornal *Folha do Norte* em 1897 entrevemos a ação destas mulheres diante das preferências da elite local pela sua mão de obra:

(...). Vem para aqui esses imigrantes, pela maior parte analfabetos e boçaes, dispendo quase que só da prestabilidade braçal, fugidos da miséria e da horrorosa escravidão militar europeia, e aqui chegados, no fim d'algum tempo, conhecedores da terra e da frouxidão das leis (pois que nem mesmo um regulamento temos para a criadagem), impõem-nos os seus caprichos, *exigindo as mulheres, por exemplo, até cem mil réis mensais por seus parcos serviços domésticos.* (Grifos meus).¹⁵⁴

Leopoldo D'ozouville afirmou que em meados da década de 1900 haviam em Belém cerca de trezentas mulheres espanholas: “galegas em sua maioria, prestam serviço de criadas ou se dedicam ao serviço de lavadeiras”,¹⁵⁵ embora postas como sócias passivas, as mulheres estiveram participando frequentemente das atividades dos centros associativos, nas fotos dos salões do Centro Galaico do Pará as apresentam em celebrações, palestras, pagavam suas mensalidades enquanto esposas dos homens associados (ver anexos).

O regulamento da SESM em 1904 é assinado pelo então presidente da sociedade, Vicente Coma Ferrer (comerciante na praça de Belém, este foi representante dos produtos da empresa *Bretel Freres* no Pará)¹⁵⁶ e o primeiro secretário Enrique Fernandez.¹⁵⁷ No regulamento da SESM em seu artigo nº 63 é disposto que todos os anos se realizariam três assembleias gerais, nas quais a realizada em janeiro deveria ocorrer a eleição de nova junta diretiva, de tal modo que entre 1903 e 1904 ocorreu uma mudança na junta diretiva da SESM o que pode ter acarretado divergências internas da associação.

¹⁵³ FONTES, Edilza Joana Oliveira. Preferem-se português(as): trabalho, cultura e movimento social em Belém do Pará (1885-1914). Belém: Edit. Aedi, 2016. E-book.

¹⁵⁴ *Folha do Norte*, 10/03/1897, p. 1.

¹⁵⁵ D. Leopoldo D'ozouville de Bardou Y Cruz Alvarez. Já citado, p. 81.

¹⁵⁶ *Diário de Pernambuco (PE)*, 17/09/1903. p.2.

¹⁵⁷ APEP: Juízo de Direito da 2ª Vara da Capital; Caixa 17. Autos de Manutenção de Posse.

A junta diretiva da SESM foi composta em 1904, por Antônio Fernandez Alvarez (vice-presidente), Martiniano Fernandez Cerejo (secretário), Ramiro Claro Cal (tesoureiro), José Maria Navarro (contador) e os seguintes diretores: Francisco Barreiro Blanco, Gumersindo Pita, José de Sam Martin e Bernardo Curras. Tais indivíduos tiveram destaque na sociedade Belenense. Parte destes membros, da junta diretiva da SESM, esteve posteriormente entre as lideranças do Centro Galaico do Pará e da União Espanhola de Socorros Mutúos.

A mobilidade social dos membros, pode de algum modo estar vinculada as suas experiências associativas. Eligio Alvarez um dos membros da SESM em 1904 mudou-se para Manaus e tornou-se comerciante, proprietário de um hotel e “membro ilustre” da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos de Manaus.¹⁵⁸

Em 1909 o periódico *Vida Gallega*, noticiava sobre a colônia galega no Pará, o artigo estampava uma foto do Intendente de Belém (Antônio Lemos), assim como a foto de D. Joaquim Montes, um dos responsáveis em 1905 pelas disputas internas da SESM. Este último então ocupou em 1909 o cargo de tesoureiro do CGP, sua foto foi acompanhada de uma breve apresentação:

D. Joaquim Montes é um dos elementos mais prestigiados da nossa colônia no Pará. Ele está estabelecido naquele estado brasileiro há muitos anos e goza de simpatia geral.

O Sr. Montes sempre ocupou cargos de responsabilidade nas diversas empresas espanholas que se sucederam no Pará.

Atualmente é o Tesoureiro do “Centro Galaico”.¹⁵⁹(Tradução da autora)

Tal artigo reforça a ideia das sociedades mutuais de imigrantes como espaços de interlocução com a comunidade local, outros estados e países, assim como o uso das mutuais como plataforma política. Podemos supor que a relação do CGP com a Intendência de Belém servia para conquistar fundos, espaços de trabalho para parte dos imigrantes, além de prestígio aos seus membros.

Além de Joaquim Montes demais membros da SESM estariam entre as juntas diretivas de outras associações e instituições. Martiniano Fenandez Cerejo tornou-se presidente da União Espanhola de Socorros Mútuos (UESM). Já o contador José Maria

¹⁵⁸ *El Hispano Amazonense* (AM), 12/10/1919, p.4; 04/06/1921, p.1.

¹⁵⁹ *Vida Gallega*, n.º 7, 1909, p. 31.

Navarro foi cônsul do Perú no Pará, além de gerente da *Pará Eletric Public Company Limited*.¹⁶⁰

A presença de comerciantes, cônsules e industriais entre os sócios ativos da SESM indica a articulação entre redes de proteção e mobilidade em termos materiais para estes imigrantes. Longe de atribuir aos sócios da SESM à característica de serem imigrantes abastados, entre os membros que reivindicaram a preservação da mesma estavam imigrantes de ofícios mais modestos, como Rogelio Canedo Ricoy. Este aparece nos registros de casamentos de Belém como testemunha em ao menos três matrimônios de imigrantes espanhóis. Em 1909, possuía o ofício de Jardineiro, morador na rua Dr. Moraes n.º 33, mudando-se para a avenida Conselheiro Furtado em 1911.¹⁶¹ Sua presença entre membros de uma sociedade de auxílio foi longa, constando entre os Sócios Beneméritos na administração do CGP em 1929.

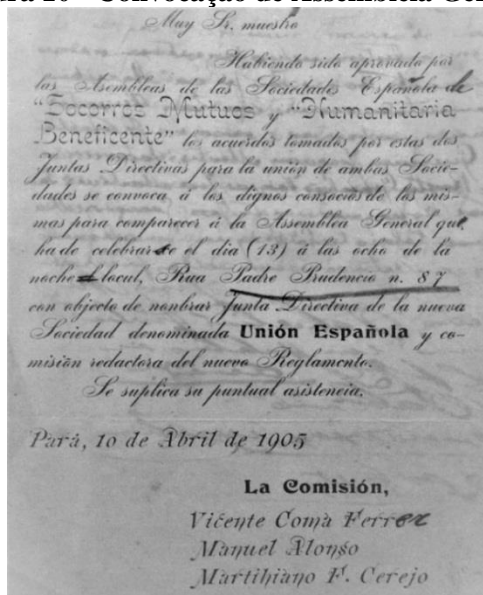
Os sócios fundadores da SESM em 1903 permaneceriam ainda por alguns anos atuando em outras associações de auxílio mútuo, interseccionando questões marcadas pelo regionalismo étnico.

2.2 A cisão da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos: entre união e separação.

Em abril de 1905 parte da então junta diretiva da SESM sob presidência de D. Vicente Coma Ferrer juntamente com os diretores da Humanitária Beneficência resolveram fundi-las, convocando uma assembleia extraordinária dos seus sócios a fim de informá-los e levar adiante tal projeto e a construção de novo regulamento:

¹⁶⁰ *Estado do Pará*, (PA), 05/11/1911, p. 3.

¹⁶¹ Fonte: Centro de Memória da Amazônia/ TJE. Cartório Privativo de Casamento. Caixa Nov. de 1909 e Fev. 1911.

Figura 10 - Convocação de Assembleia Geral

(Ofício de ratificação de criação da União Espanhola, 1905).¹⁶²

Contrários à dissolução da SESM e a sua fusão, dez sócios ativos entraram na justiça requerendo manutenção de posse sobre os bens da antiga sociedade. Entre os requerentes estava a figura do futuro presidente da SESM para o ano de 1905, Joaquim Montes Uchoa.

Figura 11 - Presidente da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos.**D. Joaquín Montes.**

(Vida gallega: ilustración regional: Año I Número 7 - 1909 julio, p.32)

¹⁶² “Havendo sido aprovado pelos membros das sociedades espanholas de “Socorros Mutuos y Humanitaria Beneficente”, aos acordos tomados por estas duas juntas diretivas para a união d ambas sociedades se convoca aos dignos sócios das mesmas para comparecerem à Assembleia Geral que há de celebrar-se dia (13) as oito horas da noite, local, Rua Padre Prudêncio n.87 com objeto de nomear a junta diretiva da nova sociedade denominada União Espanhola e comissão redatora do novo regulamento” (tradução livre).

Como destaca Blanco Rodriguez, as associações mutualistas são espaços de atuação coletiva de imigrantes.¹⁶³ Espaços de construção e reiteração de valores e práticas sociais, e reconstrução de identidades nos locais onde aportaram. Seria então o “reflexo de uma contradição”, onde a necessidade de integrar-se ao ambiente faz-se necessário a assimilação dos valores e elementos culturais locais, na mesma medida em que tais associações buscam “resgatar” a identidade do País de origem. Neste sentido, tomo o rompimento da SESM como parte do processo de reconstrução de uma identidade, que teria se constituído inicialmente sob os signos de uma “nação” espanhola e se desdobrado em elementos mais locais.

A recusa de parte dos sócios da SESM na fusão com a Humanitária Beneficência poderia estar baseada nos conflitos identitários, mais do que em disputas internas de poder na SESM. Parte de seus membros continuou a compor as juntas diretivas das sociedades União Espanhola de Socorros Mútuos e o Centro Galaico do Pará.

Fundada em 1903 a SESM funcionou até 1906, quando da divisão de seus membros diante da tentativa de fusão com a Beneficente Humanitária. Joaquim Montes encabeçou um grupo dissidente da SESM que buscavam a preservação da mesma associação. Antes das disputas judiciais pelos bens da SESM, Joaquim Montes convocou aos sócios ativos a resistirem a proposição da fusão, valendo-se do artigo 76 do regulamento no qual afirmava que: “não poderá ser desfeita esta sociedade abaixo de pretexto algum sempre que dez sócios ativos em pleno gozo de seus direitos sociais queiram continuar”.

Após a decisão de criação da União Espanhola de Socorros Mútuos, parte dos sócios ativos da SESM decidiram manter as atividades da mesma, convocaram uma assembleia a fim de eleger nova junta diretiva e encaminhar processo na justiça para reaver os bens e arquivos da SESM em poder da junta diretiva da UESM.

Em 31 de março de 1905 foi publicado uma breve nota no jornal *A Província do Pará* em espanhol sob o título “Sociedad Española de Socorros Mutuos”, nesta alertava-se para a ideia de anular os artigos 76 e 77 do regulamento de tal associação com o fim de fazer desaparecer a sociedade, declarava-se também que vários dos sócios ativos que

¹⁶³ RODRÍGUEZ, Juan Andrés Blanco. Emigración Y Asociacionismo Español En Brasil. In: NAS DUAS MARGENS. OS PORTUGUESES NO BRASIL Organizadores Fernando de Sousa, Ismênia de Lima Martins, Izilda Matos. Porto: Ed. CEPES. 2009, p. 189-212.

assinavam a referida nota desejavam continuar com a SESM.¹⁶⁴ Vinte e nove nomes constavam entre os assinantes da nota, incluído o de Joaquim Montes como principal requerente.

Em uma ata da reunião realizada no dia vinte de abril de 1905, na Avenida Tamandaré. Após a eleição de nova Junta diretiva, composta por Joaquim Montes (presidente), Secundino Lopez Portella (vice), José Rodriguez Estevez (1º secretario), Severo Vasquez (2º secretário) e Rogelio Gonçalves Vasquez (tesoureiro), a mesma junta responsabilizou-se por reaver os bens da SESM, e por reincorporar a ela os sócios que a haviam abandonado em virtude de discordarem a antiga diretoria que propôs a fusão.¹⁶⁵

Os motivos sobre a divisão da SESM em duas associações podem estar atrelados às disputas por identidade, visto que grande parte dos espanhóis que adentraram a província paraense serem oriundos da região da Galícia. No regulamento da UESM está posto o seguinte: “não admitiremos regionalismos; abaixo o símbolo de nossa pátria nos abrigamos, e trabalhando pela razão, pela justiça e pela união, ao mesmo tempo em que somos dignos da consideração dos outros, honraremos e glorificaremos nossa pátria”. O conflito ideológico acerca da identidade espanhola e os seus regionalismos provavelmente estiveram na base da secção da SESM, neste sentido pode-se destacar que a presença espanhola no Pará durante as primeiras décadas do século XX também foram marcadas por disputas internas entre estes imigrantes, reproduzindo no além mar conflitos provenientes de sua terra natal, fenômeno este já destacado por Maria Luiza Ugarte Pinheiro em relação aos espanhóis em Manaus que “transpuseram aquelas tensões (internas) e conflitos para o outro lado do atlântico”.¹⁶⁶

A SESM continuou a funcionar até 1906, considerando os registros no livro de contas que a partir de 1907 passa a ser denominada Centro Galaico do Pará. Este processo de transição de uma designação genérica quanto a identidade hispânica para uma identidade galega demarca este regionalismo. Cerca de sete décadas depois da divisão da SESM que deu origem a CGP e a UESM, as juntas diretivas destas duas últimas

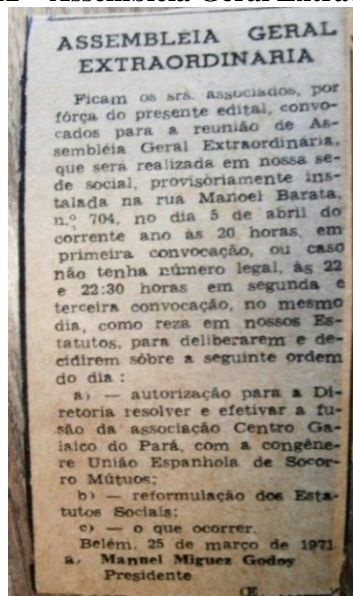
¹⁶⁴ Recorte de jornal *A Província do Pará* anexo ao processo de Autos de Manutenção de Posse. APEP; Juízo de Direito de 2 vara da Capital; Autos de Manutenção de Posse, 1905; caixa 17, pasta 2.

¹⁶⁵ APEP; Juízo de Direito de 2 vara da Capital; Autos de Manutenção de Posse, 1905; caixa 17, pasta 2.

¹⁶⁶ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Imprensa de imigrantes: vozes da colônia espanhola no Amazonas, 1901 – 1921*, p. 174. *Navegar*, vol.3, nº 4, Jan.- Jun. 2017, p. 162-185.

associações resolveram conclamar uma assembleia geral entre os sócios remanescentes a fim de fundi-las em uma tentativa de preservação de ambas.

Figura 12 – Assembleia Geral Extraordinária



Acervo particular Manuel Malvar Gonzalez

O que se pode afirmar é que tais associações reconfiguraram suas estratégias de atuação ao longo do século XX, tais estratégias estiveram assentadas em aspectos étnicos, onde a identidade nacional espanhola era acionada em dados momentos, e em outros os regionalismos sobressaíam-se. Atuando de maneira paralela aos movimentos sindicais da primeira república.

2.3 “Para a Espanha e pelos espanhóis”

Sob o lema “Para a Espanha e pelos espanhóis” foi fundada a União Espanhola de Socorros Mútuos, teve atuação tão longeva quanto o Centro Galaico do Pará e agregava os imigrantes priorizando a identidade nacional frente aos regionalismos. Entre suas diretrizes estava o não envolvimento em questões políticas, centrando-se no caráter assistencialista e previdenciário.

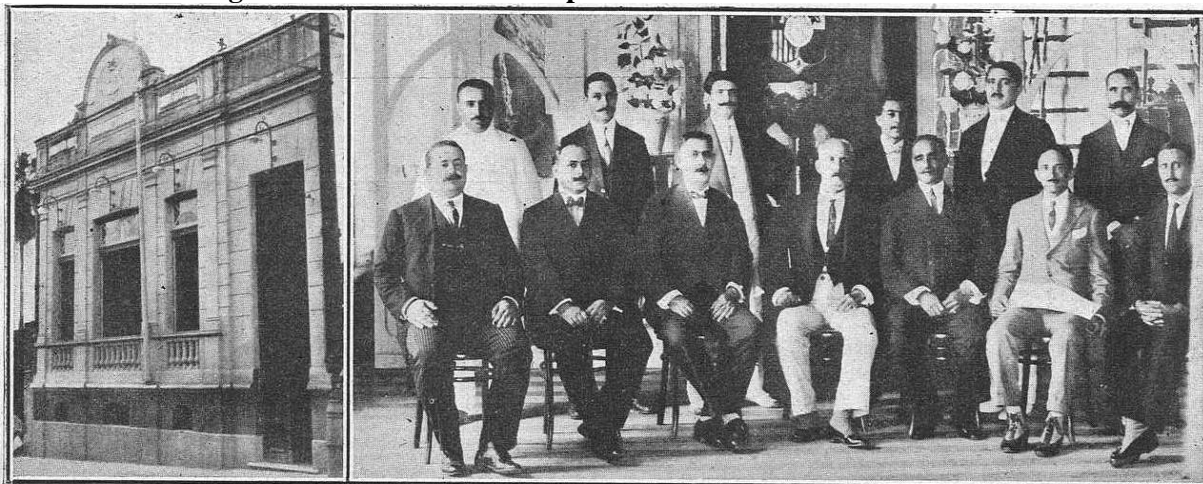
Sua sede social chegou a ocupar cinco endereços distintos, em 1905 manteve-se na rua Padre Prudêncio nº 87 (antiga sede da SESM), em 1906 mudou-se para “pequena casa” na rua 28 de Setembro, no ano seguinte foi transferida para um prédio maior na rua Frutuoso Guimarães, depois para a rua Lauro Sodré em 1912, chegando por fim ao seu

endereço final na avenida São Jeronymo no ano de 1916, local onde foi construída sua sede.¹⁶⁷

Em 1919 possuía 320 sócios contribuintes, 14 honorários e 12 beneméritos. Sob seus serviços estavam os médicos Alcides Brasil, Ferreira Bastos, e Agostinho Monteiro.¹⁶⁸ Os sócios doentes seriam tratados nos hospitais da Ordem Terceira de São Francisco, Santa Casa da Misericórdia e D. Luiz I. Seu estatuto composto de 83 artigos determinava o fim previdenciário da UESM, poderiam ser sócios indivíduos de ambos os sexos, não apenas espanhóis mais também filhos e netos de espanhóis, assim como estrangeiros naturalizados espanhóis, hispano-americanos, “filhos do arquipélago filipino”, estrangeiros casados com espanholas, assim como “hebraicos descendentes de raza española”.¹⁶⁹ Tal caráter abrangente na composição étnica da sociedade, ao menos no papel, tinha como objetivo reconstruir a identidade espanhola nas américas, por meio de uma comunidade imaginada, ligada por finas linhas de origem, que por vezes obliteravam as diversidades.

Em Belém o segundo grupo étnico a casar-se com espanholas foram os portugueses, e neste sentido havia brechas no Regulamento da UESM que permitia a introdução deles entre seus sócios.

Figura 13 - Sede da União Espanhola e sua Junta Diretiva.



Belem (PARÁ).—Hermoso inmueble, de 9 metros de ancho por 30 de fondo, construído «ad-hoc» para la «Sociedad Española de Socorros Mútuos», y propiedad de ésta, que acaba de ser solemnemente inaugurado.—Junta directiva actual de la Sociedad, cuya mayoría es gallega

(Vida gallega: ilustración regional: Año IX Volumen VI Número 91 - 1917 agosto 15, p. 15)

¹⁶⁷ *Estado do Pará*, 02/05/1919, p. 3.

¹⁶⁸ *Idem*.

¹⁶⁹ Reglamento de la Sociedad Unión Española de Socorros Mútuos (Março de 1918). Arquivo Pessoal de Manoel Malvar Gonzalez.

A foto acima publicada no periódico espanhol *Vida Gallega* apresenta o prédio localizado na avenida São Jerônimo construído em 1916. Com atuação restrita ao campo beneficente e recreativo, visto o regulamento coibir debates políticos e ideológicos a UESM atuou promovendo festejos cívicos, bailes, auxílios médicos e instrução.

É necessário frisar que parte significativa da colônia espanhola no Pará processou seu ingresso na sociedade local de maneira parcial, não havia uma estratégia de inserção definitiva buscavam apenas um meio de sobrevivência e fugir dos contextos econômicos da Espanha, assim como das guerras. Como indica Germán Rueda Hernanz, grande parte dos imigrantes espanhóis que adentraram nas Américas ao longo das décadas finais do século XIX e primeira metade do XX retornaram para Espanha, mesmo que fosse apenas para morrer em seu local de origem.¹⁷⁰

Se levarmos em conta as distâncias culturais que demarcavam os espanhóis que aportaram no Pará e a população local, os imigrantes usaram como estratégia a consolidação de relações matrimoniais de caráter endogâmico, ou mesmo com outros estrangeiros, particularmente os portugueses, de modo a caracteriza-los como um contingente resistente a assimilação de indivíduos não ibéricos.

Além do caráter étnico, para ser aprovado como sócio o candidato ao ingresso na UESM deveria gozar de boa saúde, ter profissão honesta e conhecida, ter boa conduta, estar entre 14 e 54 anos de idade. Ter idoneidade moral foi um elemento importante para a UESM, ao atribuir os sentidos e limites aos comportamentos de seus sócios ligava-se a valores morais estabelecidos por uma sociedade burguesa, que não coincidia necessariamente com o modo de vida de imigrantes operários, artífices e subalternos, por vezes representados nos periódicos de Belém como arruaceiros de maus costumes.

Entre as obrigações dos sócios, estavam a de:

Capítulo III,

art. 14. - Vigiar os interesses e o bom nome da sociedade, comunicando ao conselho na forma prescrita no número anterior, quando for sabido, que algum associado ou funcionário não cumpra os regulamentos ou que a fraude viola os interesses sociais, direitos dos membros ou reputação de nossa sociedade, ou comunicá-lo à assembléia, quando os

¹⁷⁰ HERNANZ, Germán Rueda; ¿Cómo se integraron en los nuevos países americanos los emigrantes españoles? *In: ELASOCIACIONISMO EN LA EMIGRACIÓN ESPAÑOLA A AMÉRICA*. Org. Juan Andrés Blanco Rodríguez. Uned Zamora, 2008, p. 31.

detratores forem membros do conselho e a decisão da reivindicação apresentada a ele, não o deixarei satisfeito.¹⁷¹

Art. 17. - Comunicar (sempre por escrito) ao Conselho de Administração, quando for estabelecido que qualquer pessoa devido à sua conduta ou estilo de vida imoral, não pode frequentar nossos salões, independentemente do sexo ao qual pertence.¹⁷² (tradução da autora)

Constituir e manter uma boa reputação era uma forma de moldar a imagem da comunidade espanhola na cidade de Belém, estabelecendo outras visões possíveis sobre o imigrante espanhol. Projetos coletivos e individuais intercruzavam-se nestas associações, não apenas pelo “previdencialismo”, como também pelos espaços de sociabilidade e possibilidades mínimas de instrução. Entre os direitos dos sócios estavam determinados no regulamento o acesso a “médico, farmácia, socorro pecuniário, repatriação, traslado, enterro e remissão, voz e voto, instrução, recreio e reclamações”. Assim como na antiga SESM, o direito ao voto estava reservado aos sócios do sexo masculino, todos os demais direitos abrangiam ambos os sexos.

Quanto à instrução:

Art. 22 - com este título, a empresa manterá: aulas noturnas em se ensinarão conhecimentos de formação inicial em nosso idioma, para que todos possam conhecê-lo e falar com eles de forma consistente; mantendo assim sempre firme e vivo esse vínculo indissolúvel que deve unir a nacionalidade; Além do espanhol, português e outras línguas também serão ministrados.¹⁷³ (tradução da autora)

As aulas noturnas remetem a modalidades de ensino dedicados a formação de trabalhadores, jovens e adultos, reiterando seus vínculos por meio da valorização do idioma espanhol. O direito da instrução juntamente com o recreio era um dos direitos abertos mesmo aos sócios inadimplentes quanto as mensalidades, promoviam o ensino de

¹⁷¹ “Celar por los intereses y buen nombre de la sociedade, comunicando á la junta em la formaprescrita em el n.º anterior, cuando supiere, que alguno de los asociados ó funcionarios de la misma faltan al reglamento ó com fraudes lesan los intereses sociales, derechos de los sócios ó reutacion de nuestra sociedade, ó comunicarlo á la asamblea, cuando los detractores fueren miembros de la junta y la decision á la reclamacion á ella presentada, no le dejare satisfecho”.

¹⁷² Comunicar (siempre por escrito) á la junta Directiva, cuando le constare que alguna persona por su conducta ó modo inmoral de vida, no puede frecuentar nuestros salones, cualquiera que sea el sexo á que pertenezca.

¹⁷³ “Art. 22 – por éste título la sociedade mantendrá: conocimientos de primeira enseñanza em nuestro idioma, á fin de que todos puedan conocerle y hablarle concientemente; manteniendo de este modo siempre firme y vivo esse lazo indisoluble que debe unir nacionalidade; ademas de el español, se enseñaran tambien, portugues y otros idiomas.”

outras línguas como o português a fim de proporcionar melhor adaptação do seus na sociedade local.

Por meio de tais associações construía-se uma imagem pública dos espanhóis em Belém, postos como modernos e civilizados. Em janeiro de 1911 o jornal *O País* do Rio de Janeiro publicou um artigo sobre as aulas de *esperanto* promovido pela UESM em Belém.¹⁷⁴

Com grande animação realizou-se o festival de inauguração do curso de Esperanto na União Espanhola de Socorros Mútuos. Apesar do mau tempo, o amplo salão da festa ficou repleto de sócios e convidados. A ornamentação simples, mas elegante, servia de moldura às gentis senhoritas, e senhoras, que, em número considerável, concorreram à brilhante festa. O programa sofreu modificação muitíssima importante. Por motivo de incomodo de saúde na pessoa da competente professora Mlle. Haydée Godinho, que gentilmente tomara a seu cargo o acompanhamento da parte musical, não foi possível levar a efeito a projetada execução do hino esperantista e da melodia de Paul Wachs.¹⁷⁵

O festival promovido pela UESM contou com a presença de representante enviado pelo senador Antônio Lemos, o Dr. Tito Franco de Almeida. A sessão de inauguração do curso de esperanto também contou com a presença de Nuno Baena, o responsável pela introdução dessa língua no Pará, e vice-presidente do Club de Esperanto Brasileiro (1906) e fundador do clube de Esperanto no Pará *Norda Matena Estelo*.

A propagação entre imigrantes espanhóis de uma língua criada com o intuito de promover uma melhor comunicação entre diferentes povos, além de permitir certa elevação de *satus* de seus membros, e da própria associação, constitui uma estratégia de auxílio ao possibilitar ao imigrante que circula por várias regiões como o espanhol em dominar um idioma cujo objetivo era então ser universal. A exposição pública de suas ações por meio de anúncios na imprensa local e nacional constituiu uma estratégia de ação de consolidação do espaço público por parte dos espanhóis presentes em Belém.

Além das aulas noturnas a UESM permitia o acesso a sua biblioteca, também um salão de leitura constituído de “revistas e ilustraciones del país, de nuestra pátria y otras naciones”. As conferências executadas na sede social da UESM deveriam tratar sobre

¹⁷⁴ *O País*, 19/01/1911, p. 8.

¹⁷⁵ *Idem*.

“feitos históricos de nossa pátria, para exercitar com a recordação das glórias de nosso patriotismo e entusiasmo”.

Leopoldo D’ozouville descreveu as sociedades espanholas como “pequenas colônias”.¹⁷⁶ A UESM promovia festas, e ações de caridade que possibilitavam aos espanhóis associados estabelecer algum grau de prestígio:

A diretoria da Union Española de Socorros Mutuos, desejando festejar com uma ação de caridade a entrada de novo ano, vai proceder a distribuição de 200 cartões dando direito a 1 kilo de carne entre os pobres que se apresentarem em sua sede a avenida S. Jeronymo, 21, das 9 ás 11 horas de domingo, 29 do corrente.

A distribuição de carne será feita a 1 de janeiro vindouro em diversos talhos mencionados nos ditos cartões.¹⁷⁷

Ao distribuir seus cartões “vale” a UESM estaria estabelecendo uma política de caridade para além das diretrizes de seu regulamento, alavancando o status da colônia espanhola na cidade de Belém. A UESM mantinha contato com jornais espanhóis; em janeiro de 1908 o periódico *Galicia* publicou uma carta enviada pela junta diretiva desta associação alertando para que os espanhóis não fossem enganados por falsas promessas de agenciadores de mão de obra:

Prezado Senhor, este Conselho de Administração, sabendo que uma comissão de engenheiros da empresa Tocantins Araguaya (Estrada de Ferro de Alcobaça) havia enviado para a Espanha com o objetivo de recrutar 4.000 trabalhadores para essas obras, acredita no mesmo dever da humanidade e patriotismo para dar a voz de alerta aos espanhóis infelizes que podem se sentir cativados pelas promessas lisonjeiras dos engenheiros acima mencionados.

Deixando de lado quão enganosas são essas promessas, como evidenciado pela expedição italiana tristemente celebrada e patética, que pela intervenção de seu vice-cônsul teve que ser repatriada pela Companhia de Exploração; Deixamos tudo isso de lado para examinar o que é mais importante e capital, que é o clima excessivamente insalubre de Alcobaça, uma vez que, devido ao contraste horrível que oferece, podemos garantir sem exagero que 90% dos espanhóis morreriam desde o Península migra.

Não duvidando que você irá cooperar no trabalho patriótico que realizamos, envidando todos os nossos esforços para garantir que nossa linha do tempo humanitária atinja um aviso tão patriótico, estamos profundamente agradecidos. - Pelo Conselho de Administração

¹⁷⁶ D. Leopoldo D’ozouville de Bardou Y Cruz Alvarez. Já citado, p. 89.

¹⁷⁷ *Estado do Pará*, 28/12/1918, p. 2.

Martiniano Fernandez Cereijo, Presidente; José Maria Subirachs, secretário.¹⁷⁸

Como já destacado, segundo Leopoldo D'ozouville havia cerca de 400 trabalhadores espanhóis nas obras da estrada de ferro *Tocantins*.¹⁷⁹ Segundo informações postas no relatório de D'ozouville, as obras da ferrovia de *Alcobaça* tiveram início em 1904 sendo suspensas em 1912, diante da necessidade de novos estudos para o prolongamento dela passando a chamar-se Estrada de ferro Tocantins-Araguaya.¹⁸⁰

Dentre os trabalhadores espanhóis havia uma taxa de mortalidade de 25%, bem maior se comparada com a taxa geral dos operários que trabalhavam na mesma obra, de 17%. As mortes decorriam em virtude do *paludismo* e outras doenças proporcionadas pela condição de insalubridade nas obras. O período de chuvas e cheias dos rios pelos quais a ferrovia passava aumentavam as endemias; “com as chuvas e cheia se desenvolveram as febres de modo assustador, dizimando o pessoal que trabalhava na estrada, de modo a quase parar todos os serviços”.¹⁸¹

Ao denunciar as péssimas condições de trabalho nas ferrovias do Norte do Brasil, a UESM agiu como uma rede de apoio e informação. Notamos um campo de ação que ultrapassa a linha da assistência previdenciária, ao tentar barrar a entrada de espanhóis destinados às obras das ferrovias, ainda em 1908 teremos em Belém o celebre caso do vapor norueguês *Amanda* o primeiro de muitas a introduzir espanhóis oriundos de Cuba para a construção da ferrovia *Madeira Mamoré*.

Tal capacidade de articulação destas associações certamente contribuiu para a promoção individual de seus membros, particularmente seus diretores. Celestino

¹⁷⁸ Galicia: revista quincenal ilustrada: Ano III Número 1 - 1908 xaneiro 1, p. 15. “Muy señor nuestro: enterada esta Junta directiva que una comision de ingenieros de la empresa Tocantins Araguaya (Estrada de ferro de Alcobaça) habian embarcado com destino á Espanã com el fin de reclutar 4.000 obreros para dichas obras, cree la misma um deber de humanidade y patriotismo dar la voz de alerta a los infelices españoles que pudieran sentirse cautivados por las lisonjeiras promesas de los citados ingenieros. Dejando á parte lo enganosas que resultan tales promesas, como lo prueba la tristemente celebre y raciente expedición italiana, que por intervención de su vicecónsul tuvo que ser repatriada por la Compañia exploradora; dejamos á parte todo esto para fijarnos em ló más importante y capital que es lo excesiblemente insalubre del clima de Alcobaça ya que por el horroroso contraste que em mismo ofrece, podemos assegurar sin exageración que moririan ali el 90 por 100 de los españoles que desde la Peninsula emigrasen”. No dudando que usted cooperará a la obra patriótica que nos hemos emprendido poniendo todo su empeño para que llegue á tempo nuestro humanitário cuan paatriotico aviso, quedamos profundamente agradecidos. – Por la junta directiva Martiniano Fernandez Cereijo, Presidente; José Maria Subirachs, secretário.

¹⁷⁹ D. Leopoldo D'ozouville de Bardou Y Cruz Alvarez. Já citado, p. 66.

¹⁸⁰ Idem.

¹⁸¹ Idem.

Fernandez Cereijo, secretário da UESM destacou-se nos jornais do Brasil como empresário. Em novembro de 1914 ele aportou na cidade de Recife (PE) levando consigo seu “aparelho de diversões denominado carrousel aeroplano”.¹⁸² Celestino Cereijo chegou a retornar a Espanha em 1909, possivelmente participando da comitiva de imigrantes espanhóis no Pará que participaram da Exposição de Santiago de Compostela realizado no mesmo ano.

Figura 14 - Celestino Cereijo.



(Vida gallega: ilustración regional: Ano I Número 7 - 1909 xullo, p. 35).

Em 1920 Celestino Cereijo visitou a Espanha encarregado de representar a Associação Comercial do Pará, ao retornar ao Brasil havia estabelecido relações com a casa bancária pertencente a Daniel Romero Romero e seu irmão:

Ao retornar a esse país, o Sr. Cereijo liderou a representação de uma respeitável casa bancaria espanhola, que pretende promover o fluxo de importações aqui de produtos brasileiros (café, açúcar, madeira, algodão, etc.) e as exportações de artigos nacionais com aceitação preferencial no Brasil. Para isso, a empresa mencionada pretende instalar várias agências ou agências no Rio de Janeiro, Pernambuco, Pará, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Geraes, Bahia, Ceará, Maranhão e Manaes, além de estar em negociações para celebrar acordos recíprocos. conveniência com exportadores de ambos os países.¹⁸³ (tradução da autora)

É possível atribuir sua participação como parte da junta diretiva da UESM como uma estratégia de mobilidade, intercalando aspirações individuais com estratégias de ação coletiva. Identifiquei 76 nomes de membros da UESM,¹⁸⁴ ao cruzar nominalmente com a

¹⁸² *A Provincia: órgão do Partido Liberal* (PE), 11/11/1914, p. 1.

¹⁸³ *El Sol* (Madri), 21/03/1920, p. 90.

¹⁸⁴ Vida Gallega, 01/07/1916, p. 27; Estado do Pará, 30/01/1917, p. 1; Estado do Pará, 04/05/1914, p. 1.

base de dados de casamentos de espanhóis em Belém, pude identificar o ofício de 22 destes sócios, 07 foram designados como comerciantes, 06 como artistas, 04 como empregados no comércio, havia também um maquinista, um pintor e um sapateiro. Embora a amostra de sócios seja bem restrita em termos quantitativos, serve de indício para afirmar que parte dos membros da UESM eram oriundos de estratos sociais “subalternos”, implicando a consolidação de laços entre trabalhadores manuais, industriais, autoridades consulares e periodistas. Se a UESM também representou um marco simbólico de territorialidade, também se tornou um espaço de articulação intraclasses a partir da perspectiva étnica.

2.4 – Festejos e Marcos Simbólicos.

De acordo com Adhemar Loureço da Silva Junior, as mutuais são tipificadas nos diversos estudos sobre estas a partir de duas abordagens gerais, a primeira na qual se enfatiza a associação de indivíduos as mutuais como estratégia privada em busca de uma forma de proteção social, e a segunda que analisa o fenômeno do mutualismo por uma abordagem coletiva, no qual tais entidades representam estratégias públicas de ação coletiva (de grupos), demarcando seus “limites e pertencimentos”.¹⁸⁵ Ainda segundo o autor:

Outro dos efeitos do interesse no caráter “mútuo” da ação das associações é o foco no tema em busca dos meios de expressão, criação ou reprodução de identidades sociais. Conquanto isso pareça ser mais evidente em estudos sobre o mutualismo de grupos étnicos, o mutualismo de grupos de trabalhadores também é focalizado como instancia de construção de identidade. Com isso, haveria motivos para supor, pelo menos no Brasil, que a organização em sociedades de socorros mútuos – fossem elas de grupos étnicos ou de trabalhadores – deveria ser abordada principalmente, por um lado, em função de seus efeitos na identidade em por outro, como expressão de identidades em construção.¹⁸⁶

A construção de um imaginário acerca do espanhol presente em Belém também foi tecida pela presença destas sociedades mutuais, indo além do caráter previdenciário. Não se trata de um simples resgate dos elementos que demarcavam a identidade espanhola em inícios do século XX e sim uma seleção de discursos, práticas e símbolos que

¹⁸⁵ SILVA Jr. Adhemar Loureço da. As sociedades de socorros mútuos: estratégias privadas e públicas (estudo centrado no Rio Grande do Sul – Brasil, 1854-1940). Tese de doutorado apresentada ao PPHIST - PUC/Rio Grande do SUL. 2004.

¹⁸⁶ Ibidem, p. 33-34.

reconstruiriam esta identidade de acordo com as demandas locais, espaciais e econômicas.

A UESM em seu regulamento estabelecia que daria uma festa oficial anualmente na data de 2 de maio, para marcar sua fundação e a data de caráter cívico para a Espanha, nesta festa deveria ser empossada a junta diretiva eleita para o respectivo ano. Em seu terceiro aniversário de fundação em maio de 1908 os festejos do dia 2 foram descritos em um periódico de Madrid. A comunidade espanhola em Belém foi descrita como sendo em sua maioria de origem galega. Segundo o jornalista Melintón Arias, o salão da União Espanhola foi cuidadosamente ornamentado:

Os salões de honra eram artisticamente decorados com galhardetes espanhóis, destacando-se um dossel muito bonito, cuja parte superior era, em belas obras esculturais, o trabalho do vice-presidente desta sociedade, Sr. Rocafort, o brasão de armas da Espanha orfebrerías¹⁸⁷ dos melhores ourives, abaixo do que apareceu o retrato, de grande magnitude e valor, de sua Majestade o rei da Espanha, Alfonso XIII.¹⁸⁸

Já em 2 de maio de 1917 a “colônia espanhola” em Belém celebrou-se a data cívica que demarca a insurreição popular contra o domínio de Napoleão na Espanha, dando início a guerra da independência. No jornal *Estado do Pará* em sua primeira página foram dedicados três colunas para noticiar os festejos promovidos pela UESM em Belém. A construção de um modelo de nacionalismo espanhol apresentada no artigo sobre as “festas espanholas” formatou a imagem de uma comunidade de imigrantes sem secções, como frisou Benedict Anderson, o nacionalismo imigrantista tecia suas “comunidades imaginadas”, resgatando símbolos e discursos a fim de recriar suas identidades.

Se opondo aos regionalismos presentes entre os espanhóis em seu regulamento, os membros da UESM demarcavam de maneira genérica suas identidades, mesmo que grande parte dos espanhóis imigrados ao Pará tenham efetivamente saído da província de Ourense, naturais da Galícia, buscaram fortalecer um nacionalismo em detrimento das diferenças internas e regionais, optando por símbolos que demarcassem uma união que realmente não foi tão coesa como a propalada. A ideia de que tais instituições de algum modo representassem a comunidade de espanhóis em Belém, mesmo que parte destes não

¹⁸⁷ Trabalhos artísticos realizados por ourives com metais preciosos.

¹⁸⁸ Galicia: revista quincenal ilustrada: Ano III Número 10, 15 maio de 1908, p. 18. “Los salones de honor hallabanse artisticamente decorados de gallardetes españolas, sobresaliendo um bellissimo dossel em cuya parte superior estaba, em lindo trabajo escultural, obra del Vicepresidente de esta Sociedad Sr. Rocafort, el escudo de España com colgaduras de las mejores orfebrerías, debajo de las cuales aparecia el retrato, de gran magnitude y valor, de su Majestade l Rey de España Alfonso XIII”.

tenha se associado a tais mutuais, é uma forma de construção imaginária sobre o povo espanhol.

Figura 15- Celebração do 2 de maio em Belém, 1917.



(Estado do Pará, 02/05/1917, p. 1.)

A UESM celebrava juntamente com o 2 de maio a inauguração de sua sede própria na avenida São Jeronymo, assim como o seu 12º aniversário de fundação. No Pará o uso de efemérides cívicas por associações remete as sociedades de cunho abolicionista, que se valiam de datas como o 7 de setembro, ou a data do aniversário do imperador D. Pedro II para promover seus festejos e alforriar alguns escravos. No caso dos imigrantes espanhóis as datas de fundação de ambas as associações estão vinculadas a símbolos da nacionalidade espanhola, para a UESM o 2 de maio, já para o CGP o 25 de junho (dia do patrono da Espanha, Santiago de Compostela, ou Santiago da Galícia).

Ao promover as festas do 2 de maio em Belém a UESM estava pondo em prática uma das diretrizes de seu regulamento em seu artigo 2º;

Também tem como objetivo específico, o ressurgimento da colônia da inanição e prostração, estimulando entre os espanhóis os sentimentos de fraternidade e patriotismo, para que, agrupando forças parciais, constituam uma entidade de força real e verdadeira, capaz de celebrar e defender seus interesses de acordo com as leis do país que nos acolhe, elevando nossa sociedade ao grau de prosperidade e engrandecimento, moral e material, ao qual, com sua perseverança, outras Irmãs chegaram em diferentes partes do globo.¹⁸⁹ (tradução da autora).

Estimular o patriotismo, da mesma maneira que resgatar a colônia espanhola da sua condição de inanição, tais objetivos demarcavam a relação entre promoção individual e

¹⁸⁹ Reglamento de la Sociedad Unión Española de Socorros Mútuos. Já citado, 1918, p. 5.

ação coletiva ao estabelecer que somente unindo forças poderiam de fato alcançar um desenvolvimento material. A organização de diversos indivíduos a fim de construir ações coletivas pode ser tomado como uma das principais influências das associações mutualistas no campo do “mundo do trabalho” que se transformava no início do século XX. Não pretendo atribuir o sentido de “pré” sindical as mutuais, visto que sindicatos e mutuais coexistiram no Brasil ao longo do século XX, como indica Adriano Craveiro (2019, p. 48) nem toda mutual se desdobrou em uma associação de caráter sindical.

Os festejos de dois de maio promovidos pela UESM foram constituídos por intensa programação artística, recitações e o baile. O maestro Domingues Fernandez juntamente com a banda de música dos bombeiros do Estado proporcionou a programação musical do baile. Em 1908 as celebrações do aniversário da UESM foram descritas no periódico espanhol *Galicia*,¹⁹⁰ destaque dado ao salão da associação composto por diversas bandeiras das províncias espanholas, e no centro um dossel com um escudo da Espanha. Durante a festa a nova junta diretiva tomou posse ao som “da marcha real e hino nacional brasileiro na maior solenidade possível”.

Os festejos da “colônia hespanhola” realizados pela UESM representavam um canal de consolidação da comunidade imaginada de imigrantes espanhóis em Belém, assim como um canal de interlocução com políticos e outros grupos locais, elevando as representações sobre si ao nível de intelectualidade e civilização que desejam firmar.

João Paulo da Silva ao falar da presença espanhola pelo interior de São Paulo ao longo da primeira metade do século XX destaca o lugar das associações como responsável pela construção de uma memória sobre os imigrantes na região, segundo o autor:

A principal função das associações era auxiliar os membros da colônia. Elas atuavam em um espaço deixado pelo poder público: saúde e segurança social. Assim, as associações ofereciam, normalmente, recursos de seguridade: saúde, trabalho, escolas, apoio jurídico e ajuda monetária para o funeral. Além disso, as associações eram locais de manutenção de vínculos com os locais de origem e também ajudavam na inserção do imigrante na cidade, à medida que eram espaços de sociabilidade geralmente abertos à comunidade.¹⁹¹

¹⁹⁰ *Galicia*: revista quincenal ilustrada: Ano III Número 10 - 1908 maio 15, p. 18.

¹⁹¹ SILVA, João Paulo da. Espanhóis no interior de São Paulo: múltiplas possibilidades de incorporação. Tese (doutorado) defendida pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos – SP, 2020, p. 51.

Para além dos fins de auxílio, as associações demarcaram espaços de configuração de identidades, uma forma de resistência à assimilação de normas, valores e identidades exteriores a comunidade imigrante.

Capítulo III – O Centro Galaico do Pará: regionalismos e nacionalismo.

A Galícia, este berçário humano, deu à América nos primeiros sessenta anos deste século, 1.085.737 de seus melhores filhos, geralmente jovens de 20 a 30 anos. A seleção negativa que opera a emigração deixava na Galiza uma consciência que tornava cada vez mais difícil a solução do seu problema e estreitava o círculo vicioso da sua desgraça.

Em 14 de julho de 1956, as Cortes aprovaram um projeto de lei para a criação do Instituto Nacional de Emigração. O então Subsecretário de Relações Exteriores, Marquês de Santa Cruz, defendeu o parecer como “as causas e benefícios da emigração” para concluir que o mais positivo é que: “A emigração espanhola tem sido a chave do nosso equilíbrio comercial, por isso as remessas de nossos emigrantes têm sido chamadas como motivo, “o Plano Marshall da economia espanhola”. A emigração interrompeu o desemprego e gerou conflitos econômicos e sociais.

(“Gacilia hoy”, Ruedo Ibérico, Buenos Aires, p. 76).¹⁹²

A descrição produzida acima sobre a situação da Galícia foi transcrita de uma publicação da década de 1960, este foi um dos poucos livros que ainda mantinham-se inteiros no acervo que antes pertenceu a uma das mais longevas associações mutualistas de imigrantes no Pará, o Centro Galaico do Pará. Certamente, os milhões de espanhóis que atravessaram as américas nas primeiras décadas do século XX marcariam profundamente a história da Espanha, e das comunidades que os receberam, criaram redes globais de interação, solidariedade e comércio, contudo, antes de compreendermos tais sujeitos dentro de uma identidade geral, homogênea, é necessário compreendermos que os espanhóis que adentraram no território brasileiro estiveram minados de marcadores de diferenciação, quanto as suas identidades regionais.

Os espanhóis no Pará tiveram o desafio de recriar tais identidades, em um contexto de conflitos globais, como as guerras que assolaram a Europa na primeira metade do século XX, e as tensões locais diante de projetos de consolidação de uma nacionalidade pelo viés republicano. Aos galegos que decidiram fixar moradia na cidade de Belém, o associativismo foi um elemento de importante distinção social, apoio médico e reconfiguração de identidades.

¹⁹² Retirado de: La Realidad Actual de Galicia. Editora Patronato da Cultura Galega, Montevideo, p. 5.

3.1 – Nas Ruas e Salões: identidade e sociabilidade.

Em fevereiro de 1920 várias casas comerciais pertencentes a estrangeiros em Belém foram atacadas por trabalhadores nacionais, o alvo principal foram os portugueses, contudo outros imigrantes foram atingidos pelo movimento antilusitano.¹⁹³ A proximidade geográfica entre os portugueses e espanhóis oriundos da Galícia levou ao que durante o final do século XIX e primeiras décadas da república o termo galego fosse utilizado em tom jocoso ao se identificar imigrantes portugueses. Como identificou Gladys Sabina, no Rio de Janeiro das décadas de 1910 e 1920 a perseguição aos portugueses por vezes eram promovidas aos gritos de mata-galegos,¹⁹⁴ e neste sentido como destaca Erica Sarmiento, o termo galego esteve atrelado a ideia de individuo preguiçoso, vadio, sujo etc.¹⁹⁵

Em Belém, mesmo durante o século XIX antilusitanismo ocorreu como crítica a presença e hegemonia portuguesa no comércio a retalho no Pará, a estes comumente atribuíam-se a designação galego.¹⁹⁶ Em uma coluna intitulada “espaço negro” publicada no *Diário de Notícias* de 1890, o autor de tal artigo atacava as qualidades morais de um homem chamado Santos Aroldo, valendo-se da designação “galego” para insultá-lo; “tem ares de inteligente e inculca-se muito sabido, mas é tapado como um *galego* e imbecil como um idiota”.¹⁹⁷ Mesmo quando identificado a identidade espanhola, o termo galego era utilizado em caráter anedótico, vinculado a maus comportamentos:

Vamos a ver. Se um galego que anda cinco quilômetros por hora conceder uma vantagem de nn kilometros a outro que anda a razão de quatro, e ambos se põem em marcha al mesmo tempo... donde se encontraram os galegos? Pois se encontraram... na primeira taberna do caminho.¹⁹⁸

Para a comunidade local, seja no Rio de Janeiro ou em Belém, a presença de imigrantes portugueses reconfigurou o sentido da identidade galega. E no bojo deste

¹⁹³ LIMA, Aline Malcher; LOBO, Marcelo Ferreira. Jacobinos da Amazônia: Nacionalismo, trabalho e violência no Pará (1890-1920). Já citato, p. 121.

¹⁹⁴ RIBEIRO, Gladys Sabina. Mata Galegos: Os portugueses e os conflitos de trabalho na República velha. Editora Brasiliense; coleção Tudo é História. São Paulo, 1990.

¹⁹⁵ SARMIENTO, Érica. Associativismo Espanhol/Galego no Rio de Janeiro: conflitos, visibilidade e lideranças étnicas. In: Fernando de Sousa; Ismenia Martins; Lená Medeiros de Menezes; Izilda Matos, Jobson Arruda; Nazaré Sarges; Vera Ferlini. (Org.). PORTUGAL E AS MIGRAÇÕES DA EUROPA DO SUL PARA A AMÉRICA DO SUL. 1ed.Porto: CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, 2014, v. 1, p. 560-576.

¹⁹⁶ VAQUINHAS, Irene. “Fora galego!” Um caso de antilusitanismo no Pará na década de setenta do século XIX. Revista Estudos Amazônicos • vol. X, nº 2 (2013), p. 216-235.

¹⁹⁷ Solicitados. *Diário de Notícias*, 30/10/1890, p. 3

¹⁹⁸ *A República*, 30/11/1890, p. 1.

movimento a entrada de milhares de imigrantes a partir da década de 1890 oriundos de Europa levou aos espanhóis oriundos da Galícia a construírem plataformas de afirmação identitárias, tais como os periódicos e as associações.

Paulo Silva destaca que o conceito de Estado Nação não consegue dar pleno sentido ao processo emigratório de espanhóis para o Brasil, as particularidades das microrregiões espanholas e mesmo as diferenças de cada microrregião implicam em fatores diversos que se somam a fatores estruturais de repulsão e atração dos emigrantes para as Américas.¹⁹⁹

Mapa da Espanha, microrregiões e províncias.



Fonte: SILVA, João Paulo da. Já citado, 2009, p.16.

Dados apresentados por Francisco Smith em sua tese demonstram que os espanhóis que adentraram o Pará entre os anos de 1896 e 1897 por meio dos contratos do Governo do Estado do Pará com Francisco Cepeda e Emilio Castro Martins, introduziram um grande volume de imigrantes originários do noroeste da Espanha. Segundo Smith, a maior parte eram oriundos das comunidades autônomas de Castela e Leão (59%) e da Galícia

¹⁹⁹ SILVA, João Paulo da. Espanhóis no Interior de São Paulo: múltiplas possibilidades de incorporação. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP. 2020, p. 19.

(41%).²⁰⁰ Embora os dados de Smith sejam restritos aos anos iniciais da introdução dos espanhóis como projeto do Estado, ainda assim são indícios do acentuado caráter regionalista da imigração espanhola no Pará, o próprio inspetor de imigração espanhol Leopoldo D'ozouville destacou em 1912 que a maior parte dos emigrados ao Pará que aqui se mantinham eram originários das províncias do noroeste da Espanha, com destaca para a região da Galícia, em particular a província de Ourense.²⁰¹

O forte caráter regionalista na imigração espanhola ao Pará marcou a experiência imigrantista, seja pelos conflitos oriundos na construção de uma representação do galego como sujeito preguiçoso, cheio de vícios e maus costumes, e a confusão ao entorno de tal identidade, ou mesmo os conflitos internos da colônia espanhola, que embora não possa ser entendida como uma comunidade homogênea, buscou a seu modo construir a imagem de uma comunidade unificada pela identidade espanhola, intercalada com a identidade regional.

Segundo João Paulo Silva, a região da Galícia não possuía até meados do século XIX um histórico significativo em relação a emigração, contudo entre 1887 até a eclosão da primeira Guerra Mundial esta região saltou da marca de 29% dos emigrados espanhóis, para o volume de 50%.²⁰² Fatores como o crescimento demográfico, crise na economia agrícola de subsistência, e a existência de uma estrutura fundiária baseada em pequenas posses (microfundios), facilitando aos galegos a venda destas terras de modo a angariar recursos para aventurarem-se na travessia do atlântico.²⁰³ Segundo o autor, tal característica dos galegos lhes possibilitava uma maior escolha para as regiões onde pretendiam emigrar. No caso do Brasil:

Os que vieram para o Brasil optaram por outras regiões que possibilitavam uma inserção mais urbana ao grupo. No Pará ocuparam vários trabalhos urbanos, como hoteleiros, motoristas de bondes, comerciantes e industriais. No Amazonas trabalharam sobretudo na construção da linha férrea Madeira-Mamoré. No Rio de Janeiro, onde representaram 70% da colônia espanhola, também se desenvolveram no ramo da hotelaria e comércio. São Paulo, que dependia sobretudo da imigração subsidiada, foi, junto com a Bahia, um dos dois únicos

²⁰⁰ SMITH JÚNIOR, Francisco Pereira. Imigração espanhola na Amazônia: as colônias agrícolas e o desenvolvimento socioeconômico do nordeste paraense (1890-1920). Tese (doutorado) Núcleos de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Tropicó Úmido, Universidade Federal do Pará. – Belém, PA, 2012, p. 102.

²⁰¹ D. Leopoldo D'ozouville de Bardou Y Cruz Alvarez. Já citado, p 81.

²⁰² SILVA, João Paulo da. Já citado, p. 26.

²⁰³ *Ibidem*.

estados brasileiros que a imigração galega não foi a mais hegemônica entre os espanhóis.²⁰⁴

Embora a imigração espanhola ao Pará tenha ocorrido de início por meio de subsídios do Governo paraense, Leopoldo D'ozouville destacou que para os anos seguintes a 1907 a maior parte dos emigrados espanhóis entravam no Pará por conta própria, as vezes motivados pela presença de familiares na região. No capítulo anterior pude demonstrar como as obras da ferrovia *Maderia-Mamoré* tiveram um lugar central na atração de espanhóis para Amazônia, e assim como indicado por João Paulo Silva, parte deste continente deslocou-se para os centros urbanos, como Manaus e Belém, dedicando-se a atividades de comércio e especialmente ao ramo da hotelaria. Se para o interior paulista a entrada de galegos pode ser atribuída a existência de redes imigratórias anteriores, no caso do Pará a entrada a partir de 1896 de espanhóis oriundos da região da Galícia teria contribuído para a fundação de redes, para que em um segundo momento os galegos optassem por esta região como destino de seus projetos de melhoria de vida.

A frequência no qual as colônias espanholas no Pará e Amazonas aparecem no periódico espanhol *Vida Gallega*²⁰⁵ servem de indício não apenas para a presença destes na região Amazônica, como também demonstram o contínuo contato com seu país de origem. Entre os correspondentes deste periódico estava Lisardo Dias, um membro assíduo da junta diretiva do Centro Galaico do Pará. Em 1926, publicou longo artigo sobre a atuação dessa associação em Belém.

Há cerca de vinte anos, o "CENTRO GALAICO" foi fundado nesta cidade de Santa Maria de Belém do Pará e se fizermos um pequeno balanço de sua vida, são muitos os benefícios que ele deu à colônia em geral, residente no estado do Federação brasileira, assim como nunca deixei passar sem a devida exaltação os feitos gloriosos de nosso país e da região amada que foi nosso berço.²⁰⁶

²⁰⁴ Idem, p. 26.

²⁰⁵ O periódico *Vida Gallega* começou a ser produzido em Vigo sob a direção do escritor Jaime Solá em 1909 e teve longa duração até a década de 1960, destacou-se como um dos primeiros periódicos espanhóis a dedicar-se a imprensa gráfica, suas edições contavam com várias ilustrações e fotos que buscavam apresentar a Galícia e a comunidade Gallega no exterior da Espanha. Segundo Roberto Ribao Fernandez, este periódico esteve fortemente vinculado ao fenômeno da imigração, parte dos recursos que garantiram a manutenção e publicação da revista foram oriundos de subscrições feitas por imigrantes espanhóis nas américas. Ver: FERNADEZ, Roberto Ribao. A fotografia na revista vida galega: um silandeeiro universo de sentido. Tese doutoral, Departamento de Ciencias da Comunicación; Universidade de Santiago de Compostela, 2007, p. 20.

²⁰⁶ Vida Gallega: ilustración regional: Ano XVIII Número 323 - 1926 novembro 20, p. 10.

No breve balanço feito por Lisardo Dias destacou-se certos momentos e feitos da associação, em primeiro momento lembrou o caso do vapor *Amanda* e a atuação do CGP, também destacou a participação da colônia galega do Pará na exposição regional Gallega em Santiago de Compostela em 1909. Ressaltou as celebrações ocorridas em virtude do tricentenário de Cervantes, assim como recepção feita pelo CGP aos aviadores argentinos que partiram de Nova York em direção a Buenos Aires, que passaram por Belém na década de 1920. Segundo Lisardo Dias, o CGP prestou grandes serviços aos membros da colônia espanhola no Pará, seja pelos socorros médicos ou “procurar dar ocupación a los desempleados”, assim como promover a instrução com a criação de uma escola, embora em 1926 não estivesse em funcionamento em virtude da falta de alunos.

Figura 16- Lisardo Dias Gonzalez, correspondente do *Vida Gallega* no Pará.



(Vida gallega: ilustración regional: Ano XXV Número 565 - 1933 agosto 10. p. 39).

O destaque dado a instrução deu-se em virtude da busca de construir uma imagem positividade do imigrante galego, que ultrapassem as representações que os apresentavam como atrasados e ignorantes.

Devo afirmar, e com a maior satisfação digo, que entre o número de membros quase não há analfabetos. Atualmente não há nenhum, o que é uma prova evidente de que não há tanto atraso quanto muitos da forjada “lenda negra” se atrevem a demonstrar para denegrir nossa região.²⁰⁷

²⁰⁷ Vida gallega: ilustración regional: Ano XVIII Número 323 - 1926 novembro 20, p. 10.

O trecho acima remete as representações criadas sobre a figura do galego, assim como da Galícia, por vezes retratados como um grupo atrasado, de maus costumes e de pouca inteligência. Foi necessário para os emigrados a criação de plataformas de afirmação de suas identidades que remodelassem a visão sobre si, e de si por parte de outros grupos.

Ao falar da criação do periódico *El Correo Gallego* no Rio de Janeiro, Erica Sarmiento destaca que para além de tratar das questões atreladas a situação do imigrante, um dos objetivos do referido periódico era o de remodelar os estereótipos dos cariocas sobre os galegos.²⁰⁸

Segundo Marcelo Santiago, é a partir das décadas de 1870 e 1880 que o modelo associativo de imigrantes se transforma do caráter pan-hispânico para modelos de cunho regionalista.²⁰⁹ É possível compreender este fenômeno diante do maior êxodo de espanhóis no contexto final do século XIX, na medida que para a comunidade a qual imigram passam a ter suas identidades vinculado ao país e não a região. No caso dos galegos, a forte identidade regional, marcada por um idioma próprio, seus mitos e emblemas foram resgatados e ressignificados, tornando-se símbolos tanto do regionalismo, quanto de um patriotismo espanhol mais amplo. Diferente da União Espanhola de Socorros Mútuos, o Centro Galaico do Pará restringiu-se durante suas primeiras décadas de funcionamento, aos espanhóis oriundos da Galícia, o que não impedia por vezes de atuarem conjuntamente em questões de defesa dos espanhóis, na repatriação de seus patrícios e mesmo em subscrições em favor de instituições da Espanha.

Efetou-se anteontem, na sede do Centro Galaico, como fora anunciada, a reunião da colônia espanhola desta capital, para tratar do melhor meio de prestar auxílio aos feridos na campanha de Marrocos.

Presidiu a reunião o sr. D. Manuel de La Escosura, cônsul espanhol, ladeado pelo sr. Frederico Pastor e pela comissão promotora da reunião.

Com a palavra, o sr. Lisardo Dias, explicou os fins da mesma, sendo nomeadas uma comissão central composta dos srs. D. Manuel de la Escosura, cônsul da Espanha; Frederico Pastor, vice-cônsul; Francisco Roman Vazquez, presidente da União Espanhola; Jose Perez Guerrero, presidente do Centro Galaico; Cesareo Felipe Anton, Lisardo Dias e

²⁰⁸ Ibidem, p. 67.

²⁰⁹ SANTIAGO, Marcelo X. Fernadéz. Asociacionismo Gallego en América, 1871-1960. In: El asociacionismo en la emigración española a América. Org. RODRÍGUEZ, Juan Andrés Blanco; Ed. UNED Zamora. Salamanca, 2008. p. 199-233.

Maximiano Miro Ramos e várias subcomissões para angariar donativos.

Antes de ser encerrada a sessão, ficou marcada nova reunião das comissões de 28, na sede da União Espanhola, que para esse fim será solicitada.²¹⁰

A atuação das associações de caráter étnico, para além das redes de sociabilidade e de auxílio, construía todo um imaginário sobre os espanhóis em Belém, se do lado de lá no atlântico, os periódicos espanhóis acentuavam a presença destes no Pará como a “Colônia Gallega”, “os galegos no Pará”, do lado de cá os jornais de Belém enfatizavam tais associações, mesmo o CGP, como “La colônia Hspanhola”, demonstrando o caráter fluido da identidade do imigrante:

A colônia espanhola do Pará possui duas sociedades: o Centro Galaico e a Unión Española de Socorros Mútuos. Ambos são montados sem pretensões e conforme corresponde à condição de trabalho de seus membros. Ambos favorecem, dentro de seus modestos recursos, os compatriotas que deles precisam; ambos têm um pequeno número de sócios e apoiam o serviço médico.²¹¹ (traduzido pela autora).

O surgimento de associações de auxílio mútuo correspondeu a formas de reconstrução de suas teias de sociabilidade, de identidade e uma rede de suporte em caso de necessidade. De certo que nem todos os imigrantes de fato constituíram-se membros de tais associações, pois durante as primeiras décadas do século XX o fortalecimento do movimento sindical também possibilitava mecanismos de sociabilidade, estas atreladas ao mundo do trabalho. Contudo, diante de um contexto de sérios embates no mundo de trabalho, a opção de estar vinculado ao associativismo indica que os elos de identidade étnica eram tão fortes quanto os de classe, mesmo diante de múltiplas identidades.

Ao analisar a imigração espanhola no Pará nas primeiras décadas do regime republicano, é inconteste que este grupo de imigrantes não correspondeu a um todo homogêneo. Os espanhóis estiveram mesmo no outro lado do atlântico carregaram consigo os dilemas e signos do regionalismo internos. Neste sentido as associações também demarcaram estas múltiplas identidades, tornando-se pequenas colônias que por vezes eram ressaltadas no país de origem, mantendo contato e relações com a Espanha.

²¹⁰ *Estado do Pará*, 27/09/1921, p. 5.

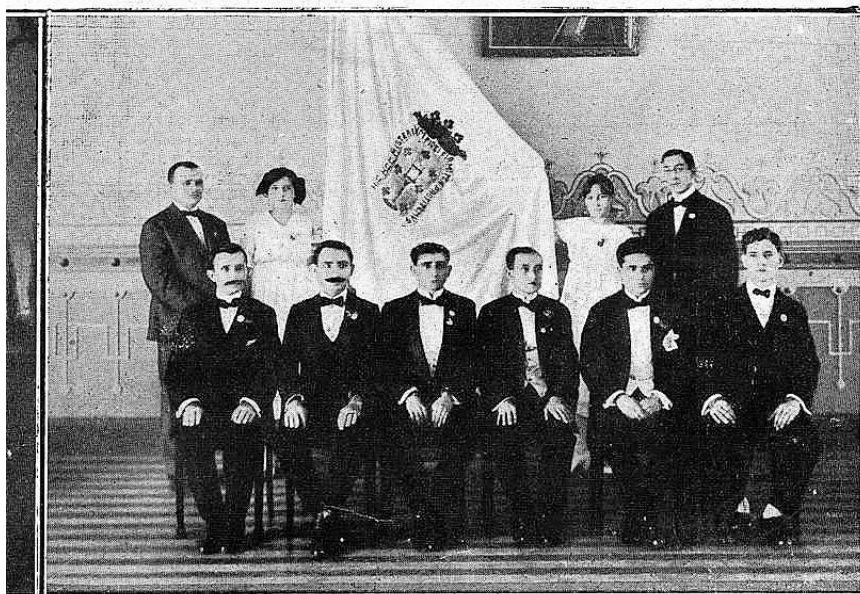
²¹¹ D. Leopoldo D’ozouville de Bardou y Cruz Alvarez. Já citado, p. 89.

O *Centro Galaico do Pará* por vezes foi notícia em periódicos espanhóis, mostrando-se uma entidade de carácter associativo e por vezes com ação política.

Em 1911 o CGP foi uma das associações que firmou presença no cortejo cívico marcando a data de 15 de agosto, celebrando a adesão do Pará a independência.²¹² Durante a noite do dia 16 de agosto o CGP realizou um *Soirée* dançante:

O Centro Galaico solenizou a dada de anteontem com uma soirée dançante, tendo comparecido grande número de senhoritas. No intervalo da primeira parte, teve lugar um concurso entre as senhoritas que melhor representassem, na toilette, as cores da bandeira galega. O júri conferiu o prêmio, um bellissimo relógio de ouro e *chatellanie*, á menina Estrella Polyo, fila do sr. Hypolito Polyo. A festa terminou às e horas da madrugada, no meio de grande entusiasmo.²¹³

Figura 17 – 11º Aniversário do Centro Galaico do Pará,

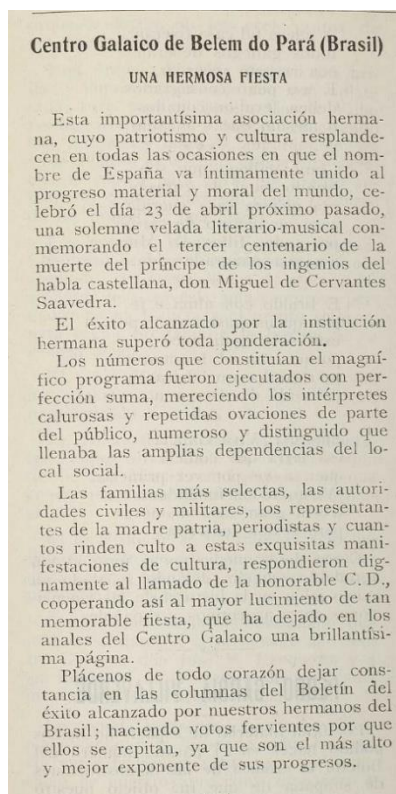


notable pintor Juan Luis. F.^o Ksado.—PARÁ (Brasil): Señoritas de García Barrio, que motivo de la celebración del 11 aniversario, y grupo de entusiastas asociados del Centro Galaico que la costearon. F.^o Contente

(Vida gallega: ilustración regional: Ano XII Volume VIII Número 140 - 1920 febreiro 25 p. 14)

²¹² *Estado do Pará* (PA), 16/08/1911, p. 1.

²¹³ *Estado do Pará* (PA), 17/08/1911, p. 2.

Figura 18 - Celebrações no Centro Galaico do Pará, 1916.

(Boletín oficial del Centro Gallego: Ano XII Número 155 - 1916 xullo 15, p. 19).

As celebrações recreativas eram um dos fins do Centro Galaico, pois além de promover redes de sociabilidade e angariar recursos pecuniários, também servia como elemento de articulação com a comunidade local, de inserção da “colônia espanhola” nos festejos pátrios do Brasil e do Pará. O CGP realizou na noite de 7 de setembro novo *soirée* literário,²¹⁴ segundo nota no jornal a o baile foi regido pelo musicista paraense Armando Lameira, com a presença do tenor Estanislau Stani, “a diretoria do Centro Galaico, foi extremamente cativante para com todos os seus convivas e especialmente a imprensa, a quem serviu doces finos e *champagne*”.²¹⁵

Na figura 17 temos jovens membros do CGP, com seus trajes de Gala, as mulheres vestindo branco, elemento recorrente em outras imagens dos salões do CGP. As várias notas publicadas na imprensa paraense sobre o CGP por vezes dão destaque aos seus festejos, a erudita programação dos mesmos, e a constante presença de autoridades públicas.

²¹⁴ *Estado do Pará*, 06/09/1911, p. 2.

²¹⁵ *Estado do Pará*, 09/09/1911, p. 2.

Figura 19 - Salão de Festas do Centro Galaico do Pará, 1919.



BELEM (Pará): Hermoso festival celebrado en el floreciente «Centro Galaico» para conmemorar el doce aniversario de su fundación. F.ª P. Contente

(Vida gallega: ilustración regional: Ano XI Volume VII Número 134 - 1919 outubro 15, p. 16).

As imagens acima destacam as celebrações de aniversário do CGP para os anos de 1919 e 1920. No salão de festas podemos notar a ornamentação composta por dois retratos, um de Cervantes e outro do rei Afonso XIII da Espanha, elementos que compõem o resgate da identidade espanhola. Os trajes formais dos homens e as vestimentas brancas das mulheres demarcam a ideia de uma colônia elegante, e moderna e higienizada.

Embora as mulheres não pudessem ocupar o lugar de sócios ativos ou passivos, é notável a presença destas nos bailes e atividades lúdicas do CGP. Neste sentido, podemos pensar que CGP para além de fornecer auxílio pecuniário e médico, potencializava as relações de caráter endogâmico entre os espanhóis, de modo a promover práticas de sociabilidade que estreitavam os laços das centenas de imigrantes que continuaram em Belém mesmo após a crise da economia gomífera.

Segundo Giovana Moraes Suzin, os bailes e salões em São Paulo durante a virada do século XIX para o XX demarcaram espaços de sociabilidades onde se afirmavam padrões de civilidade, moralidade, e modelos de uma sociedade assentada em aspirações burguesas.²¹⁶ Espaço no qual jovens poderiam “aprender a dançar e se comportar

²¹⁶ SUZIN, Giovana Moraes. Os bailes na São Paulo do século XIX e chegada do XX: sociabilidades e contravenções. Anais do 30º Simpósio Nacional de História. ANPUH, Recife, 2019.

publicamente”.²¹⁷ Neste sentido, o CGP também se fundava como um espaço de construção de valores e normas de condutas sociais. No regulamento do CGP em seu artigo 1º, § 4º ao versar sobre as festas e recreios promovidos aos associados, se tem em destaque a questão dos bons costumes: “proporcionar á los sócios y sus famílias distracciones y recreo conforme los principios Morales y Buenos costumbres”. Quais princípios morais eram estes? A disciplinarização do corpo de dos padrões de conduda nos espaços públicos eram parte fundamental de tais bailes, e soirées dançantes.

Na noite de 7 de setembro de 1911, o CGP celebrou a data com um Sorieé dançante, onde foi apresentado algumas operetas apresentadas pelo tenor Estanislau Estani, sob o acompanhamento do pianista e maestro Felipe Torres.²¹⁸ Durante a solene sessão foram servidos “finos doces e champagne”. Os ritmos e estilos musicais apresentados em tais bailes também se associam a signos de ilustração, óperas, polcas, quadrilhas que remetem a cultura europeia, os alimentos refinados, a champagne, são elementos que retratam uma comunidade espanhola elegante e moderna. Em 1920, durante as celebrações do aniversário de fundação o CGP pode contar com a presença de representantes do governo estadual e autoridades locais.

CENTRO GALAICO.

Decorreu com real brilhantismo a festa com que esta sociedade comemorou domingo último a passagem da data aniversário de sua fundação.

Teve início o festival ás 10 horas da noite, com uma sessão solene, em a qual foram empossados os novos corpos dirigentes do Centro Galaico. Presidiu a solenidade o sr. Frederico Pastor, cônsul da Hespanha, ladeado pelo dr. Emilio de Macedo, representante do governador do Estado, e pelo representante do general Joaquim Ignacio.

A essa hora era seleta a assistência. A diretoria empossada fez entrega dos diplomas conferidos a sócios beneméritos do Centro.

Terminada a sessão, aos sons dos hinos hespanhol e brasileiro, foram os convidados conduzidos ao reservado, onde serviram doces e bebidas finas.

Por essa ocasião falaram ainda o dr. Emilio de Macedo, D. Frederico Pastor, dr. Oscar de Carvalho e o sr. Lisard, que em nome do Centro Galaico agradeceu ás pessoas presentes. Em seguida foram oferecidos dois buques de flores naturais aos representantes do Dr. Lauro Sodr e e general Joaquim Ignacio.

Seguiu-se o baile, que se prolongou até pela madrugada.

²¹⁷ *Ibidem*, p. 6.

²¹⁸ *Estado do Pará*, 09/09/1911, p. 2.

E assim, mais uma vez, o Centro Galaico deu ensejo a seus frequentadores de uma noite cheia de alegrias.²¹⁹

O CGP tornou-se um dos espaços de festejos da capital paraense. Tais festejos, mais do que promover recreio aos sócios, potencializou a construção de redes com autoridades locais e de outras comunidades de imigrantes. Mais que promover recreio a seus associados, as festas do CGP foram espaços de fortalecimento da imagem do imigrante espanhol, superando assim a vinculação ao ideal de rústico e ignorante que o termo Galego representou na sociedade brasileira.

3.2 – Exposição Gallega de 1909: em busca da modernidade.

Em 1960, o cônsul da Espanha no Pará enviou um ofício ao CGP com uma lista de nomes de doadores a fim de arrecadar fundos para a compra de sinos para a catedral de Brasília. Tal solicitação foi atendida pela junta diretiva do CGP ao doar a quantia de dez mil cruzeiros.²²⁰ Já em 1927, sob a direção de Lisardo Diaz, o CGP fez uma subscrição na América a fim de arrecadar fundos para a construção do monumento em homenagem a escritora galega Rosalia de Castro, na cidade de Coruña, no noroeste da Espanha.²²¹ O CGP contribuiu ao longo de sua história em várias subscrições, seja na comunidade local, nacional ou internacional, tornando-se uma instituição articulada a vários espaços e grupos.

Entre as várias formas de atuação e conquista de espaços, o espaço público foi elemento fundamental no processo de reteritorialização da comunidade galega no Pará, a reteritorialização não seria somente introduzir os valores e identidades tal qual vivenciadas no país de origem, e sim recriar a identidade em outro local.²²² Se de um lado as festas, salões e participação em celebrações cívicas na sociedade paraense marcaram a existência do CGP, a articulação do mesmo com os espaços no país de origem também fundamentaram a representação de uma comunidade ilustrada e promissora. É neste

²¹⁹ *Estado do Pará*, 28/07/1920, p. 2.

²²⁰ Ata da Reunião ordinária realizada em 3 de abril de 1961 na sede do Centro Galaico do Pará. Livro de atas de reuniões da diretoria do Centro Galaico do Pará (1958-1976). Acervo particular de Manuel Malvar Gonzalez, p. 24.

²²¹ *El Ideal gallego: diario católico, regionalista e independente: Ano XI Número 3025 - 1927 outubro 15*, p. 8.

²²² SANT'ANA, Fabiana Lemos. *A IMIGRAÇÃO HAITIANA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO*. Monografia apresentada ao Departamento de Geociências da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, 2017, p. 68.

sentido que podemos analisar a participação do CGP na exposição na cidade de Santiago, na Espanha em 1909.

Segundo Nelson Sanjad, as exposições internacionais que surgem a partir de fins do século XIX e se consolidam no início do século XX, podem ser pensados enquanto fenômenos sociais do mundo globalizado.²²³ Para além de estabelecer possíveis mercados com a exibição de diversos produtos, tais exposições constituíram-se em instrumentos de propaganda e difusão de um ideário de modernidade calcado na ideia de progresso e civilização.

A cerca da Exposição Regional Gallega de 1909, para além de produtos de carácter industrial tal evento demarcou a busca de reconhecimento da região da Galícia como um espaço moderno. A exposição começou a ser planejada em 1907 por uma comissão denominada Amigos de Santiago, e tinha por fim demonstrar o carácter moderno, artístico e industrial da região. A participação das colônias galegas nas Américas deram o tom internacional da exposição, não à toa, Lisardo Dias destacou a mesma como parte da história do CGP.

Em maio de 1909 o jornal *Galicia Nueva* noticiou a chegada em Vigo de vários objetos enviados pela colônia galega do Pará a serem expostos em Santiago de Compostela.²²⁴ Segundo informações do periódico, o vapor *La Plata* levou ao porto de Vigo os seguintes objetos; uma pintura de paisagem em tamanho natural feita pelo galego Francisco Silva y Estrada; outro quadro produzido por Dolores Otero Montero; Daniel Iglesias Dias enviou um cinturão de couro; a filha de José Esteves del Rio enviou um bordado em lã colorida feito a partir de uma capa do periódico *Vida Gallega*, e outro quadro bordado; também foram enviados folhetos sobre a indústria no norte do Brasil e “amostras de vinte e três tipos de madeiras do norte do Brasil, borracha, cacau, frutas, produtos farmacêuticos, etc”.

Embora a colônia galega no Pará tenha se esforçado para marcar presença na exposição de Santiago de Compostela, a participação enfrentou empecilhos como falta de um espaço apropriado para a exposição de seus itens. Tal questão foi resolvida pelo

²²³ SANJAD, Nelson. Exposições internacionais: uma abordagem historiográfica a partir da América Latina. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.24, n.3, jul.-set. 2017, p.785-826.

²²⁴ *Galicia nueva*: Num. 707 (05/08/1909), p. 1.

chefe da comissão do Centro Gallego de Havana, que possuía um pavilhão exclusivo para seus produtos;

Posteriormente apresentou uma solução de problema digna de um verdadeiro projeto diplomático. Falta de espaço nos prédios da Comissão para abrigar algumas instalações de última hora. Foi um deles do Centro Galaico do Pará, fruto do patriotismo daqueles Irmãos tão distantes de sua terra natal. Senhor. Fraiz resolveu a dificuldade de uma vez, dando hospitalidade aos produtos enviados do Pará.²²⁵

Em uma publicação na revista *Vida Gallega* de 1909, sob o título “Vida Gallega, em el Pará” o articulista destacou a figura do Senador Antônio Lemos, visto que diante das dificuldades da colônia “galega” no Pará em montar seu pavilhão na exposição na cidade de Santiago (Espanha), em 1909.

Figura 20 - Objetos enviados pelo Centro Galaico do Pará expostos em Santiago de Compostela, 1909.



(Vida gallega: ilustración regional: Ano I Número 11 – 1909 novembro, p. 6.)

O *Diário da Galícia* em breve nota destacou a participação dos galegos do Pará na exposição.²²⁶ O articulista acentuou os méritos da exposição dos “galegos do Pará”, mesmo que modesto, enfatizando o patriotismo da colônia. O destaque também foi dado a participação de José Esteves Del Rio, presidente do *Casino Español* e do Centro Galaico do Pará, este convocou uma concorrida reunião na qual “acordou-se explorar a vontade

²²⁵ Vida Gallega: ilustración regional: Ano I Número 10 - 1909 outubro, p. 6.

²²⁶ Diario de Galicia: periódico de la mañana, telegráfico, noticiero y de información general: Num. 168 (19/06/1909), p. 1.

oficial do Estado brasileiro de participar na empresa de trazer para a Galiza os produtos que constituem a riqueza do país”.

Antônio Lemos por meio da intendência de Belém proveu ao CGP a quantia de mais de quinhentas pesetas para a participação de seus membros na exposição. O articulista ainda destacou que, mesmo quando Lemos deu-lhes trabalho nas obras municipais, jamais descontou as doações efetuadas a comunidade espanhola (galegos).

227

O artigo no periódico *Vida Gallega* estampava uma foto do Intendente de Belém, assim como a foto de D. Joaquim Montes. Este último então ocupou em 1909 o cargo de tesoureiro do CGP, sua foto foi acompanhada de uma breve apresentação:

D. Joaquim Montes es uno de los más prestigiosos elementos de nuestra colônia em el Pará. Hace muchos años que se halla establecido em aque Estado brasileiro y goza de generales simpatias.

El Sr. Montes, há desempeñado siempre puestos de responsabilidade em las diversas sociedades españolas que se han sucedido em el Pará.

Em la actualidad, desempeña el cargo de Tesorero del “Centro Galaico”.²²⁸

Tal artigo reforça a ideia das sociedades mutuais de imigrantes como espaços de interlocução com a comunidade local, outros estados e países, assim como demonstra o uso das mutuais como plataforma política. Podemos supor que a relação do CGP com a Intendência de Belém servia para conquistar fundos, espaços de trabalho para parte dos imigrantes além de prestígio aos seus membros.

Em 1910 a participação da colônia galega no Pará na exposição de Santiago de Compostela é novamente destacada. Tal evento foi tomado como um espaço para estabelecer negócios entre os produtos espanhóis, e os produtos do Norte do Brasil, entre água ardente, cacau, madeiras, borracha e medicamentos.

Abaixo temos as fotografias dos membros da colônia espanhola no Pará, integrantes da comissão responsável pela participação na Exposição de Santiago de 1909. A atuação em prol da participação em um evento de caráter internacional, mais que fortalecer os laços com o país de origem, buscava fortalecer a imagem da colônia espanhola no Pará,

²²⁷ Vida Gallega: ilustración regional: Ano I Número 7 - 1909 xullo, p. 32.

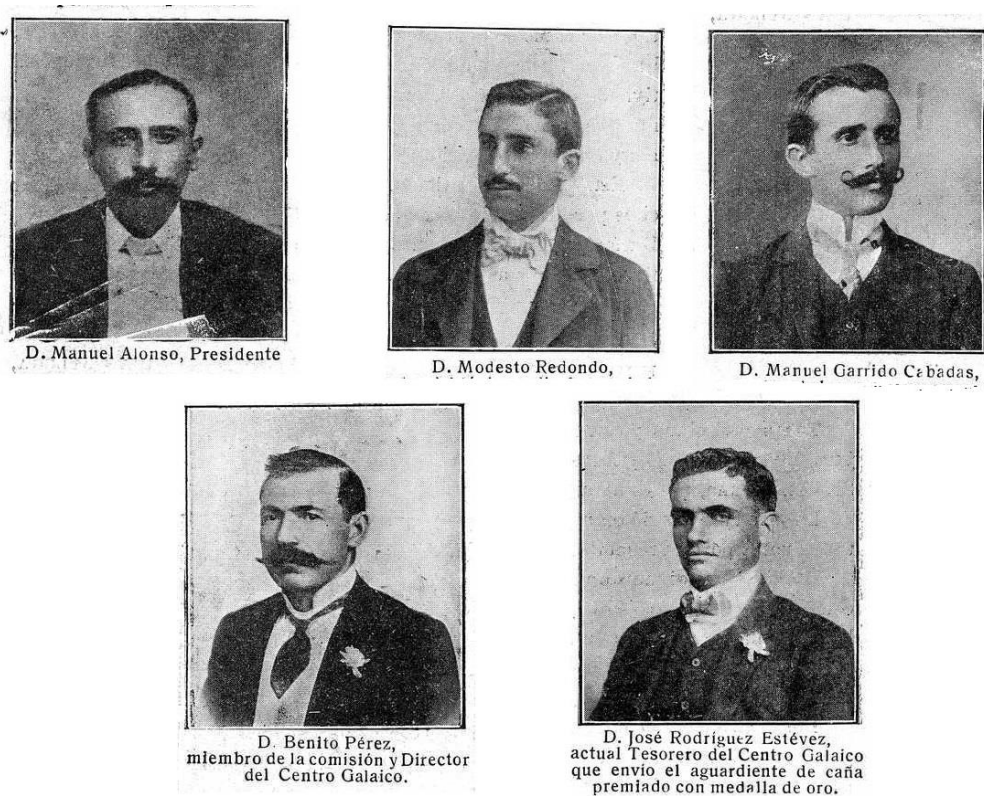
²²⁸ Vida Gallega: ilustración regional: Ano I Número 7 - 1909 xullo, p. 32.

atrelada a atividades econômicas, a exploração de produtos da floresta, da madeira, do cacau entre outros produtos.

Ao empreender esforços para participarem de um evento que marcaria a comunidade Galega, os espanhóis no Pará estavam reconfigurando suas redes, sua identidade e tecendo outras representações sobre si, assim como criaram lideranças. Vinculados as transformações europeias, ao ideal de civilização e modernidade, os galegos no Pará tinham no CGP um forte canal político de atuação, tanto econômica como simbólico.

Ao galgarem mecanismos de sobrevivência e mobilidade parte dos espanhóis residentes em Belém tiveram no CGP um espaço de afirmação social, não apenas de grupo, mais sobremaneira a nível individual. Nomes como José Esteves del Rio, Modesto Redondo, Lisardo Diaz Gonzalez, Peres Guerreiro entre tantos outros que compuseram a junta diretiva do Centro Galaico tiveram destaque na imprensa espanhola e acumularam capital simbólico e político.

Figura 21 - Comissão responsável por enviar objetos a exposição de Santiago.



(Vida gallega: ilustración regional: Ano II Número 15 - 1910 febreiro 15, p. 16).

Dentre os nomes listados entre os sócios de categorias existentes no livro de registro de 1942, temos ao menos 43 sócios classificados como beneméritos, honorários e redimidos. Entre estes nomes, vários da geração de 1910 e 1920.²²⁹

No regulamento do Centro Galaico do Pará de 1925, em seu artigo 2º, os sócios são divididos em seis categorias, os ativos, passivos, honorários, distinguidos, beneméritos e redimidos.²³⁰ Os sócios honorários seriam aqueles escolhidos em assembleia do CGP diante das suas contribuições para o “engrandecimiento del Centro”, sem direito a voto e obrigação de mensalidades. Já os distinguidos foram aqueles que conseguiriam filiar outros 50 sócios do CGP, os beneméritos poderiam obter tal status diante da filiação de 50 membros por sua indicação ou entregar ao centro um donativo de 500\$000 em objetos e valores. Parte significativa dos sócios de categorias registrados no livro de 1942 constituem sócios redimidos, para esta categoria o art. 26º do regulamento do CGP nos informa as condições:

Art. 26 – Los socios que durante 15 años sin interrupción, estuvieren filiados al Centro y em pleno goce de sus derechos sociales, y sin utilizarse de los socorros establecidos em este Reglamento, podrán solicitar á la Junta Directiva su título de socio redimido, y ésta se lo dará sin pagar más nada.²³¹

Ao estar vinculado CGP por 15 anos consecutivo, como sócio ativo, o associado por fim teria o direito à isenção de mensalidades. Foram 23 sócios redimidos em 1942, ou seja, estavam no CGP há mais de 15 anos, alguns ingressaram na década de 1910. Tal informação revela a estabilidade na presença e participação, ao menos de um certo grupo entre os membros do Centro Galaico do Pará. O capital social e político adquirido ao tornarem-se sócios, e por vezes membros das juntas diretivas deve ter pesado na manutenção de tais laços. Outros tantos, apenas passaram pelo CGP e marcaram sua história, inseridos em um contexto de instabilidade econômica que os levariam a reemigrar para outras regiões do país.

Perfecto Rajo Fortes aparece como testemunha em Belém no registro de casamento entre os espanhóis Santiago Lago Fernandez e Dolores Gonzalez Martines.²³² Perfecto

²²⁹ Livro de Registro de Sócios de Categoria do Centro Galaico do Pará, 1942. Acervo particular de Manoel Malvar Gonzalez.

²³⁰ Regulamento do Centro Galaico do Pará de 1925, p. 7-8.

²³¹ Regulamento Del Centro Galaico en el Pará. livraria Clássica, Pará, 1925, p. 8.

²³² Centro de Memória da Amazônia. Registros Cíveis de Casamento, abril de 1912.

Rajo Fortes em 1912 contava com 24 anos de idade, residia na Rua São Matheus, perímetro dedicado a atividades comerciais na capital paraense, e exercia o ofício de comerciante. Em 1911 seu nome constou como 2º secretário da nova junta diretiva do CGP:

É assim constituída a nova diretoria: presidente José Esteves Del Rio; vice, José A. Sotelito; Tesoureiro, José Rodrigues Esteves, 1º e 2º secretários, Lisardo Diaz e *Perfeito Rogio Fortes*.

Vogaes da diretoria: José Miron Ramos, Manoel Garcia Miquez, Jose Garcia, José Rodrigues Fernandes, Francisco Andres Lorenzo e Celestino Ordoñez; comissão de contas: José Rodrigues Fernandes, Manoel Miron Ramos e Elias A. Agrafojo; Bibliotecario, Alfredo Vasquez.²³³

Perfecto Rajo retirou-se do Pará, e em 1934 seu nome aparece como dono do *Hotel Comercial* em São Francisco, Minas Gerais.²³⁴ Ele, assim como tantos outros espanhóis que entraram em Belém nas primeiras décadas da República, tiveram de lidar com a crise da economia local após a queda na economia da borracha. Perfecto Rajo Fortes faleceu em 1961 aos 73 anos de idade, foi enterrado no Cemitério do Bonfim em Belo Horizonte, em seu atestado de óbito constava a profissão de comerciário.²³⁵

Alguns dos nomes acima, estão na lista dos sócios de categoria do CGP em 1942, entre eles Lizardo Dias, José Esteves Del Rio, José A. Sotelo entre outros. José Esteves Del Rio foi um dos primeiros presidentes do CGP, em 1911 estava com 39 anos de idade, residia na rua Gentil nº 98, e possuía a profissão de alfaiate, ele aparece entre 1911 e 1920 como testemunha de 4 matrimônios de espanhóis, e em 1916 sua filha Florentina Estevez Fernandez casou-se com Adolfo Searas.

Já a Família Mirón Ramos, possuía ao menos dois membros entre os associados do CGP, José Mirón Ramos e Maximiano Mirón Ramos, ambos aparecem nos registros cíveis de casamento. Em 1909 Maximiano Mirón, filho de Benito Mirón e Manela Ramos, aparece como testemunha, com 25 anos de idade, empregado no comércio e residindo na Praça da República nº21, também estava como testemunha do mesmo consórcio,

²³³ *Estado do Pará*, 18/11/1911, p. 2.

²³⁴ *A Luta* (MG), 18/01/1934, p. 3.

²³⁵ Registro de Inumação Cemitério do Bom Fim, Minas Gerais. Brazil, Minas Gerais, Belo Horizonte, Cemetery Records, 1897-2012. Disponível em: <https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QSQG982ZWST?cc=2137269&wc=KYYZGP8%3A1664872501%2C1664872301%2C1664332601%2C1664592301>. Acessado em 09/12/2020.

Celestino Ordeñez (26 anos de idade, empregado no comércio, residente da rua Rio Branco nº6) vogal da diretoria do CGP em 1911.

Maximiano casou-se em 1915 com Veneranda Rodrigues Paradela (19 anos, espanhola), entre as testemunhas de seu matrimônio constavam três brasileiros, dois naturais do Piauí, indicando redes mais amplas, tecidas para além do caráter étnico. Em 1913, Maximiano foi premiado em um concurso da Cervejaria Brahma do Rio de Janeiro, como empregado no restaurante “Maison Moderne” em Belém,²³⁶ ele apresentou o maior número de rolhas, com 7.200 “capsulas de garrafas Bock-Ale e Brahma Bock”. Certamente o seu trabalho no restaurante possibilitou acumular tal volume de rolhas, talvez as festas no salão do Centro Galaico tenham contribuído para tal acúmulo, o certo é que recebeu o prêmio de 25 libras em ouro.

Embora no registro de seu casamento Maximiano tenha sido registrado como empregado no comércio, ao que as fontes indicam sua atividade consistiu na de garçom. Seu irmão, Constantino Mirón Ramos, que chegou a Belém o ano de 1904, saiu do Pará em 1929 em direção a Santos (São Paulo), também foi empregado em um restaurante como garçom,²³⁷ atividade que pode ter exercido anteriormente em companhia de seu irmão em Belém.

A presença de vários sócios que exerciam atividades manuais não foi empecilho para que os mesmos chegassem a ocupar cargos na junta diretiva. Marília Cánovas ao analisar as associações de imigrantes espanhóis em Santos no início do século XX, pode identificar entre os membros fundadores do Centro Espanhol e da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos e Instrução figuras já bem inseridas na comunidade local, “tais imigrantes eram em sua maioria figuras que desfrutavam de certa influência, geralmente comerciantes já estabelecidos na cidade”.²³⁸

Érica Sarmiento ao discutir sobre as lideranças entre os centros associativos de espanhóis, e galegos no Rio de Janeiro, destacou a existência de duas categorias para

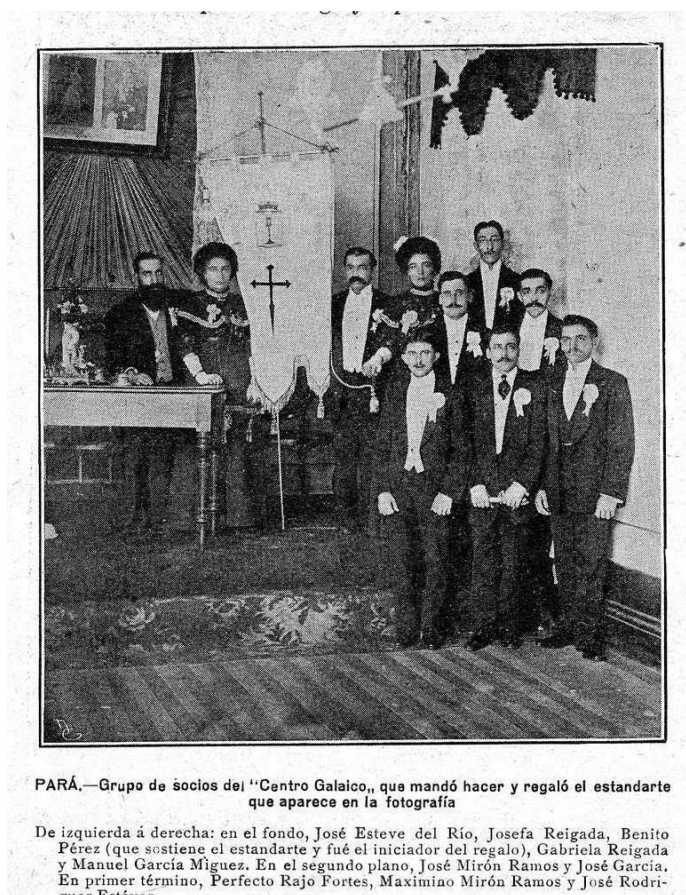
²³⁶ *Estado do Pará*, 08/08/1913, p. 2.

²³⁷ Registro de Estrangeiros: Delegacia de Fiscalização de entrada de estrangeiros, 1942. Constantino Mirón Ramos. Brasil, São Paulo, Cartões de Imigração, 1902-1980. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QSQ-G9NM-LGXC?i=410&cc=2140223&personUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3AQK7N-G2ZC>. Acessado em 09/12/2020.

²³⁸ CÁNOVAS, Marília Dalva K. Santos e a Imigração na Belle Époque. Os espanhóis – Cotidiano Urbano, Práticas associativas e Militância Política (1880-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2017, p. 275.

pensar tais lideranças, as étnicas e as de projeção.²³⁹ As lideranças étnicas caracterizam-se por sua origem em extratos mais comuns dos imigrantes, em termos de classe, comunidade e condição social, constituindo-se nomes de destaque na comunidade de imigrantes, já as de projeção marcam a presença em redes associativas, dos indivíduos que estão em termos de classe, condição social e capital social distinto em relação a maior parte da comunidade a qual pertence. Parte dos membros da junta diretiva do CGP são oriundos do que se pode chamar de lideranças étnicas, como Perfecto Rajo Fortes e Maximiano Mirón Ramos, mesmo o presidente do CGP, José Esteves Del Rio é declarado como alfaiate, atividade que não demarcaria nenhuma preponderância econômica diante de tantos outros espanhóis em Belém.

Figura 22 - Membros do Centro Galaico do Pará e suas esposas, 1910.



(Vida gallega: ilustración regional: Ano II Número 27 - 1910 outubro 20, p. 17.)

²³⁹ SARMIENTO, Érica. Associativismo espanhol/galego no Rio de Janeiro: Conflitos, visibilidade e lideranças étnicas. In: Portugal e as migrações da Europa do Sul para América do Sul. Organizadores. Fernando de Sousa, Ismênia Martins, Lená Medeiros de Menezes, Izilda Matos, Jobson Arruda, Nazaré Sarges, Vera Ferlini. Ed. CEPESSE, 2014, p. 565-581.

Figura 23 - Junta Diretiva do Centro Galaico do Pará em 1919.



Vida gallega: ilustración regional: Ano XI Volume VII Número 119 - 1919 xaneiro 25, p. 16.

As imagens acima publicadas no periódico espanhol *Vida Gallega* apresentam os membros que estariam de modo geral no comando do CGP entre 1910 e 1920. Em agosto de 1910, José Afaro escreveu ao periódico *El Tea* sobre o balanço financeiro do CGP,²⁴⁰ ele informou que no balanço do último semestre a associação contava em caixa com 2.286 duros (cada duro equivalia a cinco pesetas), com uma economia de ao menos 1.000 duros em dezoito meses de administração.

Para além do balanço financeiro, José Afaro destacou que durante a sessão de posse da nova junta diretiva para o ano de 1910 e 1911, foram entregues os prêmios ganhos durante a Exposição regional Gallega de Santiago de Compostela em 1909. O Centro Galaico foi homenageado com um diploma de honra e com uma medalha de ouro; o Museu Goeldi também se fez presente em Santiago, recebendo também uma medalha de ouro e outra de prata. Entre as pessoas premiadas constava o nome Antônio José Lemos (medalha de ouro), Dr. Flexa Ribeiro (diploma de cooperação com medalha de ouro). Também foram premiados as senhoras Julia Chaves e Dolores Otero, e os senhores Abel A. C. de Araujo, José Maria Cordeiro e Fermino Rodrigues do Nascimento. A imagem

²⁴⁰ El Tea: semanario independiente: Ano III Número 99 - 1910 agosto 6, p. 1.

acima (figura 2) mostra o estandarte entregue pelos membros do CGP para ornar a associação.

Em esse dia será oferecido al Centro por um grupo de asociados, rico estandarte de seda branca, bordado en oro y seda. Em el momento de la entrega de tan significativo ofrecimiento, un grupo de señoritas cantará por primeira vez em Belém, el Hino Regional Gallego, letra del poeta Eduardo Pombal y musica de maestro Pascual Veiga. La oquesta es del maestro Francolino Gonzalez.²⁴¹

O periódico *Vida Gallega* atribuiu o tom de patriotismo as festividades do CGP. As fotografias buscar demonstrar o grau de ilustração e sofisticação do CGP, sempre acompanhados de bandeiras que demarcam os símbolos da Galícia e da Espanha. A bandeira e o estandarte presentes nas imagens acima (22 e 23) materializaram os desejos de conservação dos laços com o país de origem, eram apresentados com orgulho em ocasiões festivas e cívicas. Aos sócios do CGP, restava reconstruir suas identidades por meio dos festejos, sociabilidades e evocação de símbolos e elementos da cultura galega, na mesma medida, eles contaram com a rede assistencialista e previdenciária que possibilitavam alguma segurança em suas aspirações de vida.

3.3 - Cultura letrada, regionalismo e identidade nacional.

E, curiosamente, esses dois homens ligados fraternalmente, inseparavelmente unidos em vida como alma e corpo, então se separaram e só vivem juntos no livro. Dom Quixote emigrou, encarnou na América no corpo de Simón Bolívar e deixou o desolado escudeiro na Espanha; Bolívar não tinha Sancho.²⁴²

Em outubro de 1927 na sede do Centro Galaico do Pará, esteve discursando o cônsul da Bolívia no Pará D. Rodolfo Arauz em celebração ao dia do livro Espanhol. Seu discurso foi editado e publicado em formato de livreto, tal iniciativa demonstra o destaque dado pelos membros do CGP em relação a exaltação de uma cultura letrada, a circulação de livros e ideias. D. Rodolfo Arauz enfatizou a obra de Cervantes, destacou a obra Dom Quixote, e ao falar de D. Quixote e Sancho atribuiu a cada personagem características

²⁴¹ Idem.

²⁴² Discurso pronunciado por el Consúl General de Bolivia D. Rodolfo Arauz en la sede social, por ocasion de la conmemoracion del Dia del Libro Español, el 7 de Octubre de 1927. Empresa Editora Gaurá, Belém, Pará, 1927, p. 7.

distintas, ao primeiro estava o “espírito poético”, ao segundo o “espírito prosaico”. Este espírito poético, aventureiro, que migrou a América personificado na figura de Simon Bolívar.

O cônsul usou o termo colônia hispano-americana ao se referir a comunidade espanhola no Pará. Embora, tal discurso esteja restrita a visão de um indivíduo, remete a uma questão importante, a consolidação de uma identidade hispânica amalgamada a comunidade local. O resgate de um dos principais nomes da literatura espanhola, busca filtrar o que se considerava então o melhor do “espírito” espanhol no âmbito cultural. O CGP possuía um acervo de livros e revistas que ostentara com orgulho, como símbolo da ilustração galega, e como elemento essencial para manter os laços com a Espanha.

Lisardo Dias em 1926, destacou o desenvolvimento de práticas vinculadas a instrução entre os membros do CGP, além da escola, que naquele momento estaria desativada, também existiu a Biblioteca do Centro Galaico, composta de mais de três mil títulos. Ao analisar o livro de donativos da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos, que posteriormente serviu para lançar os donativos feitos ao CGP, foi possível identificar a doação de 1.334 volumes de diversos títulos, entre revistas e livros, ao Centro Galaico. Neste sentido é possível identificar as leituras efetuadas entre os membros do CGP, ao menos o acesso a circulação de informações e ideias por meio das obras espanholas.

As doações ocorreram entre 1905 e 1933, foi frequente a doação de revistas. Em setembro de 1910 José Esteves del Rio doou a coleção completa do periódico *Vida Gallega* do ano de 1909 e dez volumes da mesma para o ano de 1910. Já em 1914, Lisardo Dias doou a assinatura da mesma revista começando pelo número 53, como destacado até aqui o periódico *Vida Gallega* foi um dos primeiros a voltar-se para o fotojornalismo da Espanha, e teve uma forte conexão com os imigrantes espanhóis nas américas.

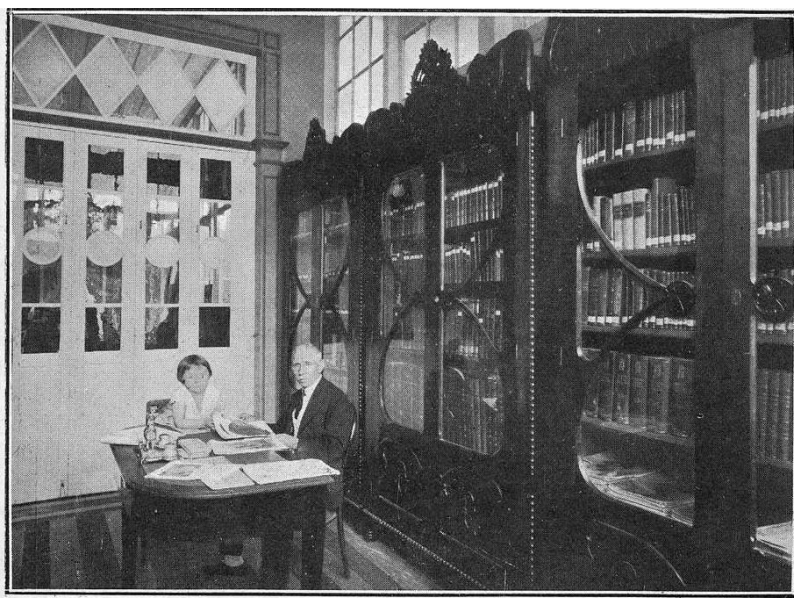
Dentre os títulos da biblioteca do CGP encontramos poemas de Rosalia de Castro, romances de Perez Escrich, obras de Victor Hugo, Cervantes, Immanuel Kant, Jose maria Carretero Novillo, Emilio Zola, Teofilo Braga, José Agustin Pindal, entre outros autores espanhóis, e europeus. Também haviam obras de literatos paraenses como Eustáchio de Azevedo, e o literato espanhol radicado no Pará, membro da academia paraense de letras, Remigio Fernandez, que em setembro de 1922 doou ao CGP o livro de sua autoria “Sol de Outono”. O acervo possuía revistas do México, da Argentina, de Portugal, do Brasil,

e inúmeras revistas espanholas, de tal forma que a circulação de informações do mundo hispano-americano foi elemento de fortalecimento de uma identidade pan-hispânica.

Ao falar da presença portuguesa no Pará, Cristina Cancela e Luiz Valente destacaram a construção da representação de uma “colônia portuguesa”, que na realidade tecia-se na heterogeneidade marcada por um “jogo de porosidade”.²⁴³ Na busca da reconstrução de uma identidade lusitana, como destacam os autores, “ser português era potencializado pela frequência em associações nacionais, viagens constantes a Portugal, leitura de jornais portugueses, comemorações de datas históricas”.²⁴⁴

Em relação aos galegos, a atuação do CGP foi no mesmo sentido de construção e fortalecimento de uma identidade, mesmo que fluida, oscilando entre o nacional e o regional, celebração de datas históricas e leitura de jornais e revistas nacionais, o gabinete de leitura do CGP configurou-se então como espaço de estudo e de aproximação com a identidade galega.

Figura 24 - Biblioteca do Centro Galaico do Pará.



(Vida galega: ilustración regional: Ano XVIII numero 323 – 1926 novembro 20, p.31)

A imagem acima retrata a biblioteca Rosália de Castro do CGP na década de 1920. A representação do espaço como um local de aprendizado é feita ao ser enquadrado a

²⁴³ CANCELA, Cristina Donza; GUIMARÃES, Luiz. Imigração e presença Portuguesa em Belém no século XIX: entre deslocamentos e pertencimentos (Pará-Brasil). *História & Perspectivas*, Uberlândia (59); jul./dez. 2018, p. 22- 35.

²⁴⁴ Idem, p. 22.

figura de um homem idoso representando um “tutor” das letras da criança. Sobre a mesa, várias revistas que tanto serviriam para informar, como para o aprendizado, alfabetização dos mais jovens e reatar os laços com a identidade espanhola por meio da literatura.

Chama a atenção a ausência de uma literatura política de cunho anarquista ou marxista. Se para a cidade de São Paulo os espanhóis constituíram como membros ativos de movimentos grevistas, atrelados a ideais radicais anarquistas. No Pará, as sucessivas greves desencadeadas ao longo da década de 1910 cotou com a participação de imigrantes, particularmente portugueses, ainda assim foi possível identificar o envolvimento de espanhóis. Contudo, ao analisar a participação do CGP nos movimentos grevistas da capital paraense, nada foi encontrado, o que reitera a atuação do CGO enquanto espaço intraclasse de trabalhadores espanhóis. Salvo uma breve anotação, onde foi possível identificar o nome Rogelio Canedo (homônimo de um dos membros do CGP, que ocuparia o cargo de presidente na década de 1930), em uma publicação de cunho anarquista apreendida pela polícia de Belém em 1914.

Neste sentido, a ênfase do mutualismo imigrantista recaiu sobre a previdência e assistencialismo, indo além da perspectiva de ação coletiva focada em reivindicações trabalhistas. As tensões que envolveram nacionais e estrangeiros nas primeiras décadas da república de certo pesariam nas escolhas de atuação das mutuais de imigrantes, no caso paraense o forte sentimento antilusitano suscitou tensões recorrentes, de tal maneira que embora o regulamento do CGP não proíba discussões políticas (elemento presente no estatuto da União Espanhola de Socorros Mútuos), as perseguições a movimentos anarquistas, e a grevistas em Belém, como no caso da expulsão de três estrangeiros envolvidos nas greves de 1914 (incluindo entre eles, um português e três espanhóis) certamente pesaram em relação a circulação e difusão de ideias de cunho radical.

Deve-se atentar que o contexto dos anos de 1910 foi marcado por conflitos bélicos, revoltas e revoluções na Europa, ao mesmo tempo que o Estado Brasileiro buscava firmar uma nacionalidade assentada em preceitos republicanos, e signos de modernização do país. Entre as obras doadas ao CGP, nenhuma apresenta temas e ideias associadas ao socialismo, ou anarquismo. O que não torna o CGP um espaço neutro em termos de ideais políticos e sociais.

Jaime Solá, jornalista e escritor galego, fundador e redator do *Vida Gallega*, publicou em 1937 sobre o patriotismo dos galegos na América. Tal artigo, publicado no

Vida Gallega, certamente foi lido por alguns membros do CGP, tal periódico compôs o acervo da biblioteca do CGP visto que seu sócio Lisardo Diaz era um dos correspondentes do mesmo, doando vários volumes ao CGP. No referido artigo, Jaime Solá tece elogios à atuação dos membros da colônia espanhola na América em prol da Espanha:

No Rio de Janeiro, os galegos juntaram roupas, comida, dinheiro; e as primeiras expedições de seus presentes já estão na Espanha ou chegando aos nossos portos. Em Bahia trabalha, cheia de entusiasmo, uma comissão que enviou algumas libras e que continua a decidir o seu trabalho. Em Buenos Aires, nosso conterrâneo, senhor Boo, e uma ilustre e esplêndida senhora argentina, senhora Drysdale, à frente de muitos compatriotas, se preocupam com nossas necessidades de guerra e as satisfazem com seu esplendor reconfortante). No Rio de Janeiro, opulento galego, o senhor Victor Fernandez reuniu ao seu redor os mais ricos e prestigiosos da colônia, e a Comissão que ele promoveu e que preside já fez grandes doações. O patriotismo do *Centro Galaico, no Pará, aquece o trabalho de uma comissão que trabalha muito em prol da causa espanhola*. Quase foi a nossa colônia em Porto Rico a primeira a nos oferecer seu concurso. Isso é agora, que tem precedentes admiráveis. Houve um tempo em que nossos irmãos da Argentina deram à Espanha nada menos do que uma cruz: o “Rio de la Plata”. (Tradução Livre).²⁴⁵

Há de se destacar a participação das colônias imigrantista galegas nas américas no conflito da guerra civil espanhola (1936-1939). O início do conflito com o levante comandado por Franco no Marrocos, também desencadeou a tomada da Galiza pelas tropas franquistas em julho de 1936, John Patrick Thompson destaca que apesar de parte dos políticos e da historiografia espanhola enfatizarem a naturalidade que a região da Galícia aderiu ao movimento nacionalista de Franco, novos estudos indicam que tal incorporação não foi tão passiva assim:

...há estudos que provam que esta comunidade, com muita diferença, não aceitou de boa vontade o golpe dos falangistas de Franco. A Frente Popular tinha ganhado as eleições decisivamente no 16 de Fevereiro de 1936 e mais de dois terços dos galegos tinham votado a favor do Estatuto de Autonomia no 28 de Junho desse mesmo ano, menos dum mês antes do levantamento.²⁴⁶

Ainda assim, se tomarmos a possível influência das notícias sobre a Espanha publicados no periódico *Vida Gallega*, a circulação de informações e ideias enfatizava uma ferrenha crítica a esquerda, ao comunismo e o apoio ao exército nacional franquista.

²⁴⁵ *Vida Gallega*: ilustración regional: Ano XXIX Número 683 - 1937 xaneiro 30, p. 13.

²⁴⁶ THOMPSON, John Patrick. A guerra civil na Galiza: o descobrimento das valas comuns e os romances da guerra civil como contra-discursos do esquecimento imposto. *GZe*-ditora nº11, p. 4.

Em 1937 a junta diretiva do CGP enviou um manifesto em apoio as tropas nacionais na Espanha, nas linhas publicadas no *El Correo Gallego* os membros da junta diretiva designaram como a “nobre causa nacionalista”, e o “heroico” exército nacional.

Se do lado de lá do atlântico as tensões ente grupos Republicanos e o exército nacional (franquistas) acentuavam-se na Espanha, do lado de cá os imigrantes reconstruíam suas identidades e por meio da celebração e evocação de símbolos e mitos. O próprio dois de maio celebrado ao longo do século XIX como início do processo de independência espanhola em relação do domínio napoleônico. Tal data foi interpretada segundo Janete Abraão, por republicanos e “nacionalistas” a fim de angariar apoio e simpatia popular, e arregimentar adeptos a sua causa.²⁴⁷

O mito de uma reação unânime do povo espanhol contra Napoleão foi alimentado por escritores, políticos e historiadores conservadores e liberais, no decorrer do século XIX, visando criar o conceito de uma nação política espanhola e consolidar, ainda no século XX, um Estado culturalmente homogêneo através da coesão social, cultural e nacional.²⁴⁸

No capítulo anterior destaquei o 2 de maio como data de festejos da colônia espanhola no Pará, e data de fundação da União Espanhola de Socorros Mútuos. Neste sentido todo o arcabouço simbólico utilizado para reconstrução destas comunidades imaginadas em Belém, no qual a valorização de uma identidade nacional esteve no centro dos discursos, foi reiterada no Centro Galaico ao dar apoio ao exército nacional de Francisco Franco.

Somado ao ideal de nacionalismo estava também o catolicismo, e o anticomunismo: “tan valientemente luchan todos los Buenos españoles para elevar a la madre pátria y cristiandad de las misérias del comunismo rojo”. Tal carta da junta diretiva foi publicada em vários periódicos espanhóis como instrumento de propaganda do nacionalismo.

CENTRO GALÁICO.

Belém do Pará (Brasil)

Hon. Sr. Governo Civil, Décimo Departamento de Imprensa, Rádio e Propaganda, Corunha, Espanha.

²⁴⁷ ABRAO, Janete Silveira. O Dois de Maio, a “Guerra de Independência” e a Memória manipulada durante a Guerra Civil e o Franquismo. In: Espanha: política e cultura. Organizadora Janete Abraão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 18-29.

²⁴⁸ Idem, p. 28.

Prezado Senhor,

Em nome do Conselho de Administração do Centro Galaico, tenho a honra de acusar nosso poder, sua atenção ao. ou mais que setembro, e as circulares de propaganda e disseminação da nobre causa nacionalista pela qual tanto heroísmo está sendo combatido pelo valente exército e pelo povo espanhol. É para nós honra e orgulho fazer todo o possível para pontuar essas circulares na imprensa desta cidade, dando a conhecer ao povo deste grande país e, especialmente, a todos os nossos compatriotas, o sagrado ideal, porque todos os bons espanhóis lutam com tanta bravura para criar a pátria e o cristianismo das misérias do comunismo vermelho.

Aproveitando a oportunidade de comunicar a V. S. que um Conselho Nacionalista encarregado de coletar doações para o Governo Nacionalista de Burgos está operando na sede desta Sociedade, e teve a melhor recepção para todos os bons compatriotas desta cidade.

Ao enviar a você nossas afetuosas saudações, em nome do Conselho de Administração desta Sociedade, cumprimos o agradável dever de apresentar a VS nossa mais expressiva gratidão pela consideração que ele se dignou a nos dispensar e, ao mesmo tempo, enviamos a ele nossos votos mais sinceros pela vitória dos grandes. causa nacionalista à qual apresentamos nossa mais franca solidariedade, terminando com uma vida longa à nossa gloriosa e amada Espanha e ao corajoso e corajoso exército espanhol entre o povo de suas honras. Ilmos. Geral.

Com a mais alta consideração, subscrevemos V. S. yes afm. H.H.

Pela diretiva, o Presidente, José Godoy González, o secretário, M. G. Martínez.²⁴⁹ (Traduzido pela autora)

Sob a bandeira do patriotismo espanhol os membros do CGP introduziam as ideias do franquismo, tornando-se uma extensão das agências de propaganda do exército nacional. O que se pode afirmar por meio das notas publicadas em periódicos espanhóis, é que o CGP se manteve atento aos conflitos que ocorriam na Espanha e tomaram partido ao declararem apoio ao exército nacional. De certo que o clima de combate ao comunismo e anarquismo presente no Brasil pode ter pesado na direção tomada pela junta diretiva do CGP, destaca-se que o governo brasileiro no ano de 1938 promulgou o decreto-lei n.º 383 de 18 de abril de 1938, no qual vedava aos estrangeiros o exercício de atividades políticas no Brasil, incidindo sobre as associações de imigrantes; “Art. 1º Os estrangeiros fixados no território nacional e os que nele se acham em caráter temporário não podem exercer qualquer atividade de natureza política nem imiscuir-se, direta ou indiretamente, nos

²⁴⁹ “Centro Galaico”. El Correo gallego: diario político de la mañana: Ano LIX Número 20266 - 1937 xaneiro 27, p. 4.

negócios públicos do país”, embora tal legislação mantenha licito as atividades associativas, as limitava ao âmbito cultural e beneficente.²⁵⁰

Fundado em maio de 1907 o Centro Galaico do Pará funcionou, mesmo com poucos membros, até a década de 1980. Constituído por espanhóis oriundos da região da Galícia, esta associação foi marcada pelo forte cunho regionalista, seu regulamento de 1925 determinava como objetivos em primeiro lugar “difundir entre seus associados a instrução”; seguido por “solenizar as datas memoráveis da Pátria e da região Gallega e seus nobres filhos”. Nos incisos 3º e 4º do artigo 1º tratava-se das atribuições de socorros; “proporcionar aos seus associados os socorros necessários nas enfermidades e outros casos” assim como “proteger seus associados a toda classe de injustiças que contra eles se comentam”. Por fim ainda no 1º artigo, determinava a obrigação de proporcionar aos sócios e familiares “distrações e recreio conforme os princípios da boa moral e bons costumes”.²⁵¹

O destaque dado a instrução demonstra a valorização do ensino como mecanismo de inserção social, para além disso a valorização de atividades vinculadas de alguma maneira ao ideal de educação que se tecia nas primeiras décadas do século XX fortaleceria a imagem de um imigrante ilustrado, contrapondo-se aos discursos que designava os espanhóis como desordeiros e brutos. O CGP ainda na década de 1910 promoveu aulas de Esperanto no Pará, e aulas de dança para as moças.

A construção de marcos simbólicos é destacada por meio das celebrações pátrias, neste caso no reconhecimento da identidade galega. Quando da confecção do novo regulamento do CGP em 1948 há uma pequena mais significativa alteração, em seu inciso 2 do artigo 1º o objetivo foi descrito da seguinte maneira; “solenizar as datas memoráveis de significação patriótica da Espanha e do Brasil”.

Se em 1925 ainda vigorava no CGP um ideal de celebração regionalismo e da identidade galega, 23 anos depois em 1948 a construção de uma identidade nacional, sem

²⁵⁰ Art. 3º É lícito aos estrangeiros associarem-se para fins culturais, beneficentes ou de assistência, filiarem-se a clubes e quaisquer outros estabelecimentos com o mesmo objeto, bem assim reunirem-se para comemorar suas datas nacionais ou acontecimentos de significação patriótica.

§ 1º. Não poderão tais entidades receber, a qualquer título, sub-venções, contribuições ou auxílios de governos estrangeiros, ou de entidades ou pessoas domiciliadas no exterior.

§ 2º. As reuniões autorizadas neste artigo não serão levadas a efeito sem prévio licenciamento e localização pelas autoridades policiais.

²⁵¹ Reglamenteo del Centro Galaico en el Pará (fundado em 16 de Mayo de 1907). Livraria Clássica. – Pará, 1925, p. 5.

ramificações pendentes ao regionalismo é posta no regulamento, da mesma maneira que ao atribuir celebrações de datas pátrias do Brasil podemos entrever a necessidade de estabelecer uma relação com as autoridades locais e mesmo com a comunidade nacional local, e ao suprimir as celebrações de datas memoráveis e partiras da região Galega em seu regulamento, entrevemos materializado em papel, nas suas diretrizes os embates sociais e políticos processados nos dois lados do atlântico.

A ascensão do fascismo na Espanha levou a um processo de homogeneização da língua nacional, com o ferrenho combate as línguas regionais como o catalão o basco, e incluindo a língua galega.²⁵² A partir de 1936 e da rápida derrota da resistência contra o levante franquista, ocorreu na região da Galícia uma “mordaça” ao uso do idioma regional, proporcionando significativa queda na produção literária publicada em língua galega, salvo as produzidas por grupos constituintes do exílio galego, particularmente os que refugiaram-se na argentina.²⁵³

A atuação longeva do CGP foi marcada por mudanças em suas diretrizes, e uma atuação cada vez mais restrita a prática beneficente, assistencialista e recreativa. Como experiência de ação coletiva, o associativismo espanhol no Pará foi tecido pelas influências políticas da Espanha, do Brasil, e a atuação individual de seus membros visando sobrevivência, estabilidade e mobilidade social, acionando múltiplas identidades a fim de demarcarem o seu espaço em um processo de retorialização cultural.

²⁵² TORRE, Matías Rodríguez da; BAAMONDE SILVA, Xosé Manuel. A repressão franquista na língua galega. A desfeita de uma realidade linguística, cultural e nacional. caracol 11 / dossiê.

²⁵³ Idem, p. 27.

Considerações Finais.

A imigração espanhola no Pará constitui-se como uma das grandes experiências de êxodo humano transcorridas no século XX. Os números aqui levantados indicam entre 12 a 15 mil espanhóis que teriam adentrado o território paraense entre as duas primeiras décadas da nova república, inicialmente direcionados para os núcleos coloniais agrícolas no interior do Estado paraense, estes tiveram de lidar com as tensões envolvendo nacionais, com o não cumprimento das promessas efetuadas pelo Governo do Estado, com a falta de insumos para dar conta da exploração e produção das terras.

Em paralelo aos projetos de desenvolvimento agrícola, o despontar da economia gomífera na Amazônia propiciou uma maior dinamização da economia paraense, o surgimento de várias casas comerciais, assim como a necessidade de braços para a exploração da goma elástica, permitiu que mesmo diante das dificuldades enfrentadas pelas primeira levas de espanhóis o interesse pela região como local de reestruturação de vida se mantivesse aos olhos de milhares de espanhóis, particularmente aos originários das províncias ao noroeste da Espanha.

As capitais do Pará e do Amazonas tornaram-se locais de atração e concentração de parcela dos espanhóis que decidiram permanecer no território da região norte brasileira. No contexto urbano tais imigrantes passaram a ocuparem espaços no mundo do trabalho vinculados a atividades comerciais, e as artes mecânicas, as mulheres foram disputadas diante das aspirações das elites belenenses em ter uma criada europeia. Domésticas, serviçais, sapateiros, atendentes de cafés, hoteleiros, os espanhóis em Belém acabaram por exercer atividades vinculadas as classes subalternas, muitos destes residiam nos porões das casas comerciais as quais serviam.

Um dado que chama a atenção foi a preponderância de espanhóis donos de hotéis em Belém nas décadas de 1910 e 1920, valendo-se da demanda por hospedagem que a os seringueiros, e vários estrangeiros que constituíam o grande fluxo humano que Belém do Pará vivenciou na primeira República.

Embora não tenha encontrado um núcleo geográfico de espanhóis em Belém, foi possível por meio dos registros de casamentos, indicar que eles optavam por habitar próximos uns dos outros, concentrando-se em pequenos grupos em diversas ruas da capital, particularmente as mais próximas ao centro comercial.

Diante deste contexto de fluxo e refluxo de imigrantes espanhóis pelo território paraense, o associativismo mutualista tornou-se elemento que possibilitou tanto a reconstrução de suas identidades de maneira coletiva, como mecanismos de sobrevivência atrelados a assistência médica e pecuniária. Para a década de 1890 foi possível identificar em uma publicação de 1895 a existência de suas associações de espanhóis em Belém, o *Cassino Espanhol* e a *Humanitária Beneficente*, de tal maneira que a chegada de milhares de espanhóis no Pará também ensejou formas de organização, e ações coletivas, que vão além do modelo sindical.

O mutualismo, especificamente o mutualismo étnico, ocorreu em paralelo ao processo de difusão e consolidação dos sindicatos no Brasil, e neste sentido o mutualismo deve ser entendido enquanto fenômeno autônomo e não como um modelo pré-sindical. Em Belém fundaram-se na década de 1900 duas três associações mutuais de espanhóis, a Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos, posteriormente a União Espanhola de Socorros Mútuos e o Centro Galaico do Pará, as duas últimas resultando das tensões internas da primeira. Tais associações atuaram tanto no cenário social, recreativo e de certa forma no político, ao tornarem-se espaços de amplificação da voz destes imigrantes, alcançado as autoridades do Estado, e mesmo articulando com outras associações nas américas.

Caso emblemático foi a atuação do CGP e da UESM em favor de seus compatriotas embarcados no vapor norueguês *Amanda*, em 1908. O *Centro Galaico do Pará* alertou ao *Centro Galaico de Havana* para impedirem que seus compatriotas embarcassem em direção as obras na ferrovia Madeira-Mamoré,²⁵⁴ que rapidamente foi retratada na imprensa espanhola como um lugar de morte, e desventuras. A visita do inspetor de imigração da Espanha no Brasil, e seu relatório publicado em formato de livreto em 1916 proporcionou uma visão extremamente assustadora por parte da imprensa espanhola em relação a Amazônia, e as obras na ferrovia.

O associativismo mutualista no Pará foi marcado por várias vinculações, seja de classe, ofício, geográfica e étnico. De tal modo que as mutuais constituídas por imigrantes estiveram assentadas preponderantemente na identidade étnica, servindo de espaço para consolidação de um ideal de comunidade, a colônia espanhola no Pará embora plural,

²⁵⁴ Galícia: revista semanal ilustrada: Ano VII Número 14 - 1908 abril 5, p. 7.

ganhou sentido de unidade, uma comunidade imaginada tal qual conceituada por Benedict Anderson.

Um das evidências mais claras de tal diversidade da colônia espanhola no Pará foi a cisão da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos entre 1904 e 1905, culminando na criação de outras duas associações com objetivos similares, porém com marcadores de identidade distintos, a União Espanhola de Socorros Mútuos e o Centro Galaico do Pará. A primeira caracterizou-se de início por agregar em seu regulamento as múltiplas identidades que tinham na matriz a nacionalidade espanhola, seja os naturais da Espanha ou da América Espanhola. Já a segunda, ressaltou as identidades regionais, no caso a identidade Galega.

Os dados apresentados por trabalhos como os de Francisco Smith, Ferreira & Costa, e o relatório do inspetor de Imigração Leopoldo D'ozouville de 1916, a maior parte dos emigrados espanhóis ao Pará foram oriundos do noroeste da Espanha, a região da Galícia. Neste sentido, os galegos tiveram que lidar com representações já consolidadas no Brasil acerca do termo galego, muito mais vinculado a presença de portugueses do que de espanhóis. Tidos, como rústicos, atrasados, com pouca inteligência, representados por anedotas em tons jocosos, os galegos no Pará buscaram reconstruir tais representações, atribuindo a identidade galega valores modernos, de civilidade e ilustração.

Da mesma maneira que o CGP agregou os espanhóis oriundos da Galícia, também fortaleceu lideranças, figuras como Lisardo Diaz, Jose Estevez del Rio, Frederico Pastor, José Perez Guerreiro, entre outros tornaram-se elementos a quem foi atribuído distinção social, e prestígio.

Tais associações proporcionaram espaços de lutas, de comunicação e de afirmação na comunidade local. Ao pensar a imigração espanhola no Pará, a historiografia local apenas indica a existência de tais associações sem maiores problematizações acerca de tal forma de atuação coletiva, diante de um cenário de instabilidades políticas, econômicas e sociais das primeiras décadas do século XX, e como apresentado até aqui, o mutualismo foi um fenômeno de suma importância à parte desses sujeitos, na busca de assistência médica e mecanismos de sobrevivência em terras distantes.

As experiências das associações mutualistas nos permitem vislumbrar as possibilidades de ação coletiva que estiveram em jogo no início do século XX no Brasil. Muito mais que um modelo que teria servido de base para o movimento sindical, as

mutuais demarcam a luta por espaços, por uma forma de representação que teria por base relações mais estreitas, e cotidianas, não vinculando-se diretamente as lutas de classes, e a difusão das ideias socialistas, anarquistas que se propagavam com vigor na classe operária.

Um dos vestígios mais acentuados da presença espanhola no Pará foi permanência das atividades de tais associações até a década de 1980 e 1990, certamente sob novas orientações e linhas de atuação. Ao passar pela avenida José Malcher, pelo prédio hoje ocupado pelo *Memorial dos Povos*, ainda podemos ver as insígnias da União Espanhola de Socorros Mútuos na fachada do mesmo prédio, que em 1916 tornou-se sede da associação. Já em relação ao Centro Galaico do Pará, resta apenas o nome (Centro Galaico) no edifício que ocupa o que antes fora a sede social, com seus salões cheios de homens e mulheres em busca de reatar seus laços com a terra de origem.

Fontes

Fontes Orais

Entrevista de Manuel Malvar Gonzalez, realizada pela autora em 02/03/2020.

Fontes Manuscritas

Centro de Memória da Amazônia/ TJE – CMA

Espólio de Aurora Monreal, 1903. Serie Espólios, 2º Vara Civil; Cartório Odon. Caixa ano 1905-1918

Cartório Privativo de Casamentos. Série: Casamentos, 1897 – 1920.

Arquivo Público do Estado do Pará – APEP

Autos Cíveis de Ação de Despejo, 1916. Juízo de Direito da 1º Vara da capital.

Autos de Manutenção de Posse, 1905. Juízo de Direito da 2ª Vara da Capital; Caixa 17.

Chefatura de polícia, jan/jun. 1920. Série: Autos.

Acervo particular Manuel Malvar Gonzalez

Livro de Atas de Reuniões do Centro Galaico do Pará, 1958 – 1978.

Livro de Registro de Sócios de Categoria do Centro Galaico do Pará, 1942.

Livro de Registro de Donativos da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos, 1906 – 1937.

Regulamento da União Espanhola de Socorros Mútuos, março de 1918. (Deteriorado)

La Realidad Actual de Galicia. Editora Patronato da Cultura Galega. Montevideo, 1968.

Fontes Impressas

AMAZONIA. Escritório de emigracion de España y las islas Baleares y canárias al estado del Pará en la República del Brasil. Galicia: J. Barreras 1895.

Censo Demográfico de 1890; Sexo Raça e Estado Civil, filiação Culto e Analfabetismo. Diretoria Geral de Estatística. Rio de Janeiro; Oficina da Estatística, 1898.

D. Leopoldo D'ozouville de Bardou y Cruz Alvarez. Un Viaje al Brasil: Información acerca de La situación de los emigrados españoles em los Estados de Pará y Amazonas y zona de trabajos de ferrocarril de Madeira – Mamoré. (Madri, 1916).

Discurso Pronunciado por El Cônsul General de Bolívia D. Rodolfo Arauz em la sede social, por ocasião de la conmemoración Del Dia del Libro Español, El 7 de octubre de 1927.

Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. A ciência a caminho da roça: imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913 [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1992.

LOBATO, Julio. Notas de um repórter: a vida dum repórter-reportagens nos hotéis e padarias de Belém. Belém: Typ. F. Lopes. 1916.

Recenseamento de 1 de setembro de 1920, Vol. 4, Parte 1.

Regulamento da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos. Typographia Moura, Belém – Pará, 1904.

Regulamento do Centro Galaico do Pará. Livraria Clássica. – Pará, 1925.

Discurso pronunciado por el Consúl General de Bolivia D. Rodolfo Arauz en la sede social, por ocasion de la conmemoracion del Dia del Libro Español, el 7 de Octubre de 1927. Empresa Editora Gaurá, Belém, Pará, 1927.

Sites pesquisados

Site de entidade privada que catalogou registros paroquiais e cíveis.

(<https://www.familysearch.org>)

Manuel Miguez Godoy. Brasil, Cartões de Imigração (1900-1965).

Constantino Mirón Ramos. Brasil, Cartões de Imigração (1902 – 1980).

Dados do Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE).

(<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/administracao-publica-e-participacao-politica/9663-censo-demografico-2000.html?=&t=series-historicas>)

Galiciana: Biblioteca Dixital de Galicia

(<https://datos-abertos.galiciana.gal/buscar/objetos-digitales>)

Diario de Galicia: periódico de la mañana, telegráfico, noticiero y de información general: Num. 168 (19/06/1909).

Diario Independiente, 25/04/1919, p. 11.

El Correo de Lugo: Periódico de intereses morales y materiales: Num. 242 (22/05/1900), p. 1.

El Correo gallego: diario político de la mañana: Ano XXXIII Número 10741 - 1910 xuño 13, p. 1.

El Eco de Galicia: diario de la tarde: Num. 3159 (16/12/1896), p.2.

El Ideal gallego: diario católico, regionalista e independiente: Ano XI Número 3025 - 1927 outubro 15, p. 8.

El lucense: diario católico de la tarde: Num. 3620 (16/12/1896), p. 1.

El Sol (Madri), 21/03/1920, p. 90.

El Tea: semanario independiente: Ano III Número 114 - 1910 novembro 26, p. 2

El Tea: semanario independiente: Ano III Número 99 - 1910 agosto 6, p. 1.

Galicia nueva: Num. 707 (05/08/1909), p. 1.

Galicia: revista quincenal ilustrada (1908).

La Emigracion Española: Vida española en El extranjero. Revista quincenal de emigracion y colônias (1915).

La Opinión: diario de Pontevedra: Ano I Número 267 (23/12/1896).

La Realidad Actual de Galicia. Editora Patronato da Cultura Galega, Montevideo, p. 5.

La voz de la verdad: diario católico con censura eclesiástica: Num. 304 (07/10/1911), p. 4

Memórias diplomáticas e consulares, e informações, nº 220, 1909, consulado de España em Pará; Memorial comercial correspondiente al año de 1908, p. 9.

Memórias diplomáticas y consulares, e informações. Nº 261, 1910. - Brasil: consulado de España em Pará; Memorial comercial correspondiente al año de 1909.

Memorias diplomáticas y consulares, e informações. Nº 401, 1912. - Brasil: consulado de España em Pará; Memorial comercial correspondiente al año de 1912.

Memorias diplomáticas y consulares, e informações. Nº 635, 1917. - Brasil: consulado de España em Pará; Memorial comercial correspondiente al año de 1917.

Noticiero de Vigo: diario independiente de la mañana: Ano XXVIII Número 11451 - 1913 febreiro 19, p. 1.

Vida gallega: ilustración regional (1909-1937).

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (HDBN)

(<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>).

Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (PA), 1902.

Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (PA). Mensagem Dirigida em 7 de setembro de 1908 ao Congresso Legislativo do Pará pelo Dr. Augusto Montenegro, Governador do Estado.

Periódicos:

A Lanterna (SP), 25/07/1914.

A Lucta Social (Manaus), 29/03/1914.

A Província do Pará (1908).

A Provincia: órgão do Partido Liberal (PE), 11/11/1914, p. 1.

A República (1890 – 1900).

Diário de Notícias (PA), 30/10/1890.

Diário de Pernambuco (PE), 17/09/1903.

Diario Official (AM), 11/05/1895, p. 6.

Diário Official (AM), 17/11/1900, p. 6.

El Hispano Amazonense (AM), 12/10/1919, p.4; 04/06/1921, p.1.

Estado do Pará (PA), (1911-1920).

Folha do Norte (PA), 23/09/1896, p. 4.

Folha do Norte, 10/03/1897, p. 1.

Jornal do Comércio, (Manaus, 1904-1909).

O Paíz (RJ), 2/04/1908, p. 1.

O Paíz (RJ), 27/04/1908, p. 2.

O Paíz (RJ), 19/01/1911, p. 8.

O Pará, 21/09/1898, p. 2.

Referências Bibliográficas

ABRAO, Janete Silveira. O Dois de Maio, a “Guerra de Independência” e a Memória manipulada durante a Guerra Civil e o Franquismo. In: Espanha: política e cultura. Organizadora Janete Abrão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

ALONSO, Maria Angeles Salles. La emigración española en America: historias y lecciones para el futuro. Fundacion Directa, 2009.

ARRUDA, Euler Santos. Porto de Belém do Pará: origens, concessão e contemporaneidade. Dissertação de Mestrado IPPUR/UFRJ. Rio de Janeiro, 2001.

BAHAMONDE, Ángel; MARTÍNEZ, Jesús A. Historia de España. Siglo XIX. 5 ed. Madrid: Cátedra, 2007.

CANCELA, Cristina Donza. A presença portuguesa em Belém: percepções circulação e experiências (1850-1920). In: Belém do Pará: história, cultura e cidade: para além dos 400 anos/ Maria de Nazaré Sarges, Franciane Gama Lacerda (Org.) 2. Ed. Ver. E ampl. – Belém: Açai, 2016.

CANCELA, Cristina Donza; GUIMARÃES, Luiz. Imigração e presença Portuguesa em Belém no século XIX: entre deslocamentos e pertencimentos (Pará-Brasil). História & Perspectivas, Uberlândia (59), jul./dez. 2018

CÁNOVAS, Marília Dalva K. Santos e a Imigração na Belle Époque. Os espanhóis – Cotidiano Urbano, Práticas associativas e Militância Política (1880-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 2017.

CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. Imigrantes Espanhóis na Pauliceia: Trabalho e Sociabilidade urbana. – São Paulo: editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2009.

CÁNOVAS. Marília D. Klaumann. Espanhóis na cafeicultura paulista, 1880-1930: protagonistas ou coadjuvantes. Revista História Hoje - Revista Eletrônica de História, Associação Nacional dos Professores Universitários de História, v. 2. 2005.

CRUZ, Ernesto. Ruas de Belém: significado histórico de suas denominações. 2ª ed. – Belém: CEJUP, 1992.

EMMI, M. F. Italianos na Amazônia (1870-1950): pioneirismo econômico e identidade. Belém: EDUFPA, 2008.

EMMI, Marília Ferreira. Raízes Italianas no Desenvolvimento da Amazônia, 1870-1950: Pioneirismo Econômico e Identidade. Tese de doutorado apresentada no Programa De Pós-Graduação Em Desenvolvimento Sustentável Do Trópico Úmido/ NAEA –UFPA, Belém, 2007.

FARIÑAS, María Vázquez. ROSSO, Javier Maldonado. Cádiz, ciudad vinatera entre mediados de los siglos XIX y XX. Revista de Estudios Regionales nº 109, 2017.

FERNADEZ, Roberto Ribao. A fotografia na revista vida galega: um silandeeiro universo de sentido. Tese doutoral, Departamento de Ciencias da Comunicación; Universidade de Santiago de Compostela, 2007.

FERREIRA, Rubens da Silva & COSTA, Erica Elaine. Compreendendo a Imigração Espanhola no Pará (1896 – 1899): um estudo a partir das passagens grátis como fonte de informação. In: TransInformação, V. 23, nº 1, 2011.

FONTES, Edilza Joana Oliveira. Preferem-se português(as): trabalho, cultura e movimento social em Belém do Pará (1885-1914). Belém: Edit. Aedi, 2016. E-book.

GEERTZ, Clifford. Interpretação das Culturas. 1 ed. 13 reimp. – Rio de Janeiro. LTC, 2008.

GONÇALVES, Paulo Cesar. Mercadores de Braços: riqueza e acumulação na organização da emigração europeia para o novo mundo. São Paulo; Alameda, 2012.

GONZALEZ Martinez, Elda. La inmigración esperada: La política migratória brasileña desde João VI hasta Getúlio Vargas. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2003.

HERNANZ, Germán Rueda. ¿Cómo se integraron en los nuevos países americanos los emigrantes españoles? In: ELASOCIACIONISMO EN LA EMIGRACIÓN ESPAÑOLA AAMÉRICA. Org. Juan Andrés Blanco Rodríguez. Uned Zamora, 2008.

LACERDA, Franciane Gama. Migrantes cearenses no Pará: Faces da sobrevivência (1889 – 1916). Belém: Ed. Açai/ Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia (UFPA)/ Centro de Memória da Amazônia, 2010.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, P. (org.) A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

LIMA, Aline Malcher; LOBO, Marcelo Ferreira. Jacobinos da Amazônia: Nacionalismo, trabalho e violência no Pará (1890-1920). Revista Maracanã, nº 16; Rio de Janeiro, jan. 2021.

LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. *Barbadianos negros e estrangeiros: trabalho, racismo, identidade e memória em Belém de início do século XX*. Tese – Universidade federal Fluminense, Departamento de História, 2013.

LIMA, Aline de K.M. A imigração espanhola na cidade de Belém: Um olhar a partir de documentos cíveis de casamento (1897-1920). Monografia de conclusão de curso, UFPA/FAHIS, 2014.

LOBO, Marcelo F. “Apesar de preto é cidadão”: trabalho, família e mobilidade de libertos no Brasil (Grão-Pará, 1796-1918). Tese de doutorado, Universidade Federal do Pará, PPGHIST, 2019.

LOPES, Marcio Nirlando Gomes; SOUZA, Everaldo B. de; FERREIRA, Douglas Batista da Silva. CLIMATOLOGIA REGIONAL DA PRECIPITAÇÃO NO ESTADO DO PARÁ. Revista Brasileira de Climatologia, v. 12, 2013.

MARTINEZ, Elda Gonzalez. Tres inmigrantes, cuatro centros, um periodico... Las asociaciones españolas em Brasil. In: El Asociacionismo em La Emigración Espanola a América. Org. Junta de Castila Y León, Juan Andres Blanco Rodriguez. Editora UNED – Zamora; 2008.

NUNES, Francivaldo Alves. “Sob o signo do moderno cultivo: Estado Imperial e agricultura na Amazônia”. Tese de Doutorado – Universidade Federal Fluminense, 2011.

OLIVEIRA, Adriano Craveiro de. Trabalhadores na Primeira República no Pará (1860-1930): estudos sobre organizações e greves de uma classe em formação. Dissertação de Mestrado; PPHIST/UFPA, 2019.

OLIVEIRA, José Ribamar Gomes de – De vila Cuera a Bragança - Editora Gráfica Amazônia; Belém, 2008.

OROVIO, Consuelo Naranjo; MARTÍNEZ, Elda Evangelina González. Notas bibliográficas sobre la migración española a América Latina en el siglo XX: El caso de Cuba y Brasil. Reis, Madrid, n.27, 1984.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Imprensa de imigrantes: vozes da colônia espanhola no Amazonas, 1901 – 1921. Navegar, vol.3, nº 4, Jan.- Jun. 2017

RALLE, Michel. A função da proteção mutualista na construção de uma identidade operária na Espanha (1870-1910). Cadernos AEL, 6 (10/11), 2010.

REIS, João José. A morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO, Gladys Sabina. A liberdade em construção. Identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado. Rio de Janeiro: FAPERJ/Relume Dumará, 2002.

RIBEIRO, Gladys Sabina. Mata Galegos: Os portugueses e os conflitos de trabalho na República velha. Editora Brasiliense; coleção Tudo é História. São Paulo, 1990.

RODRIGUES, Jones R. S. La Construcción del Ferrocarril Madeira–Mamoré y el Caribe Inglés: la Primera Inmigración Negra Libre para Brasil. Vegueta: Anuário da Faculdade de Geografia e História, nº 11, 2009-2010.

RODRÍGUEZ, Juan Andrés Blanco. Emigración Y Asociacionismo Español En Brasil. In: NAS DUAS MARGENS. OS PORTUGUESES NO BRASIL Organizadores Fernando de Sousa, Ismênia de Lima Martins, Izilda Matos. Porto: Ed. CEPSE. 2009.

SALES, Mábila Aline Freitas. Negócios e negociantes lusitanos: o comércio dos portugueses em Belém nos meados do Oitocentos. Tese (Doutorado em História Social), Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2017.

SANJAD, Nelson. Exposições internacionais: uma abordagem historiográfica a partir da América Latina. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.24, n.3, jul.-set. 2017.

SANT’ANA, Fabiana Lemos. A IMIGRAÇÃO HAITIANA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO. Monografia apresentada ao Departamento de Geociências da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, 2017.

SANTIAGO, Marcelo X. Fernadéz. Asociacionismo Gallego en América, 1871-1960. In: EL ASOCIACIONISMO EN LA EMIGRACIÓN ESPAÑOLA A AMÉRICA. Org. RODRÍGUEZ, Juan Andrés Blanco; Ed. UNED Zamora. Salamanca, 2008.

SARGES, Maria de Nazaré. “A Galícia paraense: imigração Espanhola em Belém”. In: T(r)ópicos de História; Gente, espaço e tempo na Amazônia (séculos XVII a XX). ALONSO, José Luis Riz-Peinado; CHAMBOLEYRON, Rafael (org.). Belém; Açaí, 2010.

SÁRGES, Maria de Nazaré. “As corridas de touros e as associações de migrantes galegos: a construção do imaginário ibérico na “Nova Jerusalém” (Belém XIX/XX)”. In: José Luís Ruiz Peinado (org.). Atlântico imaginado: fronteiras, migrações e encontros. 1ª ed. Madrid: Ministério do Trabalho e Imigração – Subdireção Geral de Informação Administrativa e Publicações, 2010.

SARGES, Maria de Nazaré; GOMES, João Arnaldo. Os Espanhóis na cidade De Belém: Conflitos e Solidariedade. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 11, ano XI nº 1, janeiro - junho de 2014.

SARMIENTO, Érica. Associativismo Espanhol/Galego no Rio de Janeiro: conflitos, visibilidade e lideranças étnicas. In: Fernando de Sousa; Ismenia Martins; Lená Medeiros de Menezes; Izilda Matos, Jobson Arruda; Nazaré Sarges; Vera Ferlini. (Org.). PORTUGAL E AS MIGRAÇÕES DA EUROPA DO SUL PARA A AMÉRICA DO SUL. 1ed. Porto: CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, v. 1, 2014.

SILVA Jr. Adhemar Lourenço da. As sociedades de socorros mútuos: estratégias privadas e públicas (estudo centrado no Rio Grande do Sul – Brasil, 1854-1940). Tese de doutorado apresentada ao PPHIST -PUC/Rio Grande do SUL. 2004

SILVA, Alexandra Lima da. “Inhospitálios Parajes”: representações da Amazônia no relato de viagem do inspetor espanhol D. Leopoldo D’Ozouville. Revista Estudos Amazônicos, Vol. VII, nº 1, 2012.

SILVA, João Paulo da. Espanhóis no Interior de São Paulo: múltiplas possibilidades de incorporação. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP. 2020.

SILVA, Moiseis Emerson. A Hospedaria de Imigrantes do Outeiro; cotidiano e funcionamento (1894-1903). Monografia de conclusão de curso; Faculdade de História, Universidade Federal do Pará, 2013.

SMITH JÚNIOR, Francisco Pereira. Imigração espanhola na Amazônia: as colônias agrícolas e o desenvolvimento socioeconômico do nordeste paraense (1890-1920). Tese (doutorado) Núcleos de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Tropicó Umido, Universidade Federal do Pará. – Belém, PA, 2012.

SOARES, Karol Gillet. As formas de morar na Belém da Belle-Époque (1870-1910). Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2008.

SUZIN, Giovana Moraes. Os bailes na São Paulo do século XIX e chegada do XX: sociabilidades e contravenções. Anais do 30º Simpósio Nacional de História. ANPUH, Recife, 2019.

TEIXEIRA, Luciana Guimarães. The Port of Pará: o porto da história Amazônica. In: XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR, Salvador. Anais do ENA, 2005.

THOMPSON, John Patrick. A guerra civil na Galiza: o descobrimento das valas comuns e os romances da guerra civil como contra-discursos do esquecimento imposto. GZeditoria nº11, 2005.

TORRE, Matías Rodríguez da; BAHAMONDE SILVA, Xosé Manuel. A repressão franquista na língua galega. A desfeita de uma realidade linguística, cultural e nacional. Caracol n. 11: (jan-jun) Dossiê 80 anos da Guerra Civil Espanhola: leituras e releituras, 2016.

VAQUINHAS, Irene. “Fora galego!” Um caso de antilusitanismo no Pará na década de setenta do século XIX. Revista Estudos Amazônicos, vol. X, nº 2, 2013.

VILA, Pila Cagio. GALICIAN INITIATIVES ON MIGRATION MEMORY. Americanía. Revista de Estudios Latino americanos. Nueva Época (Sevilla), n.12, jul-dic, 2020.

VISCARDI, Claudia M. R. O Ethos mutualista: valores, costumes e festividades. In: Organizar e Proteger; Trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil. (Org.) BATALHA, Claudio H. M; MAC CORD, Marcelo. Campinas, São Paulo: editora da Unicamp, 2014.

Anexos

Reportagem de Lisardo Díaz sobre os vinte anos do Centro Galaico do Pará.

(Frente)

Como laboran los ausentes

LA OBRA PATRIÓTICA DEL CENTRO GALAICO DEL PARÁ

Por Lisardo Díaz

Hace aproximadamente veinte años que fué fundado en esta ciudad de Santa María de Belem do Pará el «CENTRO GALAICO» y si hacemos un pequeño exámen de su vida, son muchos los beneficios que ha prestado a la colonia en general, residente en este Estado de la federación Brasileña, así como nunca dejó pasar sin la debida exaltación los hechos gloriosos de nuestra patria y los de la adorada región, que nos sirvió de cuna.

Serian infinitos los hechos de afirmación española por este «CENTRO» realizados, si aqui en esta pequeña reseña pretendiese hacerlos públicos; con todo no dejaré de mencionar algunos de los más salientes, los que por si solos son una prueba evidente de la fecunda actuación en el seno de la colonia.

Cuando algunos centenares de compatriotas, engañados por

A Irene Roa le dieron calabazas

UN CANTO NO PREMIADO

Acaso no os hayais olvidado de Irene Roa. El poeta de Saturno estuvo en comunicación con nosotros durante la pasada primavera. Nuestras páginas transmitieron a nuestros lectores sus trovas sobre asuntos terráqueos. Alguna beldad depositó en nuestras maros sus abanicos para que el distante bardo los maculase con sus ditirambos. Y alguna sensible dama nos envió con tal objeto docenas de postales.

Este éxito debió decidir a Irene Roa a probar fortuna en más altas empresas. Se anunció por entonces un certamen en Orense. El poeta quiso, en tal ocasión, cantar a Galicia. Y nos sugirió su «Oración del repatriado». Estas oraciones no deben de ser de las que llegan al cielo de los Jurados. Los del torneo de Orense—que hasta ahora no hemos logrado saber quienes eran—no le dieron el premio porque el premio no se lo dieron a nadie. Ningun poeta concurrente supo cantar a Galicia a gusto del Jurado. Tampoco le adjudicaron ninguno de los accesits. Los accesits se quedaron en Orense. Irene Roa no sabe decir si esto estuvo bien o si estuvo mal hecho, porque solo

agentes de muy poco escrúpulo, habian embarcado en Cuba en el vapor «Amanda» con promesas de grandes sueldos y ventajas que nunca les dieron ni les podían dar, para la construcción de la línea férrea Madeira-Mamoré y habiendo llegado al puerto de esta ciudad, después de un viaje sumamente accidentado, hartos de privaciones y crueles tratamientos, solo comparables a los descritos por Dante en su Divina Comedia, este Centro Galaico del Pará fué un oasis para estos pobres compatriotas, que ni querían dejarlos desembarcar, siendo preciso la intervención de nuestro cónsul para conseguirlo. Nuestra querida institución los instaló en el seno social y los sostuvo por espacio de largo tiempo, facilitándoles la manutención así como lo necesario para la vida, hasta que todos se fueron reintegrando a la vida ordinaria, no desamparándoles nunca hasta que no fué menester la ayuda.

En 1909, por ocasión de la celebración en Santiago de Compostela de la Exposición regional Gallega, la cual fué presdi-

Vida gallega: ilustración regional: Año XVIII Número 323 - 1926 noviembre 20, p. 9-10.

Reportagem de Lisardo Díaz sobre os vinte anos do Centro Galaico do Pará.
(Verso)

VIDA GALLEGA

da por el ilustre gallego D. Pedro Pais Lapido de grata recordación, este Centro llevó la representación de la colonia de este Estado, habiendo obtenido los espositores medallas y distinciones honoríficas de alto valor. Al Centro le fué conferida medalla de cooperación. En este certamen de aportaciones de valores de Galicia se evidenció lo mucho que vale y se hizo un tanteo de las posibilidades de que seríamos capaces con una buena orientación. Lástima que tanta energía se haya desperdiciado, sin haberla aprovechado por no saberla encauzar los llamados a eso.

En el tricentenario del inmortal Cervantes celebre un acto solemnisimo presidido por nuestro consul en este Estado y asistido por todos los consules Hispano-Americanos, así como miembros de destaque, de lo más selecto de la intelectualidad Brasileira. En esta oportunidad se inauguró, en un precioso retrato al óleo, la figura del Manco de Lepanto. Fué también inaugurado, en el lugar de honor, el retrato en rica tela de D. Alfonso XIII.

En la memoria de todos están presentes, las fiestas que se hicieron por ocasión del «raid» Palos-Buenos Aires, las que sin lisonja alguna, constituyeron la máxima apoteosis que se podría hacer a un ciudadano que realizase un hecho glorioso, digno de enaltecimiento de nuestra patria. Por ser un hecho excepcional, así lo reconoció nuestro gobierno por medio de un real orden de agradecimiento.

Recientísima también está la recepción que aquí se le hizo a los aviadores Argentinos del vuelo New-York-Argentino, más como ahora sea oportuno, más una vez se hace público que, cuando los aviadores estaban perdidos en la Isla de Maracá, «infierno de Maracá» como le llamó Olivero, uno de los aviadores del «raid», el Centro Galaico por intermedio de su Presidente que lo era al tiempo el esclarecido compatriota D. José Pérez Guerrero, ofreció espontáneamente en nombre del Centro, costear la gasolina que fuese necesaria; a los Aviones del Estado para ir a buscarlos. Este ofrecimiento no se aceptó por que los aparatos no estaban en condiciones de grandes vuelos que eran necesarios para tal fin.

Todas las ocasiones que se le presentaron nunca esta institución las dejó pasar inadvertidamente. El enaltecimiento de España es el lema que la guía y la región que añoramos, la enaltecemos siempre que haya oportunidad para eso.

Además de lo manifestado, procura dar ocupación a los desempleados y también nunca falta, ni faltó con socorros far-

macéuticos y auxilios médicos a los que necesitan, inter-nándolos en casas de salud al efecto contratadas. No hace mucho sostenía una escuela de instrucción que actualmente no funciona por falta de alumnos. Debo de manifestar, y con la mayor satisfacción lo digo, que entre el número de socios apenas si existen analfabetos. Actualmente no hay ninguno, lo que es una prueba evidente de que no hay tanto atraso, como muchos de la forjada «leyenda negra», se atrevan a manifestar para denigrar a nuestra región.

El día 25 de Julio de todos los años nos reunimos los gallegos en el seno social para conmemorar el aniversario de la fundación, así como también para solemnizar el día de nuestro Santiago.

Actualmente el «Centro» está instalado en la aristocrática Avenida de Nazareth, la mejor de esta capital, en sede propia, con mobiliario mandado hacer expreso. La mesa de la presidencia es de rica caoba cubierta de cristal en la que están grabados por excelente artista los escudos de las cuatro provincias de Galicia, así como en el centro, el de la región.

Está próximo a inaugurarse un magnifico retrato al óleo, en tamaño natural, del Rey, hecho por el ilustre y celebre pintor Peruano Manuel B. Ortiz. El 25 de Julio del corriente año, también se inauguró una tela al óleo del General Primo de Rivera. Fué oferta de un grupo de socios teniendo por iniciadores dos entusiastas asociados.

También el «Centro» posee una magnífica biblioteca, con más de 3000 volúmenes de obras españolas y algunas extranjeras. Están encerrados en cinco artísticas y ricas vitrinas que se denominan Rosalía Castro, la que le da el nombre a la biblioteca, Sofía Casanova, Concepción Arenal, Emilia Pardo Bazán y Curros Enríquez.

Muy lejos de la patria ausente, sentimos muy hondo el cariño hacia ella, y este «Centro Galaico del Pará», es un templo en el cual todos, sin excepción, nos juntamos para enaltecerla, elevándola cada vez más en el concepto que es ya tenida en estas luengas tierras.

Lisardo Díaz González
CORRESPONSAL

Belem Octubre 1926

conoce una de las poesías agraciadas. Pero hemos creído adivinar en sus gestos cierta mortificación por el desden con que fué considerado su trabajo. Y a ruego suyo lo publicamos, ya que no podemos substraernos a cumplir este deber de cortesía con quien pulsó su lira, nada menos que en Saturno, para cantar a Galicia en tonos de encendido lirismo y con los altos vuelos naturales en quien de tan lejos tiene que comunicar sus pensamientos.

No vea nadie en nuestra amabilidad con Irene Roa ánimo de censurar a nuestros buenos amigos los ejecutores del certamen de Orense. Irene Roa no dice ni lo decimos nosotros tampoco—que su composición sea mejor que las premiadas. Quiere decir que eso fué lo que hizo por cantar a Galicia y que no se avergüenza de mostrarlo tal cual es, aunque se lo hayan torpedeado. Si todos los escritores que concurren a los certámenes siguiesen este ejemplo, se acabaría con las habillas callejeras, siempre propicias a dejar en mal lugar—sin duda alguna injustamente—la equidad de los Jurados.

Canto a Galicia

Oración del repatriado.

El día grande fué. Como un espejo volviose el mar gigante
Gritaron las gaviotas. Al instante todo el oro del sol se hizo un reflejo para marcar, distante, junto a la costa hirsuta, el final de la ruta.

Y alzándose la bruma costanera, que es incentivo y velo y que es caricia, así como un joyel que refulgese a la luz encandada de la aurora y brillo y gracia y colorido fuese; trocando en hecero lo que fué quimera del alma soñado, a que llegaba, viajera, a hacer de un ideal una delicia, radiante de verdor surgió, señera, esmeralda entre espumas, la señora del mar: nuestra Galicia.

Volvió el luchador. Sobre la frente la nieve de las sierras de la vida azarosa. Encendida en el pecho creyente, la cegadora hoguera del amor a la patria. El corazón, que relicario de sus ansias fuera, mirando al claro cielo, agradecido, todo él convertido en filial oración.

«¡Salve, patria adorada, a donde viene a hacer mi pobre vida la última jornada!

¡Salve, santo camino por donde ha de ir, rendida, mi alma a su destino!

¡Salve, esperanza hermosa de las noches crueles de mi vida afanosal

¡Dios te salve, adorada patria mía, y haga con miel de mieles, en el ensalmo de esta epifanía,

Galicia

Por J. de la Luz León.

Un gallego que reside en la Habana, ha luengos años, en carta reciente, me dice entre otras cosas:

— «Siempre que me acuerdo de mi tierra, me acuerdo de usted y vería con gusto, que V. la conociera bien, Galicia es pe-

Vida gallega: ilustración regional: Año XVIII Número 323 - 1926 noviembre 20, p. 9-10.

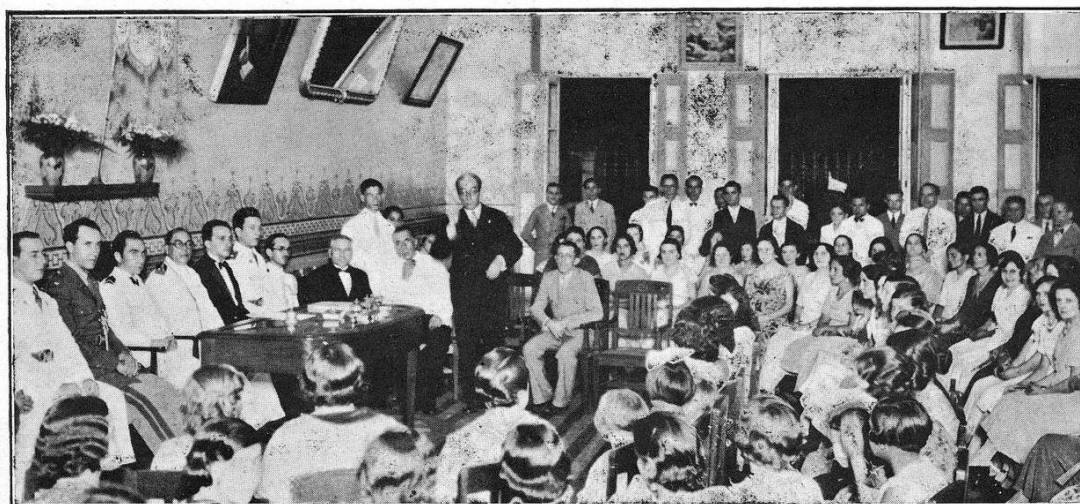
Salão de Festas do Centro Galaico do Pará



BELEM (Pará) —Salón de sesiones del *Centro Galaico*, que contiene valiosas obras de arte

Vida gallega: ilustración regional: Ano XVIII Número 324 - 1926 novembro 30, p.16.

Conferencia do Capitão Iglesias no Centro Galaico do Pará



Belem (Pará).— En el *Centro Galaico*, entusiasta sociedad de brillantísimo historial, dió una notable conferencia el glorioso aviador gallego capitán Iglesias, jefe de la expedición española que explorará el curso alto del río Amazonas.

Vida gallega: ilustración regional: Año XXVI Número 595 - 1934 junio 10, p.17.

Artigo de Lisardo Díaz sobre a expedição do Capitão Iglesias

Vida Gallega

:-: Los gallegos triunfantes :-:

La expedición del capitán Iglesias al Amazonas

PROCEDENTE de Leticia, vía Manaos, llegó al Pará el Capitán aviador del ejército español y ex miembro de la comisión administradora del trapecio, de la zona en litigio, entre el Perú y Colombia.

La colonia española del Pará, al saber de la llegada de tan ilustre personalidad y héroe con el capitán Jiménez, del magnífico vuelo Sevilla-Bahía, en el Jesús del Gran Poder, se aprestó para recibirlo condignamente.

La colonia en peso y teniendo al frente el Sr. honorable Vice-Cónsul de España en el Pará, D. José Pérez Guerrero, le recibió dignamente a bordo del «Baependy», y una vez que desembarcó, una caravana automovilista compuesta de más de treinta coches le acompañó hasta el Hotel de la Paz, que es donde quedó hospedado.

Todas las autoridades locales, sin distinción, le han agasajado y obsequiado de una manera extraordinaria.

La Sociedad Unión Española de socorros Mútuos, le recibió en una fiesta que se realizó el 2 de Mayo, y a la cual asistió la mayoría de la colonia.

El capitán Iglesias Brage, ferrolano ilustre, es el jefe de la expedición española que vendrá al Amazonas, en el próximo año.

La expedición será lo más completa posible, y se espera que su resultado, constituya un timbre de orgullo para España. El buque que la conducirá será el ARTABRO, nombre el cual, para todos los gallegos es un timbre de honor, pues los artabros han sido de los primitivos pobladores de Galicia.

El destino se cumple. También Colón, nuestro antepasado, bautizó con el nombre de Santa María, una de sus tres carabelas que hicieron el descubrimiento de América.

Siendo nuestro paisano, el glorioso capitán Iglesias, no podía el CENTRO GALAICO DEL PARÁ, quedar insensible a su llegada a esta ciudad y, con ese motivo, nuestra sociedad regional celebró una fiesta que resultó de un brillo inexcusable, realizando en su homenaje un acto solemne de grata recordación.

Con la presencia del ilustre representante del Interventor federal, Mayor Magalhaes, el Comandante Pina, inspector del arsenal de marina y jefe de la flotilla de guerra del Amazonas, la representación del Perfecto municipal, el representante del general inspector de la octava región militar, del jefe de policía, la fuerza pública, y muchas más representaciones relevantes, se realizó el acto que constituyó un homenaje cumbre al ilustre capitán.

A las 9 de la noche, abrió el acto el muy ilustre presidente del Centro y actualmente Vice-Cónsul de España Sr. D. José Pérez Guerrero, pasando la presidencia del acto al Capitán Iglesias.

Seguidamente, el Sr. Dr. en derecho D. Remigio Fernández, en nombre del Centro y en calidad de orador oficial, saludó al capitán en tonos vibrantes y de un patrio-

tismo inexcusable, oyendo al finalizar una salva de aplausos atronadores.

Continuando los trabajos, la Srta. Lolita Pérez Guerrero entregó al capitán Iglesias el diploma de socio honorario del Centro, manifestando la satisfacción de ser ella la que le entregase título tan preciado. En esta ocasión, el Capitán agraciado con tan honorable título, profirió unas palabras que emocionaron profundamente el selecto auditorio: sus manifestaciones de profundo galleguismo, llevaron al ánimo de los presentes la convicción y lo sincero de sus manifestaciones.

También se extendió en aclaraciones sobre los futuros trabajos de la expedición, diciendo que algunas manifestaciones que alguien había hecho, desvirtuando los futuros trabajos de la expedición, incluso el decir que tenía carácter guerrero, no era la expresión de la verdad; la expedición tenía carácter eminentemente científico, y era únicamente con el fin de ensanchar más los conocimientos humanos para bien del mundo entero y mayor gloria de España.

La expedición tendrá su más árdua labor en las nacientes de los diversos tributarios que dan origen al mayor río de la tierra, que como se sabe nace en las estribaciones de la cordillera de los andes. Los trabajos de la misma serán hechos en cuatro naciones: Ecuador, Colombia, Perú y Brasil.

El capitán Iglesias fue oído con religiosa atención hasta en sus más mínimos detalles; siendo al final muy aplaudido y felicitado. También, en nombre de los socios del Centro, le saludó el Sr. Lisardo Díaz, que profirió una elocuente oración improvisada, siendo del agrado de la concurrencia.

Durante la celebración del acto, fueron ejecutados el Himno Regional Gallego, el de la República Española y el Brasileño.

Después, una afinadísima orquesta, ejecutó un programa de baile lo más selecto posible, terminando la fiesta en un ambiente de armonía y alegría, lo más grato que darse podía, a las altas horas de la madrugada.

También le recibió el instituto Histórico y Geográfico del Pará, con un acto brillantísimo que tuvo lugar el día 10 del corriente, en su sede social.

La permanencia del Capitán Iglesias en esta ciudad constituyó un éxito para el glorioso capitán, y también para la nación española, pues con ese motivo, se tributaron manifestaciones de aprecio y cariño a nuestra patria que de hecho son un timbre de orgullo y satisfacción para todos nosotros.

La comisión de festejos de la colonia, a cuyo frente se hallaba el digno Vice Cónsul D. José Pérez Guerrero, que en todo momento ha sido incansable. Merece los mayores elogios.

Lisardo Díaz González

A colônia espanhola no Pará pelo periódico *Vida galega*.

Vida Galega

Los gallegos en el Brasil. — El Centro Galaico de Pará



PARÁ (Brasil).—Grupo que cantó el "Himno Regional Gallego", en la fiesta del "Centro Galaico".

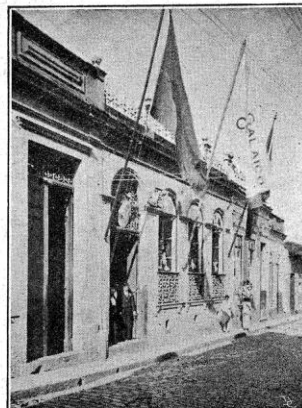
De izquierda á derecha del lector: en pie, Sres. Arturo Fernández, Ceferino Lorenzo, Lisardo Díaz, Daniel Iglesias, José J. Iglesias, Fortunato Rivas, Hermenegildo Rodríguez Cabanas, Celestino Ordoñez, Elias A. Agrafojo y Alfredo Vázquez. Sentados, José Esteve del Río (presidente del *Centro Galaico*), doña Josefa Paradelá Gómez, señoritas Rocio Rodríguez Paradelá, Conchita Alonso, Veneranda Rodríguez Paradelá, Carmen Fernández y Marcelino González, maestro que orquestó el himno y dirigió orquesta y voces.

Está visto. No hay avivador del patriotismo tal como el aislamiento y la distancia.

El día del Apóstol, que es el día español en muchos sitios donde nuestros conterráneos viven en la emigración, los gallegos residentes en el Pará se reunieron para celebrar la entrega de varias banderas á dicha Sociedad, generoso obsequio éstas de varios de los socios.

El himno gallego, que aquí tan poco se conoce, fué magistralmente ejecutado por un selecto coro dirigido por el entusiasta maestro D. Marcelino González.

También en esta organización del coro tomó parte muy activa nuestro querido amigo y representante en el Pará don

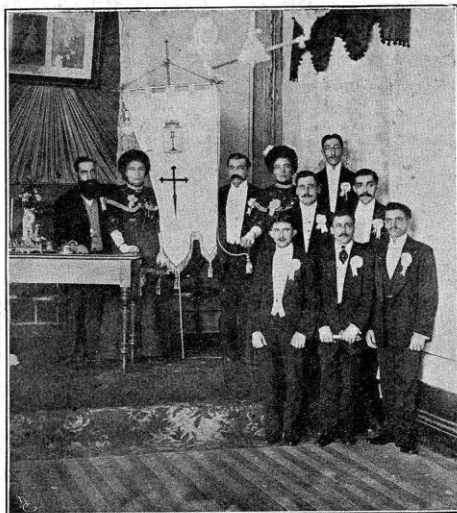


PARÁ.—Edificio que ocupa el "Centro Galaico". Luce las banderas española, gallega y brasileña

José Esteve del Río, contra cuya modestia van á ir parte de nuestras líneas.

Pese al silencio que el Sr. Esteve del Río quiere guardar alrededor de su obra, á la que él se cree obligado, es lo cierto que sus entusiasmos son alabados por cuantos gallegos llegan á Galicia procedentes de aquella parte del Brasil y nos dan noticias de los grandes progresos del *Centro Galaico*, por el cual vela el Sr. Esteve, como un ejemplar padre de familia velaría por un hijo.

Nosotros queremos hacerlo constar así, enviando nuestro saludo á todos los buenos gallegos del *Centro Galaico*, y especialmente á su digno y brioso presidente, que no porque se halle íntimamente unido á nuestra obra debe dejar de recibir nuestra felicitación calurosa y entusiasta.



PARÁ.—Grupo de socios del "Centro Galaico", que mandó hacer y regaló el estandarte que aparece en la fotografía

De izquierda á derecha: en el fondo, José Esteve del Río, Josefa Reigada, Benito Pérez (que sostiene el estandarte y fué el iniciador del regalo), Gabriela Reigada y Manuel García Miguez. En el segundo plano, José Mirón Ramos y José García. En primer término, Perfecto Rajo Fortes, Maximiano Mirón Ramos y José Rodríguez Estévez.



PARÁ.—Grupo de oferentes de las tres banderas que se estrenaron el día 25 de Julio último

De izquierda á derecha, Manuel Garrido Cavadas (que sostiene la bandera del Brasil), Emilio Pazo Pereira (con la bandera gallega), Elias A. Agrafojo (con la bandera española).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O/A senhor/a está sendo convidado/a a participar de uma pesquisa de MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL NA AMAZONIA na UFPA, cujo objetivo consiste em revelar por meio da História, como era a formação, funcionamento e articulação social e política dos centros associativos espanhóis na cidade de Belém como a União Espanhola de Socorros Mútuos e o Centro Galaico del Pará ao longo do século XX, realizada pela pesquisadora Aline de Kassia Malcher Lima, sob a orientação da Prof. Dr. Fracivaldo Alves Nunes. Ao aceitar fazer parte desta pesquisa, o/a Sr/a estará autorizando que seu nome seja identificado e citado na pesquisa. Caso não queira participar, não haverá nenhuma penalização. Ao final da pesquisa, os dados serão analisados, interpretados, e posteriormente transcritos, para a elaboração de trabalho de dissertação, relatórios e/ou artigos científicos. Assim, atendendo aos critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, peço-lhe que assine seu nome e responda as perguntas do roteiro da entrevista a seguir. Obrigada.

Nome: Manuel Malvar Gonzalez

Assinatura: Manuel Malvar Gonzalez

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

PESQUISA SOBRE CENTROS ASSOCIATIVOS ESPANHÓIS AO LONGO DO SÉCULO XX.

1. Nome _____
2. Idade – em que ano você chegou em Belém?
3. O que lhe motivou vir ao Brasil?
4. Como foram os primeiros meses na cidade de Belém?
5. O senhor/a conhecia os centros associativos espanhóis como a União espanhola de Socorros Mútuos e o Centro Galaico del Pará ?
6. O senhor/a se associou a outras instituições étnicas ou sindicais?
7. Quais eram as atividades que o senhor/a exercia nestes lugares?
8. Que tipo de auxílios esses lugares proporcionava ao senhor/a?
9. Sobre a Biblioteca do Centro Galaico del Pará como era o seu funcionamento?
10. Era aberta para todos (público em geral) ou somente para os sócios?
11. Sobre o processo de instrução nos centros associativos espanhóis como era realizado?
12. Como eram as festas que os centros associativos espanhóis promoviam?
13. Com que frequência eram realizadas as reuniões e assembleias o que era debatido nela de forma geral?
14. Qual era a relação do Centro Galaico del Pará com os outros centros associativos?
15. Como era a comunicação com outras sedes de Centro Galaico pelo mundo?
16. O Centro Galaico del Pará alugava com frequência seu espaço por qual motivo?
17. Nos registros do Centro Galaico figuras ilustres são mencionadas como a passagem de Carmem Franco filha do General Francisco Franco no ano de 1966, o senhor/a se recorda desta visita? Como foi a recepção da comunidade espanhola a ela?
18. Qual era o envolvimento dos centros associativos espanhóis em temas políticos?
19. Até que ano os centros associativos espanhóis estiveram funcionando?
20. Na sua opinião que motivo levou ao fim os centros associativos espanhóis?
21. Após o fechamento dos centros associativos espanhóis os membros chegaram a se reunir novamente?
22. Nos anos seguintes houve alguma tentativa de retomar as atividades?
23. Qual era a importância do Centro Galaico del Pará pra você?

